



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Lara Almeida Jales

Cartilha memória viva: um resgate do patrimônio cultural rural na comunidade Salobro em
Messias Targino-RN

PAU DOS FERROS

2025

Lara Almeida Jales

Cartilha memória viva: um resgate do patrimônio cultural rural na comunidade Salobro em
Messias Targino-RN

Monografia apresentada à Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Gabriela de Andrade Lira Mota
Assunção, Profa. Dra.

PAU DOS FERROS

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

J26c JALES, Lara Almeida.
Cartilha memória viva: um resgate do patrimônio
cultural rural na comunidade Salobro em Messias
Targino-RN / Lara Almeida JALES. - 2025.
161 f. : il.

Orientadora: Gabriela de Andrade Lira Mota
Assunção.

Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e
Urbanismo, 2025.

1. Patrimônio cultural. 2. Identidade. 3.
Memória coletiva. 4. Educação patrimonial. 5.
Arquitetura rural. I. de Andrade Lira Mota
Assunção, Gabriela, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

Lara Almeida Jales

**Cartilha memória viva: um resgate do patrimônio cultural rural na comunidade Salobro em
Messias Targino-RN**

Monografia apresentada à Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

Defendida em: 28 / 07 / 2025.

BANCA EXAMINADORA

Gabriela de Andrade Lira Mota Assunção, Prof. Dra. (UFERSA)
Presidente

Flávia Romênia Cortez de Oliveira, Prof. Me. (UFRN)
Membro Examinador externo

Luiz Antonio Ferreira Soares, Prof. (UFERSA)
Membro Examinador interno

Tamms Maria da Conceição Morais Campos, Prof. Dra. (UFERSA)
Membro Examinador interno

DEDICATÓRIA

Á minha avó Ozanete, que sempre me contou histórias sobre sua morada no Salobro, mas que hoje só pode reviver as lembranças, já que a casa onde morou já não existe mais.

EPÍGRAFE

“Lugar de simplicidade
De muita recordação
Pra muitos sem um valor
Pra outros vale milhão”
(Pedro César Pereira de Almeida, 2025)

AGRADECIMENTOS

À Deus que, pela interseção de São Miguel Arcanjo, me concedeu forças para vencer as batalhas nos meus dias mais difíceis e por ser guia dos meus passos mais importantes até a reta final da faculdade.

Aos meus pais pelo apoio incondicional. Vocês foram minha base para conseguir terminar este trabalho. Obrigada mãe por sempre me lembrar que é preciso ter calma e tempo para tudo. Tempo para levantar da cadeira e comer; tempo para descansar e tempo para estudar. Obrigada pai por sempre apoiar meus sonhos e acreditar na minha capacidade.

À minha avó Ozanete, por fornecer informações importantes, por ter me acompanhado e ter feito essa pesquisa possível. Obrigada por sempre acreditar no meu sonho de ser arquiteta e por me ensinar, que a educação é a chave para grandes conquistas. Você é meu grande exemplo da docência.

À minha professora e orientadora Gabriela Assunção, por acreditar no potencial e riqueza do meu trabalho. Agradeço profundamente por tudo o que me ensinou e por todo o apoio e oportunidades que me ofereceu ao longo dessa jornada.

Ao meu namorado, Erick, que me apoiou e foi minha resiliência, me acalmando nos momentos que achei que não seria capaz de passar.

À Marina e sua família, que abriram suas portas e foram minha casa e família de Pau dos Ferros. Serei eternamente grata e levarei vocês para vida toda.

Aos meus amigos Dalila, Douglas, Karen, Marina e Vitoria que foram meu refúgio, deixando dias pesados mais leves e por sempre enxergarem em mim um potencial para educação. Minha mais sincera gratidão a vocês que vou levar para sempre. Aos meus presentes que o final desta graduação me deu: Guilherme, Hortência, Linda, Livia, Ricardo, Sérgio e Vitor, obrigada por todas as memórias afetivas criadas jamais esquecerei de vocês.

À minha amiga Joseane, pela generosidade e disposição em realizar as fotografias aéreas com o drone, minha sincera gratidão.

Agradeço aos moradores e proprietários da comunidade, que abriram suas portas para que eu pudesse fazer levantamento arquitetônico e fotográfico. Aos antigos moradores que me receberam muito bem em suas casas e me repassaram informações ricas para este trabalho.

RESUMO

O Patrimônio Cultural é constituído por bens materiais e imateriais que carregam um valor simbólico para a comunidade, representando a memória coletiva valorizada e concretizada pelas instituições ao longo do tempo. As comunidades sempre deixam marcas nos lugares onde vivem, podendo materializar nesses espaços a identidade coletiva. O objetivo deste trabalho é desenvolver uma cartilha educativa intitulada *Conhecer para Preservar*, utilizando como base a cultural da comunidade Salobro, no município de Messias Targino, Rio Grande do Norte. O conteúdo do produto foi elaborado, principalmente, com referência à BNCC (Base Nacional Comum Curricular), para ser aplicado em escolas de Ensino Fundamental I e II (alunos de 7 a 14 anos), a fim de que compreendam sobre educação patrimonial. A cartilha foi desenvolvida tomando como exemplo a Comunidade Salobro, sendo acrescida de atividades de fixação direcionadas ao público-alvo, como palavras cruzadas, desenhos e pinturas. Como etapa preparatória, foi realizado um pré-teste, em formato de folder, que serviu para avaliar a receptividade da proposta e orientar ajustes no conteúdo e no formato final. Além do produto principal também foi produzido um inventário das edificações destacando elementos da arquitetura rural, que registra informações importantes da história e arquitetura de cada uma das sete casas selecionadas. Para a elaboração da cartilha educativa e do inventário, foi necessário realizar levantamentos arquitetônicos e fotográficos, entrevistas, além de pesquisas bibliográficas gerais e locais, para resgatar e documentar a história do Salobro. A documentação dessa arquitetura rural se faz relevante para que existam registros para as futuras gerações e também a sensibilização da sociedade desde os anos iniciais para perpetuarem suas identidades e memórias coletivas para as futuras gerações.

Palavras-chave: patrimônio cultural; identidade; memória coletiva; educação patrimonial; arquitetura rural.

ABSTRACT

Cultural heritage consists of tangible and intangible assets that carry symbolic value for the community, representing the collective memory valued and concretized by institutions over time. Communities always leave their mark on the places where they live, potentially materializing their collective identity in these spaces. The objective of this work is to develop an educational booklet entitled "Knowing to Preserve," based on the culture of the Salobro community in the municipality of Messias Targino, Rio Grande do Norte. The content of the booklet was developed primarily with reference to the BNCC (National Common Curricular Base), to be used in elementary and middle schools (students aged 7 to 14) to promote an understanding of heritage education. The booklet was developed using the Salobro Community as an example, incorporating activities aimed at the target audience, such as crossword puzzles, drawings, and paintings. As a preparatory stage, a pre-test was conducted in the form of a folder to assess the proposal's receptiveness and guide adjustments to the content and final format. In addition to the main product, an inventory of buildings highlighting elements of rural architecture was also produced, recording important information about the history and architecture of each of the seven selected houses. The educational booklet and inventory required architectural and photographic surveys, interviews, and general and local bibliographic research to recover and document the history of Salobro. Documenting this rural architecture is crucial for ensuring records for future generations and for raising awareness within society from an early age, enabling them to perpetuate their identities and collective memories for future generations.

Keywords: cultural heritage; identity; collective memory; heritage education; rural architecture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do país, estado e do município de Messias Targino.....	17
Figura 2 - Recorte espacial da comunidade Salobro em Messias Targino/RN	21
Figura 3 - Exemplo de código de identificação do entrevistado	24
Figura 4 - Fachada e alpendre em 2008.....	31
Figura 5 - Alpendre.....	32
Figura 6 - Varanda.....	32
Figura 7 - Partes da casa de campo em 2008.....	33
Figura 8 - Territórios da cidadania do Rio Grande do Norte.....	34
Figura 9 - Exemplo de código de identificação do entrevistado	43
Figura 10 - Bandeira de Messias Targino/RN	44
Figura 11 - Imagem aérea caeira no sítio Salobro em 2025	44
Figura 12 - Casa próxima à Caeira em 2025 (construída na segunda metade do século XX) ...	45
Figura 13 - Exemplo de tear manual	47
Figura 14 - Escola no Salobro (construída por volta de 1927-28).....	49
Figura 15 - Residência de morador em 2025 (construída por volta de 1927-28).....	50
Figura 16 - Rota das edificações inventariadas das edificações	52
Figura 17 - Base que sustenta o moinho.....	56
Figura 18 - Casa de Hemetério antes.....	60
Figura 19 - Pátio próximo às áreas de serviço.....	62
Figura 20 - Vista para o pátio próximo às áreas sociais	62
Figura 21 - Armários e mesa	63
Figura 22 - Cristaleiras	63
Figura 23 - Casa de Abrigo Jales e paisagem ao redor.....	65
Figura 24 - Árvore de Tamarindo.....	66
Figura 25 - Torno em parede de taipa.....	68
Figura 26 - Oratório de madeira	69
Figura 27 - Crucifixo de madeira	69
Figura 28 - Baú de madeira	69
Figura 29 - Quadro na entrada na casa	74
Figura 30 - Paisagem do entorno da casa	75
Figura 31 - Vista aérea capela Mãe Rainha	75
Figura 31 - Vista aérea capela Mãe Rainha	75

Figura 32 - Casa de Genuíno antes.....	76
Figura 32 - Casa de Genuíno antes.....	76
Figura 33 - Cristaleira.....	78
Figura 33 - Cristaleira.....	78
Figura 34 - Oratório.....	78
Figura 34 - Oratório.....	78
Figura 35 - Armário.....	79
Figura 35 - Armário.....	79
Figura 36 - Cômoda.....	79
Figura 36 - Cômoda.....	79
Figura 38 - Cristaleira na sala de jantar.....	82
Figura 38 - Cristaleira na sala de jantar.....	82
Figura 37 - Mesa da sala de jantar.....	82
Figura 37 - Mesa da sala de jantar.....	82
Figura 39 - Vista aérea das edificações.....	83
Figura 39 - Vista aérea das edificações.....	83
Figura 40 - Aberturas de portas em diferentes casas.....	85
Figura 40 - Aberturas de portas em diferentes casas.....	85
Figura 41 - Vãos em diferentes casas.....	85
Figura 41 - Vãos em diferentes casas.....	85
Figura 42 - Janelas em diferentes casas.....	86
Figura 42 - Janelas em diferentes casas.....	86
Figura 43 - Pisos em diferentes casas.....	86
Figura 43 - Pisos em diferentes casas.....	86
Figura 44 - Zoneamento das edificações.....	87
Figura 44 - Zoneamento das edificações.....	87
Figura 45 - Tornos de rede em diferentes casas.....	88
Figura 45 - Tornos de rede em diferentes. casas.....	88
Figura 46 - Caritós em diferentes casas.....	89
Figura 46 - Caritós em diferentes casas.....	89
Figura 47 - Conteúdo do pré-teste.....	90
Figura 47 - Conteúdo do pré-teste.....	90
Figura 48 - Pré-teste desenvolvido no projeto de extensão.....	91
Figura 48 - Pré-teste desenvolvido no projeto de extensão.....	91

Figura 49 - Personagem do pré-teste	91
Figura 49 - Personagem do pré-teste	91
Figura 50 - Recorte espacial cidades de distribuição das cartilhas.....	92
Figura 50 - Recorte espacial cidades de distribuição das cartilhas.....	92
Figura 51 - Locais de distribuição em Pau dos Ferros	93
Figura 51 - Locais de distribuição em Pau dos Ferros	93
Figura 52 - Locais de distribuição em Encanto	93
Figura 52 - Locais de distribuição em Encanto	93
Figura 53 - Locais de distribuição em Messias Targino.....	94
Figura 53 - Locais de distribuição em Messias Targino.....	94
Figura 54 - Locais de distribuição em Marcelino Vieira, São Francisco do Oeste e Rafael Fernandes.....	94
Figura 54 - Locais de distribuição em Marcelino Vieira, São Francisco do Oeste e Rafael Fernandes.....	94
Figura 55 - Sobre a autora	95
Figura 55 - Sobre a autora	95
Figura 56 - Personagem da cartilha educativa.....	96
Figura 56 - Personagem da cartilha educativa.....	96
Figura 57 - O que vamos fazer	96
Figura 57 - O que vamos fazer	96
Figura 58 - Localização e lugares que vamos conhecer, respectivamente	96
Figura 58 - Localização e lugares que vamos conhecer, respectivamente	96
Figura 59 - Sobre o salobro e o que é patrimônio cultural	97
Figura 59 - Sobre o salobro e o que é patrimônio cultural	97
Figura 60 - Casa 01 - Apolinária	97
Figura 60 - Casa 01 - Apolinária	97
Figura 61 - Atividades de fixação.....	97
Figura 61 - Atividades de fixação.....	97
Figura 62 - O que aprendemos	98
Figura 62 - O que aprendemos	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro resumo dos procedimentos metodológicos	22
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOMOS	International Council on Monuments and Sites
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
QGIS	Quantum Geographic Information System

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	METODOLOGIA	21
2.1	Área de estudo.....	21
2.2	Procedimentos metodológicos	21
2.2.1	Pesquisas bibliográficas.....	22
2.2.2	Entrevistas estruturadas	23
2.2.3	Produção de mapas	24
2.2.4	Ficha de inventário – Edificação	24
2.2.5	Pré-teste e Cartilha Educativa.....	25
3	REFERENCIAL TEÓRICO	27
3.1	Patrimônio cultural.....	27
3.2	Arquitetura Rural	30
3.3	Arquitetura rural no Rio Grande do Norte	34
3.4	Identidade e memória coletiva	36
3.5	Educação patrimonial.....	39
4	O SALOBRO DOCUMENTADO	42
4.1	Economia local.....	43
4.1.1	A caeira.....	43
4.1.2	O algodão.....	46
4.1.3	A tecelagem....	46
4.1.4	A produção do queijo.....	47
4.2	Resgate da história e identidade de um lugar.....	48
4.3	Inventário dos imóveis e fala da comunidade.....	50
4.3.1	Casa 01 – Apolinária	53
4.3.2	Casa 02 - Casa dos Grossos	56
4.3.3	Casa 03 – Casa de Hemetério e Elisa	59

4.3.4 Casa 04 – Casa de Aprígio Rodrigues e Mariquinha.....	64
4.3.5 Casa 05 – Rafael Jales - Sebastião Calista e Florentina	70
4.3.6 Casa 06 – Genuíno.....	73
4.3.7 Casa 07 – Antônio Diniz.....	79
5 ANÁLISE COMPARADA	83
6 O SALOBRO GANHANDO VISIBILIDADE.....	90
6.1 O processo de construção da cartilha	90
6.2 Ação informativa nos municípios do Alto Oeste e Sertão Apodi	92
6.3 A cartilha educativa do Salobro	95
6.4 Considerações referentes à ação com a comunidade	98
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICES.....	107

1 INTRODUÇÃO

O patrimônio cultural é um conceito amplo que abrange elementos fundamentais para a preservação da memória e da identidade de uma sociedade. Segundo Carlos Lemos (1981), ele se divide em três grandes grupos, sendo o primeiro o patrimônio natural e o meio ambiente; o segundo com as técnicas do saber e do saber fazer e o terceiro com os bens culturais. Dentro desse contexto, os bens culturais incluem objetos, artefatos e construções originadas tanto do meio ambiente quanto das técnicas de saber fazer. Esses bens materiais representam a sociedade de uma época que reflete suas histórias, crenças e valores.

Nesse sentido, ao tratar dos bens culturais, é imprescindível considerar a relação entre patrimônio e memória. Afinal, são esses elementos que mantêm viva a identidade coletiva ao longo do tempo. A memória, para Jacques Le Goff (1990, p.410), “[...] é um componente fundamental daquilo que geralmente denominamos identidade, seja ela individual ou coletiva, e sua busca se configura como uma das atividades centrais dos indivíduos e das sociedades contemporâneas”.

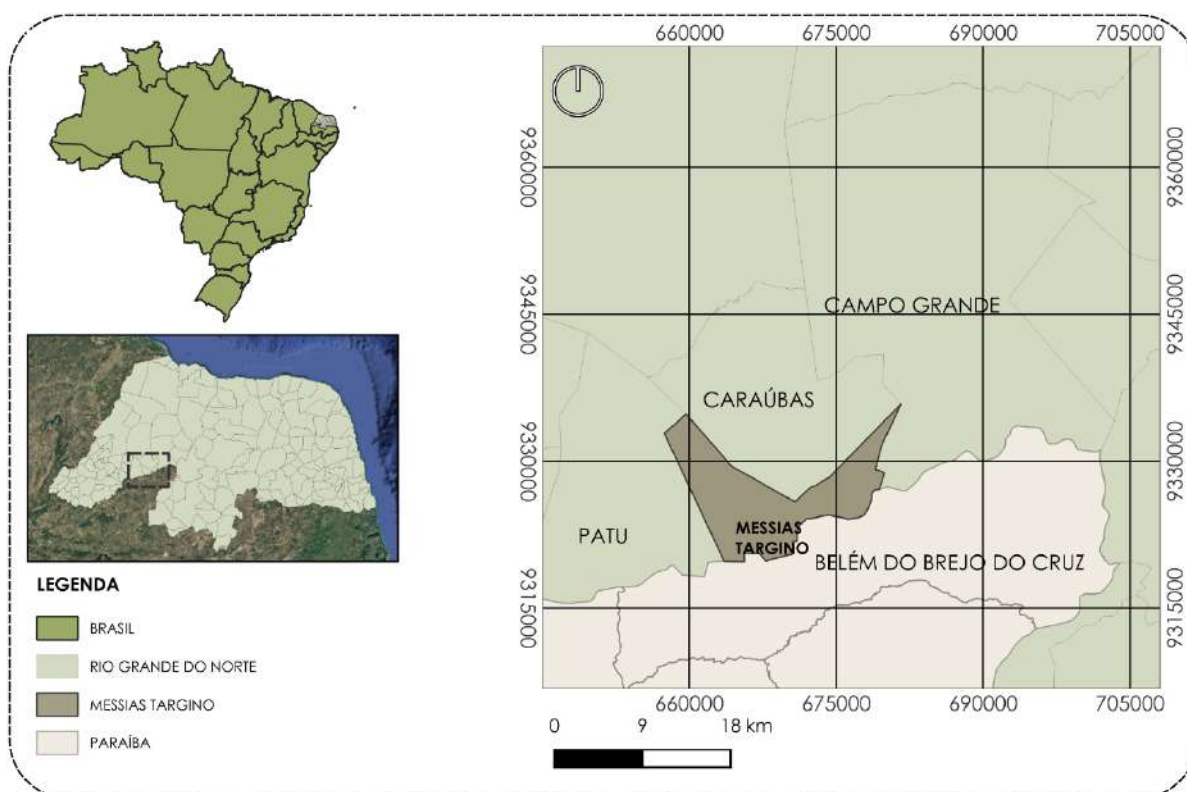
Maurice Halbwachs (1990), argumenta que a memória coletiva não é apenas uma soma de lembranças individuais, mas um fenômeno construído em torno dos grupos sociais. Ele destaca que as recordações individuais são moldadas e reconstruídas por meio de sua interação com os quadros sociais, que servem como suporte para as memórias comuns. Nesse sentido, pode-se dizer que a memória individual existe, ela não é isolada e por isso depende da validação dos grupos sociais, que reconhecem e sustentam os quadros que estruturam os acontecimentos compartilhados. Dessa forma, a memória coletiva não apenas preserva o passado, mas também atua como um mecanismo de coesão social, possibilitando que grupos e sociedades se reconectem com suas origens e consolidem suas identidades coletivas.

Diante do contexto, também é imprescindível a sensibilização sobre patrimônio cultural rural, pois como aponta Jean-Michel Dewailly (1998) o patrimônio rural abrange muito mais do que o aspecto exclusivamente agrícola. Ele resulta da interação contínua e harmoniosa entre os patrimônios natural e cultural, moldada por uma relação prolongada entre o ser humano e o meio ambiente. Sendo prevalecida de uma compreensão multidimensional desse patrimônio, que engloba variadas expressões, como arquitetura, festividades, saberes, artes tradicionais, idiomas regionais e lendas. O patrimônio cultural rural possui singularidades próprias que refletem na história e na memória coletiva de um

grupo social. Essas características são transmitidas por meio de práticas, saberes e tradições de grande relevância para os contextos sociais, e precisam ser preservadas ao longo das gerações para que as memórias coletivas, carregadas de significados importantes para a sociedade, permaneçam vivas.

Sob essa perspectiva, é válido destacar sobre o universo de estudo deste trabalho, o município de Messias Targino, que está localizado no estado do Rio Grande do Norte, a uma distância de 303 km da capital, Natal. Com uma população de 4.274 habitantes, conforme o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, o município ocupa uma área territorial de 147,608 km² (IBGE, 2022). Como é possível observar na figura 01, tem como limitantes territoriais Belém do Brejo do Cruz/PB, Patu/RN, Caraúbas/RN e Campo Grande/RN, como é possível observar na figura 01.

Figura 1 - Mapa de localização do país, estado e do município de Messias Targino



Fonte: Adaptado de IBGE (2022).

Segundo Diniz (2008), a cidade teve, em sua origem, a denominação de povoado Junco, por haver um mato predominante em uma lagoa localizada no sítio Junco de cima. O junco era muito utilizado para preencher colchões de cama, mas com o uso da espuma, esse material acabou perdendo sua utilidade. O então povoado desmembrou-se da cidade de Patu em 8 de maio de 1962, pela Lei Estadual nº 2.750 e tornou-se cidade,

substituindo seu nome posteriormente por Messias Targino, em homenagem ao fundador das primeiras terras da cidade, Messias Targino da Cruz, com o projeto de lei 4.103 de novembro de 1972 (Diniz, 2008).

No que diz respeito as práticas para salvaguardar bens materiais dentro dos limites do município, é evidente a disponibilidade do município em facilitar tombamentos, uma vez que foi publicada em novembro de 2023 a lei n.º 711/2023, que dispõe sobre a preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Natural do Município de Messias Targino, criando consoante a ela o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural e institui o Fundo Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural de Messias Targino. Na resolução cita o livro do tombo do município, no entanto não existem cadastros de tombamentos municipais. Em conformidade com essas informações disponíveis até o momento, não foram identificados registros de bens tombados no domínio estadual ou federal, cujos órgãos responsáveis são, respectivamente, a Fundação José Augusto (FJA) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Em termos de preservação é perceptível a tentativa, ainda pouco pertinente, de preservar edificações que fazem parte da identidade e memória da cidade. Aliado a isso, a problemática deste trabalho é voltada pela falta de informação e leis para os donos das propriedades rurais e residências na zona urbana. Sob essa perspectiva, dentro do limite de estudo da comunidade Salobro, foram identificadas reformas que comprometem a identidade da época em que as edificações foram construídas.

Aliado a isso, a zona rural de Messias Targino/RN foi uma área muito habitada e significativa para a história, identidade e memória coletiva de uma sociedade, evidenciando-se, assim, a necessidade de conservação desses bens, que são fundamentais para compreender a trajetória, histórica e social de um povo.

Para delimitar o contexto do resgate desses bens patrimoniais rurais, dentro deles está a comunidade Salobro, localizada na zona rural do município, que teve como critério o vínculo com a cidade de Messias Targino, local de morada da autora, cuja convivência com a comunidade se estabeleceu desde a infância, somado à preocupação com a preservação da identidade cultural que carece de registros e informações que valorizem o contexto histórico local.

A participação da zona rural na cultura da cidade teve grande protagonismo, uma vez que muitas pessoas moravam nas terras dos grandes fazendeiros ou possuíam pequenas áreas de terra. Aqueles que não eram fazendeiros precisavam trabalhar em serviços domésticos nas grandes propriedades. Além disso, existiam centros de

convergência, que eram casas de famílias que acolhiam e se divertiam com a presença de amigos e familiares que os visitavam (Diniz, 2008), situados em toda a zona rural, mas havia maior concentração na comunidade Salobro.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo principal propor uma cartilha educativa sobre o patrimônio material das propriedades da comunidade Salobro, situada no município de Messias Targino/RN, como forma de contribuir não apenas para a educação patrimonial da comunidade, mas também para a salvaguarda da história de uma época.

Para alcançar o resultado final serão estipulados alguns objetivos específicos como: 1) **Compreender** conceitos associados ao patrimônio cultural como chave de leitura de comunidade rural do Rio Grande do Norte; 2) **Identificar** a história e economia da comunidade Salobro em Messias Targino, contextualizando a produção de residências rurais estudadas; 3) **Analisar** bens materiais do Salobro por meio de inventários e perspectiva comparada; 4) **Elaborar** uma cartilha para articulação dos bens culturais locais com as atividades educativas juvenis de Messias Targino e cidades vizinhas.

O Capítulo 1, Introdução, apresenta os conceitos fundamentais sobre o patrimônio cultural, com foco em suas expressões no meio urbano e rural, além da contextualização da escolha da comunidade Salobro como objeto de estudo. O Capítulo 2, Metodologia, descreve a área de estudo e os procedimentos adotados na pesquisa, como a produção de mapas no QGIS, a elaboração da ficha de inventário arquitetônico, entrevistas estruturadas com moradores e ex-moradores, a realização de um pré-teste e o desenvolvimento da cartilha educativa.

O Capítulo 3, Referencial Teórico, fundamenta os conceitos de patrimônio cultural, identidade, memória coletiva, arquitetura rural e educação patrimonial, com base em autores como Halbwachs (1990), Le Goff (1990), Lemos (1981), Gonçalves (1996, 2015), Dewailly (1998), entre outros, além de documentos como as Cartas de Atenas e Veneza, a Conferência de Nara e a Declaração de Quebec.

O Capítulo 4, O Salobro Documentado, resgata aspectos históricos, sociais e econômicos da comunidade Salobro, destacando atividades tradicionais, destacando-se como patrimônio imaterial, como a produção de cal, algodão, tecelagem e queijo. Também são apresentados os bens materiais identificados na comunidade e o inventário arquitetônico de sete edificações rurais. O capítulo 5, Análise comparada, se desenvolve a partir de uma análise comparada entre os elementos encontrados nas sete casas no Salobro e a arquitetura rural seridoense.

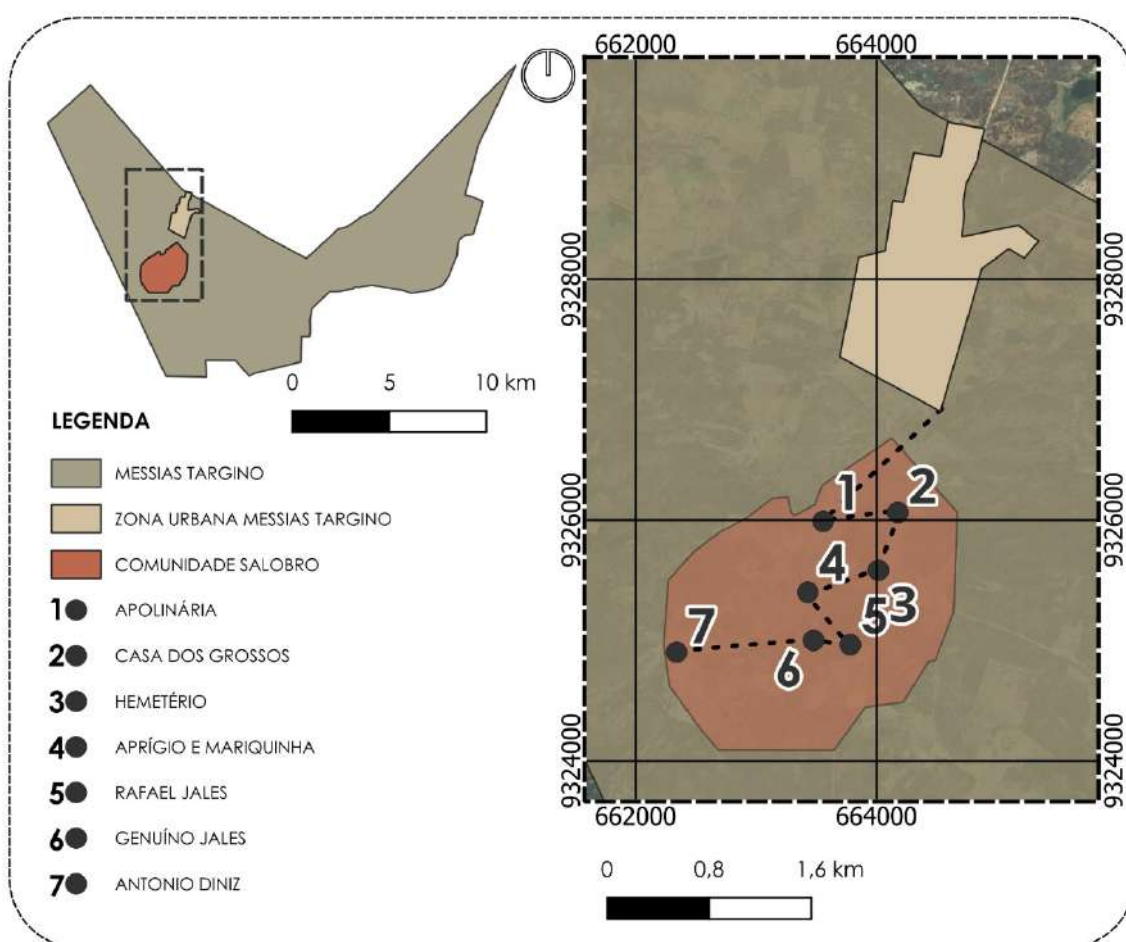
O Capítulo 6, O Salobro Ganhando Visibilidade, relata o processo de construção e aplicação da cartilha educativa, incluindo o desenvolvimento do pré-teste e a distribuição do material em diferentes municípios do Alto Oeste Potiguar e Sertão Apodi, além de apresentar as percepções e interações da comunidade com o produto educativo. Por fim, o Capítulo 7 reúne as Considerações Finais, nas quais são discutidos os resultados obtidos, os desafios enfrentados e as contribuições do trabalho para a valorização e preservação do patrimônio cultural rural de Messias Targino.

2 METODOLOGIA

2.1 Área de estudo

A comunidade Salobro está dentro do limite territorial de Messias Targino/RN, localizada a leste a pouco mais de 500 m da zona urbana, como é possível perceber na figura 2 com o início da rota na cidade até a Casa 01 de Apolinária em linha preta tracejada. Possui aproximadamente 428 ha de extensão territorial. Essa extensão totaliza 7 propriedades que fazem parte do objeto de estudo desta pesquisa.

Figura 2 - Recorte espacial da comunidade Salobro em Messias Targino/RN



Fonte: Adaptado de IBGE (2022).

2.2 Procedimentos metodológicos

Para melhorar o entendimento de todos os procedimentos metodológicos foi elaborado um quadro resumo identificando cada etapa desenvolvida para este trabalho.

Quadro 1 - Quadro resumo dos procedimentos metodológicos

Descrição	Metodologia aplicada
1. Pesquisas bibliográficas	Pesquisas em cartas patrimoniais, livros, artigos, teses, dissertações que contribuíssem para todo o trabalho.
2. Entrevistas estruturadas	Elaboração de perguntas pré-definidas para moradores, antigos moradores e proprietários, e realizada mediante contato com a pessoa selecionada
3. Produção de mapas	Desenvolvidos pelo QGIS sob base cartográfica Google Earth.
4. Ficha de inventário - edificação	Produzida com base metodológica de Freitas (2023), Ferreira (2010) e o manual disponibilizado pelo IPHAN – <i>Educação patrimonial: inventário participativo</i> .
5. Pré-teste e cartilha educativa	<i>Guia Básico de Educação Patrimonial</i> de Horta, Grunberg e Monteiro (1999), os trabalhos de Conclusão de Curso de Freitas (2023) e Gonçalves Filho (2024) e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Fonte: Autoria própria (2025).

2.2.1 Pesquisas bibliográficas

A pesquisa de caráter qualitativa foi realizada, inicialmente por meio de pesquisas bibliográficas para registrar o patrimônio cultural material e as memórias construídas por esses lugares ao longo do tempo.

Dessa forma, a base teórica para a pesquisa foi desenvolvida para compreender os conceitos de patrimônio cultural material, arquitetura rural, educação patrimonial, identidade e memória coletiva, com base em pesquisas bibliográficas de autores como Maurice Halbwachs (1990) no livro *Memória Coletiva*, que explora seus ideais de memória coletiva e identidade, Jacques Le Goff (1990) enfatizando os conceitos de história e memória, Nogueira (2020) em seu livro *Patrimônio, memória e historiografia*.

As Cartas de Veneza (1964) e a Conferência de Nara (1994), a Declaração de Quebec (2008), a Carta de Atenas (1931) e documentos nacionais como a Constituição Federal de 1988 também auxiliaram no entendimento da importância do patrimônio cultural rural para a identidade local. Outras fontes teóricas que visam complementar os conceitos de arquitetura rural são dos autores Costa e Mesquita (2020) em *Tipos de habitação rural no Brasil* e o autor Rubenilson Teixeira (2024) com abordagem da arquitetura vernacular especialmente no Rio Grande do Norte, no livro *Tão perto, tão longe* e Costa (1978), no seu livro *Tipos de habitação rural no Brasil*.

Para a coleta histórica da comunidade foram realizadas pesquisas nos livros *Messias Targino: Origens* (Diniz, 2008) e *Messias Targino: das raízes do junco surge uma linda história* (Lira, 2022), nos quais abordam a história da cidade de Messias Targino que identificam também a participação e influência rural para o crescimento da cidade. Além disso, foram realizadas entrevistas estruturadas que foram direcionadas para os proprietários, moradores e antigos moradores das edificações selecionadas, buscando enriquecer as informações de identidade e memória coletiva da comunidade e suas relações com os bens materiais existentes.

2.2.2 Entrevistas estruturadas

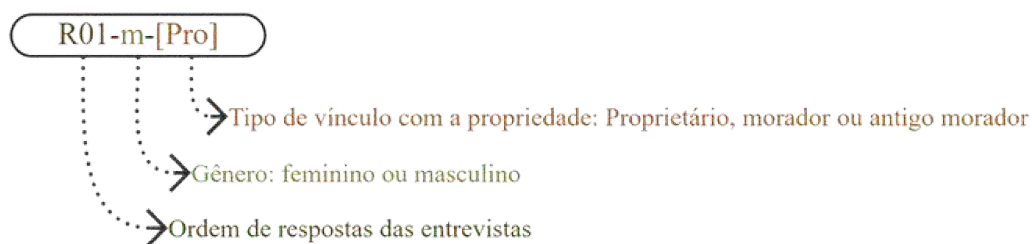
Antônio Carlos Gil (2002) conceitua que entrevista é uma técnica, de maior flexibilidade, que envolve duas pessoas “face a face” em que uma delas formula questões e a outra fornece as respostas. As entrevistas podem ser categorizadas como informal, focalizada, parcialmente estruturada e estruturada.

As entrevistas estruturadas foram elaboradas com base nas necessidades de informações para relacioná-las com o inventário da respectiva propriedade analisada. A aplicação das entrevistas foi pensada para os proprietários, moradores e antigos moradores da comunidade, no intuito de uma coleta de informações sobre cada propriedade.

Para preservar o anonimato dos participantes das entrevistas realizadas no Salobro, foi produzido um sistema de codificação, de acordo com a metodologia de codificação de Assunção (2014). Foi construído com base na ordem das entrevistas, no

gênero masculino ou feminino e no tipo de vínculo do entrevistado com a propriedade (figura 3).

Figura 3 - Exemplo de código de identificação do entrevistado



Fonte: Adaptado de Miro (2025).

2.2.3 Produção de mapas

A seleção do recorte espacial e das propriedades a serem levantadas ocorreu a partir do levantamento pouco preciso e coletado a partir de informações de moradores da comunidade e adaptado pela autora para o Qgis a fim de melhorar a compressão dos limites e da quantidade de propriedades também levantadas através do “*google Earth*”.

No que diz respeito à produção dos mapas, foi necessário a elaboração dos bens estudados, utilizando-se o software QGIS (Quantum Geographic Information System) com base cartográfica do Google Earth (2024). Além disso, foram inseridos os limites municipais, estaduais e nacional a partir da base de dados dos mapas municipais do IBGE (2024) inseridos no QGIS. Para a localização do recorte espacial foi necessário a importação do limite da comunidade em formato .kml para o QGIS usando o sistema de referência SIRGAS 2000 com o sistema de projeção em UTM na Zona 24S.

Sob essa ótica, também foi necessário realizar o levantamento *in loco* da quantidade de propriedades, para ser feita a marcação no mapa das regiões de estudo. Foram identificados, com marcação de pontos, cada propriedade dentro do mapa elaborado no QGIS com o mesmo sistema de referências e projeção: SIRGAS 2000/UTM, zona 24S e com a base cartográfica para a identificação das propriedades do Google Earth (2024).

2.2.4 Ficha de inventário – Edificação

Para o IPHAN – *Educação patrimonial: inventários participativos*, um inventário é definido como uma atividade de educação patrimonial que une informações de pessoas, instituições e comunidades para que diversos grupos e gerações se conectem a partir de

uma cultura em comum. Esse tipo de abordagem valoriza o protagonismo das comunidades no reconhecimento, na preservação e na transmissão de seus bens culturais.

A instituição ainda destaca que, na categoria de lugares, se encaixam os vestígios antigos de habitantes que ali moraram como ferramentas de pedra lascada, vidros ou sepulturas. No entanto, também são consideradas as edificações, que podem ser de diferentes épocas, estilos e usos ao longo do tempo, carregando memórias por gerações.

O registro desses bens de interesse patrimonial, houve a necessidade de fazer uma análise de cada propriedade dentro do perímetro da comunidade Salobro, por meio de visitas *in loco*, registros fotográficos, arquitetônicos, preparação e preenchimento de fichas de inventário arquitetônico de cada propriedade.

Para realizar o registro da coleta de dados durante as visitas *in loco*, foi elaborada uma ficha de inventário arquitetônico em formato a3 (desenvolvido no canva). Adotando a metodologia de ficha de inventário a partir dos modelos Freitas (2023), Ferreira (2010) e o manual disponibilizado pelo IPHAN – *Educação patrimonial: inventário participativo*.

A metodologia adotada para a discussão do inventário das edificações baseou-se, em grande parte, nas estratégias desenvolvidas por Diniz (2008) em sua pesquisa sobre as velhas fazendas da Ribeira do Seridó.

2.2.5 Pré-teste e Cartilha Educativa

O pré-teste originou-se com a finalidade de avaliar uma parte do produto final deste trabalho, funcionando como uma etapa de otimização que possibilitou analisar a recepção inicial do material proposto.

O procedimento metodológico da cartilha de pré-teste teve como primeira etapa a definição do tema, intitulado "*Memória Viva: um olhar sobre o patrimônio cultural rural de Messias Targino/RN*". A segunda etapa consistiu na definição da identidade visual, com a escolha de cores, estilo e tipografia. Em seguida, foi selecionado o conteúdo a ser destacado para, por fim, realizar a impressão e a distribuição em pontos comerciais estratégicos onde existe recepção, principalmente para que o público tenha tempo para ler o conteúdo das cartilhas. A entrega foi realizada nas cidades em que os discentes tinham disponibilidade, sendo definidos, portanto, os seguintes municípios: Encanto, Marcelino Vieira, São Francisco do Oeste, Messias Targino, Pau dos Ferros e Rafael Fernandes.

A produção do pré-teste para o resultado final, permitiu aplicar o material na prática e corrigir erros que poderiam surgir na versão definitiva da cartilha. Essa etapa experimental possibilitou avaliar a clareza do conteúdo e a atratividade da identidade visual. Além disso, contribuiu para ajustes importantes tanto na estrutura quanto na abordagem da cartilha, garantindo uma comunicação mais eficiente e adequada à realidade local.

Por último, evidenciou-se também a importância da salvaguarda do patrimônio cultural e as bases necessárias para sua execução, por meio da produção de uma cartilha educativa. Nesse contexto, utilizou-se o *Guia Básico de Educação Patrimonial* de Horta, Grunberg e Monteiro (1999), disponibilizado pelo IPHAN, como referência principal para a elaboração e justificativa de uma cartilha. Esta referência discute sobre os conceitos voltados para a educação patrimonial, análises direcionadas para a preservação de bens patrimoniais. Outras referências importantes para a construção deste produto foram as cartilhas elaboradas nos Trabalhos de Conclusão de Curso de Freitas (2023) e Gonçalves Filho (2024).

Na cartilha, também foi necessário incorporar a base histórica dos livros da cidade, das entrevistas e visitas *in loco* dessa arquitetura rural e sua importância para a história da própria cidade.

A cartilha é destinada para crianças do ensino fundamental I e II (crianças de 7 a 14 anos). Para a produção foram seguidos objetivos de conhecimento e diretrizes da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para pensar em uma boa ilustração com muitos elementos visuais, que chamem atenção do público alvo, junto a definição de um personagem, jogo de perguntas direcionadas aos alunos com uma linguagem simples e direta.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Patrimônio cultural

Segundo Françoise Choay (2017, p. 11) “Na sua concepção original, a terminologia ‘patrimônio’ estava vinculada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável e enraizada no espaço e tempo”. Conforme a autora, a definição de patrimônio esteve associada à monumentalização histórica. No entanto, seu significado evoluiu, deixando de se restringir a edifícios isolados para abranger um conjunto de edificações e a malha urbana como um todo.

Segundo Nara Marlei John (2012), o Patrimônio Histórico e Cultural, formado por bens materiais e imateriais que carregam um valor simbólico para a comunidade, representa a memória que foi valorizada e concretizada pelas instituições ao longo do tempo. Esta autora também afirma que “As comunidades sempre deixam marcas no lugar onde vivem que identificam a sua história individual e coletiva materializando assim, nestes espaços, sua identidade, suas tradições e seus costumes” (John, 2012. p. 320).

Contribuindo com esse significado, Carlos Lemos (1981) também afirma que bens materiais englobam objetos, artefatos e construções que resultam tanto da interação com o meio ambiente quanto do domínio das técnicas do saber fazer. Aliado a este conceito, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), cita que os bens materiais compreendem um conjunto de bens culturais que possuem relevância histórica, artística, arqueológica, paisagística e etnográfica, sendo classificados segundo os quatro Livros do Tombo¹.

Aliado a esse conceito, o IPHAN define os bens imateriais como práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, modos de fazer, celebrações e até lugares, como feiras que abrigam práticas culturais coletivas. Esses bens podem ser transmitidos de geração em geração, gerando um sentimento de identidade e coletividade. Corroborando com os ideais de patrimônio e com a noção de 'perda', José Reginaldo Gonçalves (2015) destaca:

Nesses discursos, o patrimônio aparece como um dado individualizado, um objeto que pode ser nitidamente identificado, definido juridicamente e, portanto, preservado, embora sob a perene condição de possível perda de sua forma original ou de sua ‘autenticidade’. Os que assumem esse discurso

¹ Intitulados: Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Histórico; Belas Artes e Artes Aplicadas.

situam-se numa determinada concepção de tempo histórico, um tempo progressivo, no qual o futuro é um fim absoluto, percebendo-se o presente ora como uma fonte de destruição do passado (daí o risco da ‘perda’), ora como um campo de possibilidades para construir o futuro, em especial o futuro nacional (Gonçalves, 2015, p. 216).

Uma forma de compreender a tradução do conceito de patrimônio cultural é enxergá-lo como um sistema dinâmico de relações sociais e simbólicas que permite conectar diferentes temporalidades. Para Gonçalves (2010), o patrimônio não deve ser visto apenas como um conjunto de bens materiais ou imateriais preservados ao longo do tempo, mas como um mecanismo de mediação entre o passado, o presente e o futuro. Essa perspectiva destaca o papel do patrimônio na construção das identidades coletivas, uma vez que ele não apenas remete à memória e às tradições de um grupo, mas também influencia as formas como a sociedade atual se apropria e ressignifica esses elementos para projetar seu futuro. A noção de patrimônio vai além da preservação física, englobando também os significados atribuídos pelos indivíduos e pelas comunidades ao longo do tempo. Aliado ao significado que Gonçalves (2010) destaca, Manoel Guimarães (2012), define que este termo está diretamente relacionado ao tempo e ao seu decorrer. Logo, pensar sobre o patrimônio também significa analisar as formas sociais de culturalização do tempo, próprias de qualquer sociedade humana.

Nesse contexto conceitual que compreende o patrimônio, as cartas patrimoniais são fundamentais para a base teórica, pois, embora não possuam carácter normativo, oferecem diretrizes prescritivas e indicativas sobre um bem cultural, uma vez que cada território possui suas particularidades e precisam reinterpretar essas orientações a realidade local. A partir dessa compreensão, a Carta de Atenas (1931) representa um marco na formalização dos princípios de preservação do patrimônio cultural material. Esse documento estabelece diretrizes que ressaltam a importância da conservação dos monumentos históricos, reconhecendo-os como elementos fundamentais para a identidade coletiva e a continuidade histórica das sociedades. A carta enfatiza a necessidade de intervenções respeitadas, garantindo a autenticidade dos bens culturais individuais e promovendo sua integração ao contexto urbano e social.

Seguindo este preceito, a Carta de Veneza (1964) potencializa os princípios de proteção patrimonial mais consistentes como parte da memória coletiva. Dentre as definições estão a de monumento histórico que compreende a edificação isolada, sítio urbano ou rural que está associado não só a uma grande criação como também a edificações modestas. Este documento reforça a importância de conservar respeitando os

monumentos históricos, enfatizando que a restauração deve ser um processo criterioso com manutenções permanentes, destinação de uma função social, considerada posteriormente nas Normas de Quito (1967).

As Normas de Quito (1967), considera a conservação e utilização de monumentos e lugares de interesse Histórico e Artístico, além da valorização do patrimônio cultural também compromete o entorno imediato.

De outra parte, a valorização de um monumento exerce uma benéfica ação reflexa sobre o perímetro urbano em que se encontra implantado e ainda transborda dessa área imediata, estendendo seus efeitos a zonas mais distantes. Esse Incremento de valor real de um bem por ação reflexa constitui uma forma de mais valia que há de se levar em consideração. (Normas de Quito, 1967, p. 6).

Segundo François Hartog (2006), esse conceito está inscrito na longa trajetória da história ocidental e passou por diferentes transformações ao longo do tempo, especialmente em períodos marcados por questionamentos sobre a ordem temporal. Nesses contextos, o patrimônio se torna um recurso essencial para momentos de crise, funcionando como um elemento que organiza a relação das sociedades com o tempo. Diante disso, não é possível restringi-lo a uma definição única, pois sua acepção varia conforme as circunstâncias históricas e os desafios enfrentados em cada época.

A necessidade da pluralidade também é mencionada na Conferência de Nara (1994) que enfatizou a diversidade cultural como um fator essencial na atribuição de valores ao patrimônio. Segundo esse entendimento, os critérios para avaliar a autenticidade de um bem cultural não podem ser fixos, pois tanto a percepção do valor quanto a credibilidade das pesquisas variam entre diferentes culturas e até mesmo dentro de uma mesma sociedade.

Além disso, a conferência ressaltou a urgência de que o reconhecimento do patrimônio, dentro de cada cultura, esteja alinhado com seus valores específicos. A autenticidade de um bem deve ser avaliada considerando não apenas sua materialidade, mas também elementos intangíveis que contribuem para sua significância.

Outro ponto abordado foi a necessidade de uma abordagem ampla na avaliação do patrimônio cultural, levando em conta sua evolução ao longo do tempo e seu contexto cultural. Para garantir uma análise mais precisa, é fundamental considerar múltiplas fontes de pesquisa que abranjam aspectos como forma, materiais, função, técnicas tradicionais, localização e até mesmo elementos subjetivos como espírito e sentimento. A integração dessas informações possibilita um entendimento mais completo das dimensões artísticas, históricas, sociais e científicas do bem cultural em questão.

A Declaração de Quebec (2008) enfatiza que o espírito do lugar é formado tanto por elementos tangíveis, como sítios, edifícios, paisagens e objetos, quanto por aspectos intangíveis, incluindo memórias, narrativas, rituais, festivais e conhecimento tradicional. Ambos os aspectos são fundamentais para a identidade e a significância do patrimônio cultural. Dessa forma, a declaração destaca que o patrimônio cultural intangível enriquece e complementa o patrimônio como um todo, devendo ser considerado em legislações e projetos de conservação e restauro.

3.2 Arquitetura Rural

A arquitetura rural tradicional é fruto de costumes e técnicas construtivas transmitidas ao longo de gerações, consolidando-se no meio rural por longos períodos. Além disso, Bezerra (2012) destaca que, nos primeiros séculos de colonização do Brasil, a arquitetura popular foi trazida pelos portugueses, com adaptações ao território e às condições socioeconômicas locais.

Araújo e Miguel (2008) afirmam que, no Brasil, diversos povos indígenas desenvolveram distintas técnicas arquitetônicas, caracterizadas por uma riqueza conceitual, simbólica e técnica. Diferentemente das construções europeias, essas edificações não utilizavam materiais como pedras, tijolos ou telhas, baseando-se em recursos naturais disponíveis e o conhecimento do meio. Essa perspectiva reforça a importância de reconhecer e valorizar a arquitetura indígena como influenciadora do patrimônio cultural brasileiro.

Segundo Rubenilson Teixeira (2024), dentro da casa coletiva indígena em sua totalidade, denominada como rancho por alguns autores (uma subdivisão social e não espacial), existem os chamados “copiars”, semelhantes a alpendres e varandas de pequenas dimensões, também presentes em muitas arquiteturas rurais, como destaca Cardoso (2008).

A habitação rural apresenta uma grande diversidade de tipologias, que estão diretamente relacionadas não apenas ao meio físico, mas também às formas regionais de economia e, frequentemente, às tradições culturais locais, como afirmam Costa e Mesquita (1978). Para os autores, a casa rural também reflete a estratificação social, organizando seu espaço de acordo com diferentes funções, como a armazenagem e o beneficiamento da produção. Eliábi e Anneli (2021) complementam essa visão, destacando que os ambientes habitacionais são moldados pela cultura e tradições locais,

evoluindo ao longo do tempo para atender às novas demandas e necessidades das comunidades.

De forma análoga, Teixeira (2024), cita que essa arquitetura está necessariamente vinculada a pelo menos duas dimensões fundamentais, que são os aspectos histórico-culturais e as condições físico ambientais ou ecológicas de determinado lugar. Para o autor muitas propriedades rurais, além da casa grande, contavam com um conjunto de construções que faziam parte de sua composição. As moradias, geralmente feitas de taipa ou com outras técnicas construtivas, variavam conforme as particularidades regionais. Ademais, existiam outras habitações rurais, como as destinadas aos moradores e empregados agregados, frequentemente construídas com o mesmo método. As técnicas construtivas, são elementos de destaque que definem a arquitetura rural e se adaptam de acordo com a região, mas em sua maioria são características as seguintes técnicas: “o canjicado, o tabique, o estuque, a palafita, o adobe, a taipa de mão (também conhecida como taipa de sopapo ou pau a-pique), a taipa de pilão, o tijolo maciço e a alvenaria de pedra, entre outras” (Queiroz, 2021, p.32).

A arquitetura rural tradicional, como afirmam Araujo e Miguel (2008), apresenta um alpendre na fachada (figura 4), que se destaca como um elemento característico desta tipologia.

Figura 4 - Fachada e alpendre em 2008



Fonte: Araujo e Miguel (2008).

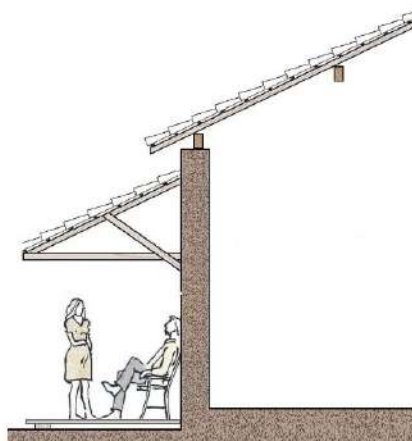
O alpendre, além de ser um elemento visual expressivo, permite o acesso visual para o interior da residência por meio de janelas e portas, configurando um espaço de transição entre o exterior e o interior da casa. Complementando essa ideia, Maria Bezerra (2012) observa que, em muitos casos, esses alpendres são acompanhados por parapeitos que cercam toda a casa, formando uma calçada. A autora destaca que a função dos

paraquitos vai além da proteção das paredes externas, servindo também como um espaço para acomodar os visitantes, refletindo uma característica social importante das habitações rurais, onde o convívio e a recepção de pessoas eram funções essenciais do espaço doméstico.

A presença de alpendres ou varandas é característica de lugares que precisam da proteção solar. “O tipo habitacional se adapta ao tipo social, porém quando o alpendre é inserido em qualquer tipo, a função do mesmo passa a ser comum: ambiente de transição para abrigar, permitir trocas e recepcionar” (Antas; Célis, 2021, p.12).

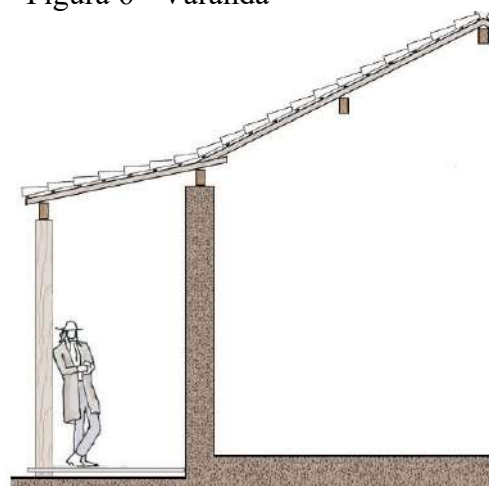
Vasconcellos (1979) compara os dois elementos arquitetônicos, sendo a varanda (figura 05) um espaço que se forma a partir da extensão da cobertura principal do telhado, na qual é sustentada diretamente pelo solo e protegida por elementos como guarda-corpo, peitoril balaustrado ou grade de ferro. Já o alpendre (figura 06), por sua vez, é uma estrutura coberta, normalmente localizada no pavimento térreo, mas com uma cobertura independente, que não faz parte da continuidade do telhado, sendo inserida na parede.

Figura 5 - Alpendre



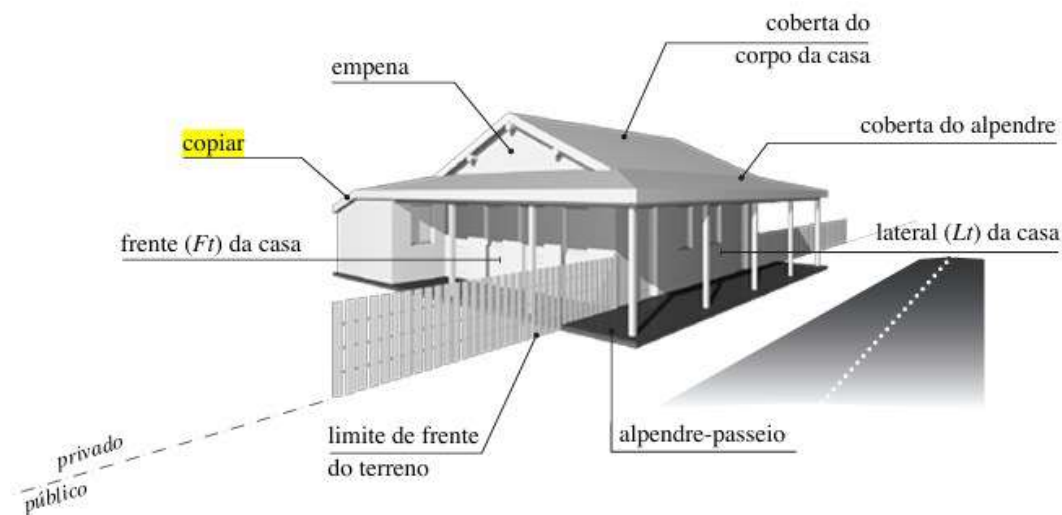
Fonte: Silvio Colin (2010).

Figura 6 - Varanda



Além dos dois elementos das figuras 5 e 6, Cardoso (2008) também compara alpendres com os “copiars” (elemento diferente de varanda), que é entendido como a extensão da cobertura geralmente nos fundos da casa ou em áreas de serviço que seguem com uma pequena diferença de inclinação, conforme ilustra na figura 7.

Figura 7 - Partes da casa de campo em 2008



Fonte: Cardoso (2008).

Essa identidade é atribuída por alguns autores entre o copiar e o alpendre, sendo “copiar” as extensões da cobertura do alpendre dos fundos da casa. Estas puxadas, à guisa de um quebra-sol, tem uso frequente no dia-a-dia como área para serviços pesados de apoio à cozinha, ou lavanderia e guarda de ferramentas (Cardoso, 2008).

3.3 Arquitetura rural no Rio Grande do Norte

Para compreender o padrão da arquitetura rural no Rio Grande do Norte, é necessário recorrer a estudos que ofereçam perspectivas regionais. Nesse sentido, Nathália Diniz (2008) se destaca ao abordar, sob um ponto de vista arquitetônico, as edificações rurais do Seridó, região geograficamente próxima à área de estudo - Sertão do Apodi na figura 8, cuja análise pode contribuir de forma significativa para uma comparação contextualizada das tipologias edificadas dentro dos limites norte-rio-grandenses. Junto com esta referência, Cruz (2015) também analisa uma dimensão arquitetônica no território açucareiro potiguar, contribuindo aos detalhes edificados.

Figura 8 - Territórios da cidadania do Rio Grande do Norte



Fonte: FAPERN (2021).

Nathália Diniz (2008) discorre que na região do Seridó em meados dos séculos XIX e XX, o semiárido desenvolveu-se nas edificações rurais que envolviam casas de fazendas, casas de farinha e engenhos de rapadura. Estas casas de fazendas com o passar do tempo foram utilizadas concomitantemente à pecuária para a produção e beneficiamento do algodão. Desenvolveu-se por isso uma arquitetura austera e muito simplificada dentro do contexto histórico, mas que não diminui sua relevância como patrimônio edificado brasileiro. O século XIX marcou a utilização de tijolos cozidos, permitindo durabilidade destas casas até os dias atuais. A concepção das casas era bem resolvida sendo voltadas para o leste, permitindo maior conforto térmico, e localizadas

em pontos altos. Estes são exemplares, típicos da economia do pastoreio e algodoeira, que foram responsáveis pela interiorização das fronteiras do Nordeste brasileiro.

Na região do Seridó, além da criação de gado, desenvolviam-se atividades agrícolas voltadas à subsistência, como o cultivo de milho e feijão, sendo comum que as fazendas dispusessem de casas de farinha e outros produtos voltados ao consumo local. Complementando a realidade citada, a rotina, o espaço e os costumes eram moldados pela urgência de sobreviver em meio as condicionantes que o semiárido proporcionava na época. Estas edificações rurais tinham suas características típicas, sendo casas modestas, de estilo simples e sóbrio, sem muitos ornamentos. A cultura do algodão, por exemplo, influenciou na concepção da construção das casas, já que algumas precisavam ter o armazenamento do produto (Nathália Diniz, 2008).

Em diálogo com a arquitetura austera, Cascudo (1984) reflete o porquê isso acontecia frequentemente e que a arquitetura estava diretamente relacionada aos valores.

Como todos os primitivos, o sertanejo não tem o senso decorativo nem ama sensorialmente a natureza. Seu encanto é pelo trabalho realizado por suas mãos. Nisto reside seu manso orgulho de vencedor da terra. Só deparamos um sertanejo extasiado ante a natureza quando esta significa para ele a roçaria virente, a vazante florida, o milharal pendoando, o algodão cheio de capulhos. A noção da beleza para ele é a utilidade, o rendimento imediato, pronto e apto a transformar-se em função. (Cascudo, 1984, p.29).

Saindo do Seridó para citar todo o estado Potiguar, Cruz (2015) analisa que muitas casas grandes dos antigos engenhos do Rio Grande do Norte passaram por modificações ao longo do tempo, resultando no acréscimo de varandas, banheiros e outros ambientes à planta original. Entre esses elementos, destaca-se a presença do alpendre, bastante comum nas edificações, embora em alguns casos seja resultado de intervenções posteriores. No que diz respeito aos banheiros, Cruz (2015) identifica sua presença em praticamente todas as casas grandes analisadas, porém ressalta que eles podem ter sido incorporados posteriormente à concepção original das construções, considerando que, historicamente, era comum que os banheiros fossem construídos fora da casa principal.

Nathália Diniz (2008) contribui com Cruz (2015) ao identificar que as edificações rurais, em sua maioria, eram construídas com a fachada principal voltada para o nascente e dispostas de modo que a porta principal permitisse a visualização dos currais e das estruturas produtivas, como a fábrica de rapadura, a casa de farinha e o armazém de descaroçamento de algodão, o que possibilitava ao fazendeiro um maior controle sobre a sua propriedade. Os currais eram construídos com diferentes materiais, como pedra,

alvenaria, madeira, arame e ferro, ou ainda de forma mista, sendo geralmente estruturas temporárias que precisavam ser refeitas periodicamente (Cruz, 2015).

Apesar da análise ser em casas de engenho, de farinha e de fazenda, o estudo de Cruz (2015) e Nathália Diniz (2008) diz respeito a um processo de interiorização que abrange além desse nicho, uma vez que edificações rurais deste período possuem em sua maioria características semelhantes como é possível observar na análise.

3.4 Identidade e memória coletiva

A identidade de um lugar é moldada ao longo do tempo por meio das marcas deixadas pelas vivências e transformações que nele ocorrem. Susana Gastal (2006), afirma que os lugares são caracterizados pelas marcas que vão sendo construídas ao longo do tempo, evidenciando que a memória coletiva e a materialidade são fundamentais para a construção da identidade espacial. Nesse sentido, o patrimônio material de uma localidade não apenas reflete sua trajetória histórica, mas também fortalece o vínculo entre a comunidade e o espaço, conferindo-lhe significado e pertencimento. A relação de pertencimento e memória coletiva é trabalhada por Maurice Halbwachs (1990), onde ele afirma que um determinado grupo, no momento em que considera seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo.

Em consonância com esse pensamento, Manuel Castells (2018) afirma que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. O autor destaca que as identidades, por sua vez, constituem fontes para os próprios atores, sendo originadas por eles e formadas por meio de um processo de individualização, o que reforça a ideia de que a identidade não é fixa, mas sim dinâmica e influenciada por fatores sociais e históricos. Complementando esse pensamento Gonçalves (2015, p. 213) aponta que “um tipo de arquitetura [...] pode ser identificado como ‘patrimônio cultural’ na medida em que é reconhecido por um grupo (e eventualmente pelo Estado) como algo que lhe é próprio, associado à sua história e, portanto, capaz de definir sua ‘identidade’.”

Jacques Le Goff (1990, p. 423) destaca que “a memória, enquanto propriedade de conservar determinadas informações, remete, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas que permitem ao ser humano atualizar impressões ou informações passadas, ou aquelas que ele representa como passadas”. Dessa forma, a memória não é

apenas um repositório de informações, mas um processo ativo que permite a reconstrução do passado a partir de referências e representações individuais e coletivas.

Nesse contexto, Halbwachs (1990, p. 34) complementa que “cada memória individual constitui um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Isso evidencia que a memória coletiva não pode ser entendida como a simples soma de experiências individuais, mas sim como um fenômeno dinâmico, constantemente reconstruído e influenciado pelo contexto social e cultural de cada época. A forma como diferentes grupos interpretam e preservam suas lembranças depende das interações entre os indivíduos e a sociedade, reforçando o caráter social da memória. Nara Marlei John (2012) acrescenta que:

Além dos lugares serem depositários da memória coletiva de um povo, a memória coletiva de uma comunidade pode ser identificada também em objetos, festas, músicas, danças, práticas alternativas de medicina, técnicas, culinária e tantas outras representações que estão repletas de significação das mais variadas formas de vida que constituem as culturas dos povos. (John 2012, p. 320).

Essa perspectiva amplia a noção de memória coletiva para além dos espaços físicos e monumentos, considerando também as manifestações culturais e práticas cotidianas como elementos fundamentais na construção da identidade de um povo. A preservação dessas expressões reforça a conexão entre diferentes gerações e assegura a continuidade das tradições. Nesse mesmo sentido, Manoel Luís Salgado Guimarães (2012) menciona:

A semântica do termo já nos sugere uma relação com um tempo que nos antecede, e com o qual estabelecemos relações mediadas através de objetos que acreditamos pertencer a uma herança coletiva. Assim, esses objetos que acreditamos pertencer a um patrimônio de uma coletividade, e hoje até mesmo da humanidade, estabelecem nexos de pertencimento, metaforizam relações imaginadas e que parecem adquirir materialidade a partir da presença desse conjunto de monumentos. (Guimarães 2012, p. 99)

De forma análoga a terminologia da preservação de objetos e outros bens que fazem parte do pertencimento entre gerações, Guimarães (2012) também cita que a memória se materializa por meio dos objetos e monumentos que simbolizam a herança coletiva. Esses elementos, mais do que simples vestígios do passado, desempenham um papel essencial na construção da identidade cultural, pois estabelecem vínculos entre as gerações e reforçam o sentimento de pertencimento a um grupo social.

De fato, esses dois pensamentos se complementam ao evidenciar que a memória coletiva não está apenas em objetos e bens materiais, mas também na cultura, nos saberes e tradições. Logo, reconhecer a materialidade e imaterialidade como dimensões do

patrimônio cultural é essencial para uma abordagem mais inclusiva e sensível à diversidade das experiências humanas.

Jacques Le Goff (1990), discorre que a memória pode ser entendida como identidade, tanto coletiva quanto individual, sendo uma das atividades fundamentais da sociedade contemporânea. Além disso, a memória é responsável pelo crescimento da história, ao mesmo tempo em que é por ela alimentada. Seu papel é preservar o passado para que ele possa servir tanto ao presente quanto ao futuro. Dessa forma, a memória coletiva contribui para a libertação dos indivíduos, em vez de submetê-los à servidão.

Para o autor, “a ausência de um passado conhecido, a escassez de referências históricas e memórias coletivas, pode ser fonte de grandes problemas de mentalidade ou identidade coletiva” (Le Goff, 1990, p. 204). Ele sugere que, sem um vínculo claro com o passado, há uma lacuna na construção da consciência histórica e coletiva, o que pode resultar em um senso de pertencimento fragilizado.

Ainda segundo Jacques Le Goff (1990), a história e memória e, presente e passado não devem ser confundidos. A memória está associada a duração, no qual o passado é ao mesmo tempo passado e presente. Por esta razão, o autor cita manifestações primordiais para a memória coletiva, como a fotografia, permitindo que a memória seja guardada. “Essa inovação do século XIX e início do século XX, possibilitou a transmissão e recordação de acontecimentos retendo o passado as confirmações do presente de um determinado grupo” (Le Goff, 1990, p.466). Halbwachs (1990, p.55) apresenta ideais semelhantes quando se fala de memória e história:

De tudo o que foi dito anteriormente se conclui que a memória coletiva não se confunde com a história, e que a expressão ‘memória histórica’ não foi escolhida com muita felicidade, pois associa dois termos que se opõem em mais de um ponto. A história, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens. (Halbwachs, 1990, p.55).

A memória coletiva desempenha um papel fundamental na construção da identidade de um grupo, sendo um dos principais elementos que orientam sua percepção sobre o passado e influenciam sua cultura e tradição. Para Jacques Le Goff (1990), essa memória, embora essencial para a manutenção da história e dos valores compartilhados por uma sociedade, pode ser manipulada por diferentes agentes sociais e políticos para atender a interesses específicos, favorecendo determinados grupos enquanto silencia narrativas que predefiniram a união de alguns deles.

3.5 Educação patrimonial

É fundamental considerar o *Guia básico da educação patrimonial* desenvolvido pelos autores Maria de Lourdes Horta, Evelina Grunberg e Adriane Monteiro (1999) e elaborado pelo Museu Imperial/IPHAN. Ele explica a importância da Educação Patrimonial como ferramenta para valorização e preservação da cultura, abordando conceitos como patrimônio cultural, metodologia de ensino e sugestões de atividades práticas, apresentando estudos de caso sobre diferentes tipos de patrimônio.

Horta, Grunberg e Monteiro (1999) destacam que a Educação Patrimonial atua como um meio de "alfabetização cultural", permitindo que os indivíduos interpretem o mundo ao seu redor. Esse processo facilita a compreensão do contexto sociocultural e da trajetória histórica na qual cada pessoa está inserida. Além disso, os autores ressaltam que essa abordagem contribui para o fortalecimento da autoestima tanto individual quanto coletiva, promovendo a valorização da cultura brasileira, que é caracterizada por sua diversidade e pluralidade. A educação patrimonial busca criar situações de aprendizado sobre o processo cultural, seus produtos e manifestações, de modo nas pessoas o interesse em solucionar questões relevantes para sua vida pessoal e coletiva. Sob essa ótica, Dora Dimenstein (2017), menciona que

O tema Educação Patrimonial é um movimento que visa recuperar, valorizar e ressignificar a trajetória seguida por outros – que, a seu modo e em outros tempos, se debruçaram sobre a importante tarefa de encontrar ferramentas para valorizar e preservar a memória e o Patrimônio Cultural brasileiro – é fundamental para a construção coletiva de uma nova percepção das ações educativas nesse campo (Dimenstein, 2017, p.21).

Dimenstein (2017) destaca que uma sociedade que não reconhece sua própria identidade corre o risco de perder seus valores e enfraquecer sua cultura. Dessa forma, os indivíduos se envolvem ativamente na preservação cultural, pois isso contribui para a construção da cidadania de forma consciente. Além disso, o Patrimônio Cultural, que abrange tanto os bens materiais quanto imateriais relacionados à identidade e memória coletiva, desempenha um papel fundamental como ferramenta educativa, auxiliando no fortalecimento da cidadania dentro dos programas educacionais.

Segundo Carlos Lemos (1981), a preservação vai além de simplesmente objetos, edificações ou centros históricos. Ela envolve também o registro de depoimentos, sons e manifestações musicais, além da manutenção de costumes populares, ainda que transformados ao longo do tempo. Preservar significa realizar diversos tipos de

levantamentos, seja de sítios, cidades, bairros ou construções, especialmente aquelas ameaçadas pela especulação imobiliária.

Aliado a essa perspectiva, convém lembrar que as cartas patrimoniais diferem das declarações e resoluções oriundas dos simpósios do ICOMOS (International Council on Monuments and Sites). Especificamente, a Declaração de Quebec (2008) afirma que o espírito do lugar é essencialmente preservado e fortalecido por meio da participação ativa das comunidades locais e da comunicação interativa. Como são as pessoas que transmitem esse espírito, sua conservação depende da valorização dos meios de transmissão, tanto formais quanto informais. Narrativas, rituais, práticas tradicionais e recursos educacionais, como bancos de dados digitais e ferramentas pedagógicas, para garantir a continuidade desse patrimônio imaterial. Além disso, a preservação do espírito do lugar contribui diretamente para o desenvolvimento sustentável e social da comunidade.

A transmissão intergeracional e transcultural desempenha um papel fundamental nesse processo, permitindo que diferentes grupos culturais e as novas gerações se envolvam ativamente na gestão e proteção do espírito do lugar. Dessa forma, recomenda-se que esses grupos sejam incluídos na tomada de decisões políticas e nos esforços de preservação, garantindo que o conhecimento e os valores associados ao lugar sejam perpetuados de maneira dinâmica e participativa.

A Conferencia de Nara (1994), que se trata de um documento sobre Autenticidade, a diversidade cultural e a pluralidade ao lidar com o passado, aponta que:

A conservação do patrimônio cultural em suas diversas formas e períodos históricos é fundamentada nos valores atribuídos a esse patrimônio. Nossa capacidade de aceitar estes valores depende, em parte, do grau de confiabilidade conferido ao trabalho de levantamento de fontes e informações a respeito destes bens. O conhecimento e a compreensão dos levantamentos de dados a respeito da originalidade dos bens, assim como de suas transformações ao longo do tempo, tanto encermos de patrimônio cultural quanto de seu significado, constituem requisitos básicos para que se tenha acesso a todos os aspectos da autenticidade (Conferencia de Nara, 1994, p. 02).

O *Guia básico de educação patrimonial*, já citado acima propõe um trabalho educacional que fortalece a identidade e cultura de cada pessoa dentro do seu grupo social que está inserido, assim como permite conhecimento crítico e conscientização da parte das comunidades que o patrimônio pertence, permitindo uma preservação sustentável.

Seguindo esta terminologia, Silva, Klein e Morais (2022) afirmam que as medidas de salvaguarda, dentre elas as ações de educação patrimonial, têm o objetivo de proteger e promover os bens culturais, estando diretamente relacionadas ao contexto histórico e

social em que essas práticas acontecem. Dessa forma, os planos de salvaguarda vêm sendo implementados não apenas no Brasil, mas também em diversos países signatários da Convenção, funcionando como um instrumento de planejamento coletivo para orientar e fortalecer as ações de proteção, valorização, promoção e apoio aos patrimônios culturais de natureza imaterial.

Sobre a Educação Patrimonial, ela desempenha um papel na valorização e preservação do patrimônio cultural, atuando como um meio de sensibilização da comunidade. Ao proporcionar os bens culturais como elementos constitutivos da identidade coletiva, essa abordagem educativa fortalece o vínculo das comunidades com sua própria história. Além de resgatar as tradições, a Educação Patrimonial promove o diálogo intergeracional, garantindo a transmissão do conhecimento e a continuidade das manifestações culturais ao longo do tempo.

Dando sequência a essa discussão, o próximo capítulo aborda **O salobro documentado**, investigando o processo de desenvolvimento da cidade relacionando com a zona rural e o inventário de edificações rurais, seguindo para o próximo capítulo com a cartilha educativa. A partir dessa análise, busca-se compreender como o patrimônio cultural rural reflete as transformações históricas do município e de que forma sua preservação pode contribuir para o fortalecimento da identidade local e para a valorização das memórias coletivas.

4 O SALOBRO DOCUMENTADO

Lugar de simplicidade
De muita recordação
Pra muitos sem um valor
Pra outros vale milhão
Recordo cada cantinho
Sala, quarto e porão
[...]
Esse lugar meu torrão
Foi casa de muito amor
Tudo era repartido
Com as bênçãos do senhor
Oração e devoção
Nosso santo protetor

O respeito sim senhor
A bênção do dia a dia
Todo café da manhã
Tinha muita alegria
Nossa mesa com fartura
Tinha tudo e não sabia

Lembro do que mais comia
Batata com mugunzá
Qualhada com rapadura
De noite para jantar
Mesmo nas dificuldades
Não tinha o que reclamar
[...]

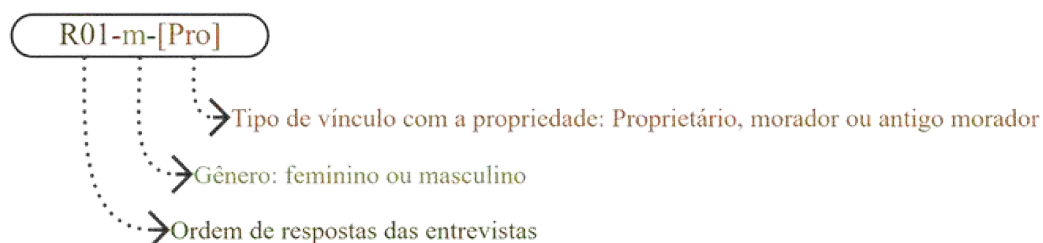
(Pedro César Pereira de Almeida, 2025)

O cordel que abre este capítulo inicia o universo afetivo e simbólico sobre o Salobro. Nos versos de Almeida² (2025), encontra-se o cotidiano simples, porém cheio

² Professor da Escola Estadual Professor Otoniel Tomaz de Almeida e membro dos poetas de Messias Targino.

de sentido, onde fé, fartura e partilha moldavam a vida comunitária. É através dessa memória poética, que resgata cheiros, sabores e rezas, que se conectam a este lugar. O Salobro documentado aqui busca justamente isso: fazer com que dados, fotos e relatos não falem apenas de um território geográfico, e sim, da soma de muito afeto e memórias coletivas. Para contribuir no desenvolvimento deste capítulo é válido reforçar o sistema de codificação adotado para substituir o nome dos entrevistados (figura 9).

Figura 9 - Exemplo de código de identificação do entrevistado



Fonte: Adaptado de Miro (2025).

4.1 Economia local

A economia local é um bem imaterial destacado neste capítulo. Sob esta perspectiva, é válido lembrar que a definição do IPHAN no que diz respeito a definição de bens imateriais que são práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, modos de fazer, celebrações e até lugares, como feiras que abrigam práticas culturais coletivas.

4.1.1 A caeira

Os proprietários de terras mantinham uma forte conexão com a cidade por meio da atuação política e do comércio local. Um exemplo claro dessa valorização está presente na simbologia da bandeira do município, que traz como um de seus principais elementos a caeira, situada no território da comunidade Salobro (Figura 10). Por sua importância simbólica, a Caeira desperta o interesse dos messienses e reafirma, na bandeira do município, a ligação da cidade com suas raízes tradicionais.

Figura 10 - Bandeira de Messias Targino/RN



Fonte: Símbolos municipais (2024).

A figura da caeira (figura 11) e do algodão também receberam menção no hino municipal de Messias Targino, produzido por Raimundo Nonato de Almeida. Estão representados nas seguintes estrofes:

És solo rico e fértil, cheio de planta nativa...

O ouro branco que nos veste engrandece nossa vida...

A cultura agropecuária e o calcário que produz

São riquezas desta terra abençoada por Jesus.

Figura 11 - Imagem aérea caeira no sítio Salobro em 2025



Fonte: Joseane Medeiros (2025).

A estrofe do hino municipal de Messias Targino evoca elementos simbólicos que dialogam diretamente com a paisagem e as práticas culturais do território, revelando uma narrativa de pertencimento e identidade. Ao mencionar o "ouro branco que nos veste", faz-se referência ao algodão, produto historicamente relevante para a economia local, que inclui as terras do salobro, enquanto a menção ao "calcário que produz" remete diretamente à caeira existente na comunidade do Salobro. Essa dupla referência evidencia

como o hino, enquanto manifestação de patrimônio imaterial, cumpre o papel de consolidar memórias coletivas e valorizar saberes. Ao ser cantado em eventos cívicos e escolares, o hino contribui para a permanência desses símbolos no imaginário popular, reforçando o elo entre o passado produtivo da zona rural e a construção da identidade urbana contemporânea.

Próxima à caeira, encontra-se uma casa construída com tijolos comuns e cobertura simples em duas águas (Figura 12), construída no final do século XX. Apesar de utilizar materiais modestos, como as demais edificações da área que serão inventariadas, trata-se de uma construção recente, não sendo, portanto, objeto deste inventário.

Figura 12 - Casa próxima à Caeira em 2025 (construída na segunda metade do século XX)



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Segundo informações do atual proprietário, a primeira caeira foi construída por Antônio Fernandes Jales por volta de 1925, permanecendo em funcionamento até aproximadamente 1957. Nesse ano, Hemetério Jales adquiriu a fazenda e, alguns anos depois, construiu uma nova caeira, de maiores proporções. De acordo com o proprietário, essa segunda estrutura corresponde a um forno do tipo contínuo, que se encontra desativado desde 2019 por falta de operários. Em seu relato, R03-m-[pro] explicou o funcionamento do equipamento: “O forno contínuo é botando pedra e tirando cal e botando fogo. Sem parar, por isso o ‘contínuo’”

Diniz (2008), destaca que existem dois modelos de fornos para fabricação de cal: o mais antigo, conhecido como caeira, é construído com pedras e funciona com a lenha colocada em sua base, onde as pedras de cal são organizadas de forma ordenada para a queima; já o modelo moderno é feito com tijolos de barro específicos, oriundos do Ceará, e permite uma produção contínua e em maior escala.

4.1.2 O algodão

Trindade (2010), afirma que nos anos 1860, o algodão passou sua produção da cana-de-açúcar, contribuindo para isso algumas inovações tecnológicas, a Guerra da Secessão (Estados Unidos), o surto de desenvolvimento industrial brasileiro e o aumento da área plantada (Seridó).

No comércio do interior Riograndense existia o algodão mocó ou o “ouro branco” também mencionado por Trindade (2010), resistente a seca e muito produzido nas terras locais, teve seu crescimento no comércio principalmente por causa dos pequenos agricultores. O plantio deste tipo de algodão continuou crescendo e resistindo a uma das maiores secas do nordeste (1877-79).³

Os proprietários de terras cultivavam apenas uma safra de algodão por ano. Esse período era marcado pelo pagamento das sementes adquiridas a crédito com os mesmos proprietários, que também comercializavam alimentos aos moradores vizinhos por meio dos chamados *barracões* (nome dado às antigas bodegas, que funcionavam de maneira semelhante aos mercadinhos atuais). Além dos pagamentos era o período em que compravam roupas e outros utensílios básicos para viver.

4.1.3 A tecelagem

Outro tipo de comércio existente na comunidade era a tecelagem artesanal, especialmente para a confecção de redes de dormir, feitas com tear manual (figura 13). Este saber encontrava-se dentro dos limites do Salobro. Foi um saber fazer muito realizado por uns dos residentes na comunidade e importante para a economia local que foi perdido ao longo dos anos e esquecido na história deste lugar. Por isso, a importância de ressaltar esta memória que um dia foi a base da renda, por exemplo, de Apolinária Jales e sua família.

³ TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. *História do Rio Grande do Norte*. Natal: Editora do IFRN, 2010.

Figura 13 - Exemplo de tear manual



Fonte: Eng. Áquila Klippel (s/d).

O saber fazer da tecelagem veio para o sítio Salobro por meio de amizades da família de Manoel Rodrigues Jales com um paraibano. Este passou seu conhecimento para a família iniciar sua produção em 1946. A produção era por encomenda e para ser feita existiam dois teares manuais que a família toda utilizava.

R02-f-[Am] relembra o tempo que trabalhava no tear:

Eram dois tear manual tecendo e [...] nós tinha que trabalhar de 5 anos acima. Eu fazia manucaba, franja e torcia os fios pra fazer a manucaba e a franja. Tinha o engenho de fazer cordão, que ficava no terreiro da frente, bem distante. Ai amarava o cordão lá na quixabeira (porque tinha uma quixabeira bem grande), e ali torcia; os 3 se unia e torcia de novo, e fazia o cordão.

Esse saber fazer é resgatado na fala acima onde destaca-se a memória do trabalho no tear manual, iniciado ainda na infância. A menção ao uso da quixabeira e ao engenho no terreiro reforça a integração entre o fazer artesanal e a paisagem do entorno, revelando uma prática manual marcada pela simplicidade e o esforço coletivo.

4.1.4 A produção do queijo

Na fazenda Salobro, existia uma desnatadeira de leite que desempenhava um papel fundamental na fábrica de queijos, que era um produto vendido no comércio e feira local. De maneira geral, os pequenos proprietários, embora menos favorecidos em relação à posse de terras, viviam principalmente da agricultura familiar, que lhes proporcionava alimentos para subsistência, além de gerar alguma renda e oportunidades de trabalho em determinadas épocas do ano onde poderiam vender sua colheita para fora da cidade.

Dessa forma, observa-se que os elementos históricos e culturais presentes na comunidade Salobro foram campos das práticas econômicas locais. Esta perspectiva contribui para valorizar essas narrativas e expressões é, portanto, um passo fundamental

para reconhecer a importância da memória local como base para o fortalecimento da cultura e da história messiense.

4.2 Resgate da história e identidade de um lugar

A história, a identidade e a memória coletiva desses bens de interesse patrimonial precisam ser documentadas para que não se percam com o passar dos anos e com as transformações que possam ocorrer neste lugar. Por isso, o registro de um período de grande valor para o crescimento da cidade está sendo aqui documentado.

O início de tudo⁴ remonta a uma doação de uma data de terra⁵ feita por um donatário originário de uma grande propriedade chamada *Data dos Dantas*, localizada em Patu/RN, mais precisamente em Patu de Fora. Essa doação foi destinada a Manoel Fernandes Jales, casado com Maria Inácia da Conceição (conhecida como Inacinha). O casal teve muitos filhos, entre eles Rafael Fernandes Jales e seu irmão João Fernandes Jales, que herdaram essas terras.

Inicialmente, a área era conhecida apenas como uma data de terra, passando posteriormente a ser chamada de Deserto, depois Serrote Junco e, por fim, adotando o nome pelo qual é conhecida até os dias atuais: Salobro. Esse nome se deve à presença abundante de água salobra na região, ou seja, água com teor de sal intermediário entre a doce e a salgada.

A comunidade Salobro, conforme citado por Diniz (2008), era originalmente de propriedade de um único dono, Rafael Fernandes Jales (1862–1943). Durante sua vida, Rafael teve muitos filhos, e, por isso, a fazenda foi posteriormente dividida em diversas partes entre seus herdeiros. Entre os descendentes estão: Genuíno Fernandes Jales, casado com Basílica de Almeida Jales; Almino Fernandes Jales; Porfírio Fernandes Jales; Hemetério Fernandes Jales, casado com Elizabeth Teixeira Jales; e os herdeiros de João Vicente Jales, conhecido como Nozim ou Nozim Chato, Janúncio Fernandes e Paulino Fernandes Jales.

Com o passar dos anos, os herdeiros foram ocupando e administrando suas respectivas partes da fazenda, dando origem ao que hoje é conhecido como Comunidade Salobro. Essa ocupação ocorreu de forma gradual e familiar, com a construção de

⁴ Segundo relatos dos moradores mais antigos.

⁵ “‘A doação dos chãos’ ou ‘datas de terras’ eram concedidos pela câmara e geralmente medidas em braças.” (Silva, 2012, p. 54).

moradias, currais, plantações e espaços de convivência, que formaram os primeiros núcleos da comunidade. A convivência entre os membros da família e seus descendentes contribuiu para a preservação de práticas culturais, modos de vida e saberes tradicionais, que foram sendo valorizados ao longo do tempo.

O registro documentado das memórias e bens materiais históricos merecem ser valorizados por todas as gerações. “Quando não se registra fatos a história vai morrendo, por isso quero que a história de nossa cidade seja propagada para as futuras gerações para que sintam orgulho de suas origens” (Lira, 2020, p.7).

No processo de reconstrução da memória social da Comunidade Salobro, alguns espaços e personagens ganham destaque por seu papel significativo na vida cotidiana e nas relações comunitárias. Entre as residências que assumiam funções refúgio, sobressaía-se a casa de Aprígio Jales Rodrigues, casado com Maria Teixeira Jales ou como era chamada, Mariquinha. A morada do casal era vista como um verdadeiro centro cultural informal da Fazenda, reunindo frequentemente os moradores da vizinhança para momentos de lazer, convivência e fortalecimento dos vínculos comunitários.

Essa dimensão coletiva também se manifestava no campo educacional. No interior da própria comunidade, havia uma escola particular (Figura 14), criada com o propósito de atender às crianças locais. Embora não existam registros detalhados sobre sua organização pedagógica, a simples existência da edificação reflete o esforço dos moradores em garantir o acesso ao ensino mesmo em um contexto rural e com recursos limitados.

Figura 14 - Escola no Salobro (construída por volta de 1927-28)



Fonte: Edimar (2008).

Curiosamente esta edificação que teve um uso institucional, posteriormente foi adaptada como residência e, até os dias atuais, continua cumprindo essa função habitacional (figura 15).

Figura 15 - Residência de morador em 2025 (construída por volta de 1927-28)



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Outro elemento marcante da estrutura comunitária era a presença dos chamados “barracões” (nome dado ao que corresponde bodega ou mercadinho), existentes apenas em propriedades cujos donos possuíam melhores condições financeiras. Esses espaços funcionavam como pequenos pontos de comércio, onde eram vendidos alimentos por quilograma da colheita da própria terra que contribuía para o abastecimento local.

Com essas perspectivas, o registro deste trabalho torna-se fundamental não apenas para preservar a história local, mas também a identidade e a memória de um povo. Através desses fragmentos do passado, é possível compreender o processo de formação da comunidade e reconhecer o valor dos bens materiais e imateriais ali presentes.

4.3 Inventário dos imóveis e fala da comunidade

Nossa casa foi lugar
De bastantes emoções
Não trocava a dormida
Por quaisquer outras mansões
Mais o tempo foi passando
Só resta recordações

Me lembro das reuniões

Que papai sempre fazia
Sempre ao lado de mamãe
Com aquela calma
No final era sagrado
Pai nosso e Ave Maria

Me recordo todo dia
Da casa onde morava
Não sai da minha memória
Do tempo que eu brincava
Foram muitas travessuras
Quase sempre apanhava
[...]

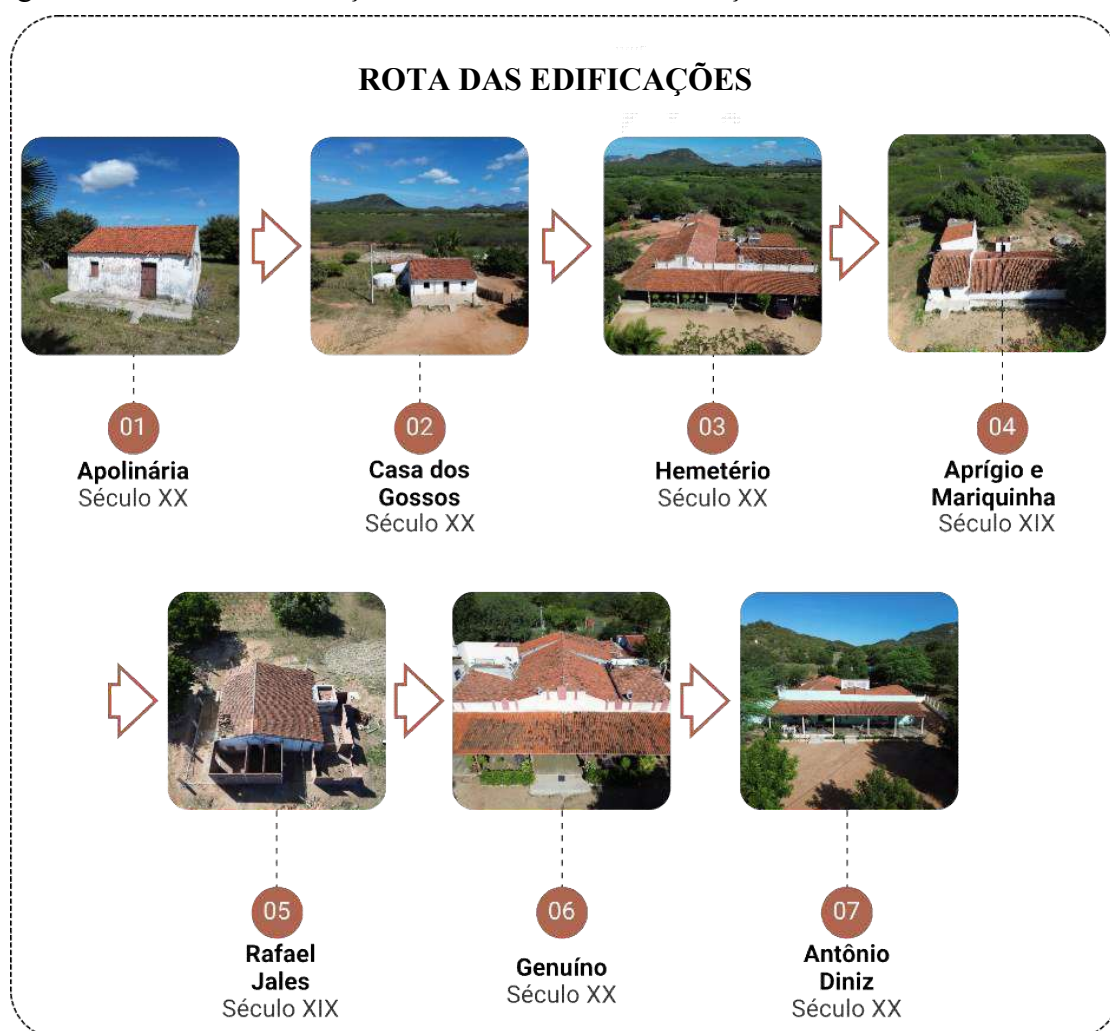
Quero ir nesse momento
Pra fazer recordação
Visitar este lugar
Que deixei meu coração
Retornar ao meu passado
Que pra mim ficou marcado
Nosso antigo casarão.

(Pedro César Pereira de Almeida, 2025)

O inventário da edificação não se limita apenas à descrição física da casa, mas carrega consigo a riqueza das memórias resgatadas e documentadas ao longo deste trabalho. Por meio dele, busca-se preservar não apenas a materialidade da construção, mas também o imaterial, com o afeto, as vivências e as histórias que ali aconteceram.

Foram sete edificações inventariadas das treze edificações construídas nos séculos a partir da segunda metade do XIX e XX e, para enriquecer a compreensão de cada uma, foram realizadas treze entrevistas com moradores, antigos moradores e proprietários da comunidade. Abaixo, apresenta-se uma ordem de chegada até as edificações inventariadas (figura 16), organizada conforme a rota definida para o inventário, permitindo uma leitura que acompanha o percurso realizado e destaca os marcos históricos de forma integrada ao território.

Figura 16 - Rota das edificações inventariadas das edificações



Fonte: Adaptado de Joseane Medeiros (2025).

No que diz respeito à regularização fundiária das casas rurais inventariadas neste trabalho, foi possível, a partir de conversas com moradores e proprietários, identificar diferentes situações quanto à titularidade legal dos imóveis. Três casas (Hemetério, Casa dos Gossos e Antônio Diniz) encontram-se regularizadas junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), com a documentação vinculada aos respectivos donos. Em contrapartida, as demais cinco casas inventariadas, ainda não se

encontram regularizadas formalmente, pois pertencem a herdeiros e não há individualização documental para cada um.

4.3.1 Casa 01 – Apolinária

Construída por Apolinária Jales e Manoel Rodrigues Jales, por volta de 1920, esta residência reflete as condições modestas e as adaptações necessárias para a vida rural do início do século XX. Antes de sua construção, o casal viveu temporariamente em uma casa de taipa, que atualmente não existe mais. R01-f-[Am] resumiu a casa de sua morada na infância como um lar onde prevaleciam a determinação, a educação e o trabalho. Apesar da matriarca Apolinária Jales não ter tido acesso à educação formal, ela transmitia ensinamentos que iam muito além dos aprendidos na escola. O trabalho era uma obrigação compartilhada por todos na casa, seja na agricultura, na tecelagem ou nas diversas atividades necessárias para garantir o sustento da família. A administração da propriedade ficava sob a responsabilidade de Apolinária, que, organizava as tarefas, tomava as decisões e conduzia a criação dos seus 10 filhos, enfrentando com coragem tanto os anos de inverno (época em que podia plantar o alimento para subsistência) quanto os períodos de seca.

Em um contexto em que, desde a infância, já era necessário trabalhar para garantir o que comer e o que vestir, R02-f-[Am] também compartilha da mesma memória: o trabalho resume suas lembranças na Casa 01.

As memórias da infância na casa 01, conhecida por R01-f-[Am] pela “casa de Mané Jales” ou “Sítio Salobro”, estão marcadas pela vivência do trabalho, da disciplina e dos valores transmitidos por Apolinária.

4.3.1.1 Paisagem do entorno

Por muito tempo, ao redor da Casa 01, existiu um plantio de milho, prática comum na região. Assim como relata a entrevistada R01-f-[Am], que recorda que sua mãe cultivava um *partido* (termo local que se refere a um pequeno plantio) de gergelim ao redor da casa, utilizado na produção de fubá.

4.3.1.2 Estado de preservação

A casa permanece com a mesma estrutura e disposição dos ambientes originais, no entanto, segundo informações de R01-f-[Am], as portas externas foram substituídas (figura 03– inventário da edificação) e o espaço conhecido como "brabo", mencionado por R02-f-[Am], foi removido (figura 10– inventário da edificação). Além disso, a despensa foi substituída por um banheiro (figura 12 – inventário da edificação).

4.3.1.3 Mudanças de uso

Sempre foi de uso residencial, porém, também desempenhava funções produtivas relacionadas da tecelagem e agricultura familiar. No local funcionava a produção de redes, utilizando teares manuais instalados no interior da casa. Além disso, durante o período da safra do algodão, o material estrutural conhecido como "brabo" da sala da frente era adaptado para armazenamento, sendo utilizado para pendurar os sacos de algodão colhido, evidenciando a integração entre o espaço doméstico e as atividades produtivas da época. Este brabo foi mencionado por R02-f-[Am], mas não foi identificado na casa, sendo uma possível modificação.

4.3.1.4 Análise arquitetônica

Ao analisar a planta baixa, no inventário da edificação, observa-se inicialmente a presença de um único quarto, que, em geral, era destinado ao casal (os donos da casa ou os progenitores). Tratando-se de uma residência onde viviam 12 pessoas, a inexistência de outros quartos fazia com que os filhos precisassem utilizar as salas como dormitórios. Por esse motivo, é comum encontrar mais de uma sala, que durante o dia funcionavam como estar e jantar, e, à noite, se transformavam em espaço de descanso. Isso justifica a presença de diversos suportes para redes (figura 10 – inventário da edificação). Trata-se de uma planta bem resolvida desde sua concepção, especialmente por ter sido implantada com orientação voltada para o nascente.

Na planta baixa original, não existia banheiro dentro da residência. O ambiente atualmente identificado como banheiro (figura 12 – inventário da edificação), destacado em marrom, corresponde a uma mudança recente que, anteriormente, esse espaço funcionava como despensa. No interior dessa despensa, havia um elemento de alvenaria bastante comum no período em que os moradores ocupavam a casa: o paiol. Essa estrutura, construída em alvenaria e com altura semelhante à de um armário, tinha a

função de armazenar alimentos, como o feijão para consumo durante todo o ano. O método de conservação consistia em intercalar camadas de areia e de feijão até preencher completamente o paiol, sendo a areia utilizada como recurso para manter o alimento por longos períodos.

Na cozinha, espaço de grande importância nas moradias da região, havia o tradicional fogão a lenha (Figura 11 – inventário da edificação), cuja presença reflete os hábitos e modos de vida locais.

A cumeeira apresenta altura elevada, o que resulta em um telhado com forte inclinação, enquanto as paredes da edificação são mais baixas. Essa conformação arquitetônica favorece o desempenho térmico, uma vez que o aumento da altura da cumeeira permite a formação de bolsões de ar quente na parte superior dos ambientes. Dessa forma, o ar mais fresco tende a permanecer nas zonas de permanência, próximas ao nível do piso, contribuindo significativamente para o conforto térmico no interior da edificação.

4.3.1.5 Materiais, técnicas e sistemas construtivos

A cobertura (figuras 03 e 07 – inventário da edificação) segue as características típicas das casas rurais da região, composta por duas águas, sendo uma maior que a outra, a cumeeira alta e um beiral simples. A estrutura original da cobertura, assim como as telhas coloniais, foi substituída ao longo do tempo. Segundo relatos, existiu um brabo (uma viga de madeira aparente) na sala da frente, elemento posteriormente removido durante reformas.

As paredes (figura 04 – inventário da edificação) são de tijolo comum (tijolo de barro cozido), material muito utilizado na região devido à sua disponibilidade e fácil acesso. O acabamento é feito com revestimento de cal, um insumo adquirido dentro da própria comunidade.

O piso (figura 05 – inventário da edificação) apresenta diferentes tratamentos conforme os ambientes: na sala da frente, utiliza-se ladrilho de barro, enquanto nos demais cômodos o acabamento é em cimento queimado.

As esquadrias internas são originais e preservam a madeira de cajueiro, mantendo sua coloração avermelhada característica. As janelas são compostas por folhas únicas de giro, permitindo a abertura total e, conseqüentemente, a máxima ventilação dos ambientes internos, aspecto fundamental para o conforto térmico em contextos de clima semiárido.

Os tornos de madeira (figura 15 e 16 – inventário da edificação) eram muito comuns em salas e quartos, tendo em vista a falta de quarto e a sobreposição de usos nas salas, que funcionavam tanto como área social durante o dia quanto como espaço de dormitório à noite.

Os caritós (figuras 13 e 14 – inventário da edificação), presentes tanto na sala quanto no quarto, desempenhavam a função de suportes para utensílios e objetos de uso cotidiano. Sua presença revela a simplicidade do mobiliário e a quase inexistência deles, uma vez que, devido à escassez de móveis, esses elementos se tornavam essenciais na organização.

4.3.1.6 Mobiliário

Foi encontrado apenas um mobiliário da época que era um suporte de moinho e permanece na cozinha até os dias atuais (figura 17). No entanto, durante a entrevista com antiga moradora R02-f-[Am], recorda que, a partir de suas memórias, a sala de jantar possuía uma mesa, mas era costume que as crianças não realizassem suas refeições à mesa, e sim sentadas sobre uma esteira de palha no chão.

Figura 17 - Base que sustenta o moinho



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

4.3.2 Casa 02 - Casa dos Grossos

Construída no início do século XX, por volta de 1927, esta casa pertencia a Etelvina Jales e Antônio Jales (proprietários anteriores a Hemetério), e foi a primeira

residência do casal. Antes disso, R03-m-[pro] relata: "Quando Etelvina casou, não tinha nem casa para morar. Fez um rancho lá na lagoa dos Grossos, foi pra debaixo do rancho para baterem o tijolo, prepararem o material para construir esta casa".

É importante destacar que a denominação 'Casa dos Grossos' resgata a forma como essa edificação era conhecida antigamente. Uma casa modesta e rica em identidade, que ao longo dos anos acumulou diversas memórias coletivas. Com o tempo, não apenas abrigou gerações, mas tornou-se espaço de vivências, encontros e tradições compartilhadas.

4.3.2.1 Paisagem do entorno

No entorno existia uma lagoa chamada Lagoa dos Grossos, que desapareceu com o tempo. A árvore de cajarana situada à frente da casa permanece no mesmo local até hoje. A cerca de pedra (figura 25 - inventário da edificação), que delimita a frente do terreno, também é um elemento característico da época.

4.3.2.2 Estado de preservação

A parte original da casa conserva as mesmas paredes (figura 20 - inventário da edificação). No entanto, alguns armadores de madeira foram substituídos por armadores de ferro, restando apenas alguns exemplares originais. A estrutura do telhado foi parcialmente modificada, mas ainda mantém a trama de madeira com telha colonial. As paredes e a cobertura do banheiro são intervenções recentes.

4.3.2.3 Mudanças de uso

A edificação foi inicialmente construída como residência, mas, posteriormente, passou a abrigar um grupo escolar enquanto ainda era moradia de Aderson Fernandes Jales (filho de Antônio e Etelvina), sua esposa Eudete de Almeida Jales, seus filhos e pessoas que auxiliavam nas tarefas da casa. O grupo escolar estava vinculado ao município de Patu/RN, uma vez que Messias Targino ainda não havia sido emancipado, e o então povoado do Junco pertencia àquele município.

R04-f-[Am]: "Eu fui morar lá com uns 8 anos e morei até os 15 anos [...] eu cuidava da casa e fazia comida, porque tia Deta [Eudete] era professora e alfaiate. Lá tinha uma escola de muitos alunos nesta casa".

As escolas no Junco funcionavam nas casas dos próprios professores, que dedicavam seu tempo a ensinar os poucos que podiam estudar naquela época. Essa casa marcou a vida de muitas crianças, como exemplificado por R03-m-[Pro]: "Tudo que eu aprendi foi lá".

4.3.2.4 Análise arquitetônica

A fachada frontal da casa é voltada para o nascente e apresenta altura superior à fachada posterior. Essa configuração pode estar associada à disposição dos ambientes internos, uma vez que os espaços de descanso e convivência, onde as famílias passavam mais tempo, estão localizados na parte frontal da residência, aproveitando melhor a ventilação e a luz natural.

Por se tratar de uma casa modesta, típica das construções rurais do início do século XX, não havia banheiro originalmente. Este foi adicionado em reformas posteriores, próximo à cozinha.

O fogão a lenha, elemento comum nesse tipo de habitação, também esteve presente na cozinha, mas foi retirado por questões de saúde dos moradores. Sua base estrutural, no entanto, permanece como vestígio desse recurso tradicional.

As salas possuem diversos armadores de rede, o que remete à flexibilidade de uso dos espaços internos. Durante o dia funcionavam como salas de estar ou refeições; à noite, tornavam-se dormitórios improvisados, conforme as necessidades da família. O único quarto era reservado ao casal, enquanto as salas se transformavam em dormitórios à noite.

A casa não possui alpendre, sendo a parte externa composta por uma calçada elevada, refletindo sua implantação em ponto alto do terreno - uma estratégia para evitar alagamentos e favorecer a ventilação.

4.3.2.5 Materiais, técnicas e sistemas construtivos

A casa possui duas coberturas (figura 18 - inventário da edificação), que simbolizam duas épocas construtivas, embora tenham sido substituídas por uma estrutura mais nova, do mesmo material. A primeira, com duas águas assimétricas, é bem

característica. A segunda, com apenas uma água, foi construída posteriormente para abrigar o banheiro. As coberturas possuem cumeeira alta, estrutura de telha colonial e beiral simples.

As paredes (figura 20 - inventário da edificação) são de tijolo comum (barro maciço), material amplamente utilizado no século XX, especialmente em edificações rurais. O acabamento é de pintura com cal - técnica simples e acessível, típica do período.

O piso (figura 21 - inventário da edificação) é atualmente de cimento queimado; originalmente, era de ladrilho de barro.

As esquadrias são inteiramente em madeira, que pelos traços são de umburana, assim como as vergas das portas (figuras 28 e 35 - inventário da edificação). Também foi identificada, em uma das portas, uma soleira em madeira natural (figura 21 - inventário da edificação). As janelas possuem elementos que funcionam como contravergas (figura 22 - inventário da edificação), igualmente em madeira natural. Elas possuem abertura total para ventilação, Já as portas são baixas e de duas bandas (figura 30 - inventário da edificação), .

Os tornos estão presentes nas salas, refletindo o uso multifuncional dos ambientes em famílias numerosas. Originalmente, todos os tornos eram de madeira (figuras 32 e 33 - inventário da edificação), mas foram substituídos por modelos em ferro, restando apenas dois exemplares em madeira, hoje preservados.

Não foram encontrados caritós na edificação durante o levantamento atual. Contudo, relatos orais indicam que esses elementos existiam antes das reformas, sendo usados para apoiar utensílios e objetos de uso diário.

4.3.2.6 Mobiliário

Não foi identificado nenhum mobiliário original da época da construção.

4.3.3 Casa 03 – Casa de Hemetério e Elisa

Não se sabe ao certo a época em que a casa foi construída por Etelvina e Florentina, filhas de Rafael Jales, mas supõe-se que tenha sido por volta de 1920 ou 1930. A primeira reforma significativa, que unificou as duas casas, ocorreu em 1957, mantendo, contudo, as duas portas de entrada.

Hemetério era político e atuava no ramo do comércio. Sua esposa, Elizabeth Teixeira Jales (conhecida como Elisa), dedicou sua vida para cuidar dos dez filhos. Com muito esforço e enfrentando dificuldades, chegou a morar por um período em Mossoró para garantir a eles uma boa educação.

R03-f-[Pro] relembra: “[...] o primeiro habitante aqui do sítio foi um filho desse Manoel Fernandes Jales [este foi quem recebeu a data de terra] veio fazer a primeira casa ali no curral onde tem uma casa hoje. Era Francisco Fernandes Jales o nome dele. Depois foi que o pai veio e construiu outra, mas a do pai já caiu”

4.3.3.1 Paisagem do entorno

Ao redor da residência, há um fechamento em estrutura de ferro pintado de azul, que a separa visual e funcionalmente do restante da propriedade. Esse cercamento marca o limite imediato da casa, criando um espaço mais resguardado e distinto do resto da propriedade.

4.3.3.2 Estado de preservação

A parte original está bem preservada. Por estar ocupada desde sua construção até a data da pesquisa, recebeu manutenções ao longo do tempo, além da adição de anexos posteriores.

Figura 18 - Casa de Hemetério antes



Fonte: Diniz (2020).

Ao observar a fachada da casa (figura 18), nota-se, à direita, uma edificação com cobertura de duas águas construída antes que a da esquerda; ao centro, uma conexão entre as duas casas feito no período de 1957, chamado por R09-m-[Pro], de Área/alpendre, com uma abertura maior que dava acesso do lado direito ao barracão e ao lado esquerdo a casa principal; e, à esquerda, uma casa onde, na fotografia, se vê apenas uma janela e uma cobertura de duas águas com empena lateral. A cobertura manteve-se inalterada, mas foi

acrescentada uma platibanda com detalhes em alto-relevo. Essa grande abertura central, que anteriormente servia como acesso, é atualmente uma janela de um quarto e a porta da casa à direita continua até os dias atuais, mas dando acesso a uma suíte.

4.3.3.3 Mudanças de uso

A edificação sempre teve uso residencial. No entanto, em determinado período, também passou a abrigar um pequeno comércio conhecido como barracão, um espaço onde eram vendidos alimentos por quilograma (kg), como feijão, milho e outros mantimentos básicos. Essa atividade comercial coexistia com o ambiente doméstico, servindo tanto como complemento à renda familiar quanto como uma forma de apoio aos vizinhos, que encontravam ali, por perto, uma alternativa mais próxima para adquirir os produtos de que precisavam.

4.3.3.4 Análise arquitetônica

A casa foi construída no ponto mais alto da propriedade, permitindo ampla visualização da área e aproveitando a orientação para o nascente, destacando como isso a influência o conforto térmico, com incidência da luz solar nas primeiras horas do dia, e evitando o calor excessivo da tarde.

Inicialmente, contava apenas com um banheiro externo, distante, e a cozinha funcionava como um alpendre nos fundos. Com o tempo, passou por ampliações, incluindo o alpendre atual e as cozinhas que aparecem na planta baixa. Dentre os elementos de destaque existe um fogão a lenha próximo ao banheiro externo que não é utilizado.

A organização espacial difere-se das demais edificações analisadas, uma vez que esta apresenta uma circulação íntima que dá acesso a seis quartos, sendo quatro suítes (figura 49 – inventário da edificação).

Na primeira sala de jantar, há um brabo de madeira (figura 47 – inventário da edificação), usado para vencer o vão entre as paredes. Outro destaque são os pátios internos (figuras 19 e 20), que conectam ambientes e garantem ventilação e iluminação naturais, recurso pouco comum na arquitetura local.

Figura 20 - Vista para o pátio próximo às áreas sociais



Figura 19 - Pátio próximo às áreas de serviço



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

As ampliações realizadas ao longo do tempo, que incluíram o alpendre, novas cozinhas e suítes, indicam uma adaptação contínua da edificação frente às demandas dos moradores sem descaracterizar a parte original.

4.3.3.5 Materiais, técnicas e sistemas construtivos

A casa possui diversas coberturas que refletem diferentes fases de reforma (figura 37 -inventário da edificação). São ao todo dez coberturas: cinco com estrutura de duas águas e cinco de uma única água. Todas utilizam telha colonial, com exceção de algumas áreas mais recentes, como os banheiros, que têm laje impermeabilizada. A área dos quartos está atualmente forrada com gesso, resultado de intervenções recentes.

As paredes mais antigas são de tijolo comum, enquanto as construções recentes utilizam alvenaria de tijolo cerâmico. Todas são revestidas com pintura de cal, com destaque azul no rodapé. Nas cozinhas (figura 51 - inventário da edificação) e nos banheiros internos, há revestimentos cerâmicos atuais.

Os pisos são variados. Há áreas com cimento queimado simples e outras com cimento queimado carimbado (figuras 39 e 41 - inventário da edificação). Na circulação para os quartos o piso é de cimento queimado na cor vermelha e carimbado (figura 42 -

inventário da edificação). Um piso mais recente, o ladrilho hidráulico, está presente na cozinha (figura 51 - inventário da edificação).

As esquadrias da casa são variadas, mas todas pintadas na cor azul. A porta de entrada é do tipo duas bandas. As demais portas alternam entre modelos de duas bandas e de uma folha de abrir. Um exemplo singular é a porta do quarto que dá acesso ao pátio (figura 43 – inventário da edificação), uma porta dupla um pouco mais estreita que o comum.

As janelas, em sua maioria, são de uma folha e de giro, permitindo ventilação total dos ambientes (figura 55 – inventário da edificação). Há também uma abertura que dá acesso à segunda sala de jantar, com destaque para o formato trapezoidal na parte superior (figura 54 - inventário da edificação).

Na sala de entrada e na de jantar, há muitos tornos de rede de ferro (figura 46 e 47 – inventário da edificação), instalados mais recentemente. No entanto, a presença de alguns armadores de madeira indica que originalmente todos eram desse material. A quantidade de armadores reforça o uso múltiplo desses espaços, que servem como salas durante o dia e dormitórios à noite.

Há ainda dois caritós (figura 53 - inventário da edificação), utilizados como apoio para objetos, um na cozinha e outro em um dos quartos.

4.3.3.6 Mobiliário

Existem muitos mobiliários antigos na casa, nenhum da época das primeiras moradoras (Etelvina e Florentina), mas são diferentes da época e bem conservados.

Figura 22 - Cristaleiras



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Figura 21 - Armários e mesa



4.3.4 Casa 04 – Casa de Aprígio Rodrigues e Mariquinha

Esta charmosa casa foi construída no final do século XIX, por volta de 1890 por João Fernandes Jales e sua esposa Teodelina Jales, onde criaram seus filhos e um deles, Aprígio Jales Rodrigues herdou este pequeno pedaço de terra junto com a casa, local onde também viveu com Mariquinha e seus filhos.

Aprígio Jales era marchante, tinha um cortiço em sua casa e vivia da agricultura para subsistência e comércio. Em outras palavras cuidada e comercializava animais, fazia sandálias de couro e plantava, no pequeno pedaço de terra herdado do seu pai, o algodão, por exemplo, que no final do ano era uma renda extra para a família. Mariquinha era professora particular, alfaiate e dona de casa. No seu tempo livre consertava redes de dormir, fazendo fios de algodão para colocar nas redes de casa. Suas filhas herdaram o dom de ensinar e foram professoras nesta própria casa. Assim como falado nas casas anteriores, as escolas eram nas casas dos professores.

Para R08-m-[Am] algo que não pode ser esquecido na história desta casa era a humildade dos seus avós que “se doaram para fazer as outras pessoas felizes”, recebendo a família e amigos já que sempre gostavam do “aconchego”, o lado humano de querer ver todos unidos e reunidos. Ele ainda ressalta “o lado do abrigo das famílias carentes que moravam ali e meu avô dividia o pão [...] era dado, não era vendido”. Por fim, destaca “a memória deles continua viva [...] eu to lá eu sinto a presença deles ainda [...]”

Contribuindo para a riqueza da Casa 04, R07-f-[Am] cita:

No sítio a gente tinha esse hábito de andar. Era a diversão da gente era isso: andar na casa um do outro. Era sem energia, sem nada. Fomos criados no escuro, só com uma lamparinazinha. Aí a gente pegava aquela lamparina e ia pras casas de noite ficar conversando, batendo um papo um pedaço. Era a diversão da gente nas férias da escola, porque na minha época eu já estudava, mas com meus irmãos era diferente, na época deles eles só faziam trabalhar [...] São essas coisas que ficam, né [...] na lembrança.

Diniz (2020, p.9) também recorda sobre a casa e confirma o que os entrevistados relataram, dizendo:

[...] maravilhoso o acolhimento. À noite era uma casa cheia! Juntavam-se muitas pessoas, mais jovens e todos os parentes. Muitas brincadeiras [...] Numa certa noite colocamos muitos vagalumes num vidro e colocamos num armador da sala que mostrava um bom clarão. Tudo naquela casa me fazia feliz. Não havia nada que eu não gostasse. Apenas me recordo, quando numa certa manhã, Mariquinha me ofereceu um escaldo de leite de cabra. Não gostei nem um pouco, mas nunca disse nada a eles. Até hoje nunca servi tal refeição.

Sob essa mesma perspectiva, R06-f-[Am] fala sobre seus pais “o aconchego grande que eles tinham com o pessoal [se emociona ao recordar de seu pais] A forma

como eles recebiam bem o povo: sempre muito educados, apesar de serem pessoas de pouca economia, eram pessoas muito aconchegantes”. Ela lembra das brincadeiras de infância que as vezes se misturavam com o trabalho em casa, como a desbulha do feijão, que reunia os vizinhos para fazer esse trabalho junto com eles. Brincadeiras que marcaram sua infância foi com gado de osso, galinha de pereiro, panela de barro quando chovia.

4.3.4.1 Paisagem do entorno

Ao redor da casa, João Jales plantou um pé de tamarindo que permanece até hoje. R07-f-[Am] cita sobre ele dizendo: “o pé de tamarindo foi plantado na época dos meus avós [...] eu queria que ele sempre fosse lembrado na história”. A árvore em segundo plano na figura 24, é mais do que um elemento da paisagem, tornou-se símbolo da continuidade afetiva entre as gerações. Antes existia uma cerca de estaca bem próxima da casa, separando a casa do restante da propriedade (figura 23).

Figura 23 - Casa de Aprigio Jales e paisagem ao redor



Fonte: Edimar (2020).

Na figura 24 é possível observar uma tecnologia social para o campo muito comum: a cisterna que são:

reservatórios cilíndricos ou cúbicos, construídos próximo à casa da família. Elas armazenam a água da chuva que cai no telhado e é levada para dentro da cisterna através de calhas de zinco e canos de PVC. Consiste num reservatório fechado para armazenar a água da chuva, para consumo humano, produção agrícola e consumo por animais. (Araújo, 2020, p. 6).

Este elemento foi destacado para ressaltar a existência do Programa P1MC (Programa Um Milhão de Cisternas) que busca solucionar questões cruciais do Semiárido nordestino, a carência de água, as consequências das secas e do coronelismo (Junior e Leitão, 2016, p.76).

Figura 24 - Árvore de Tamarindo



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

4.3.4.2 Estado de preservação

A casa está bem preservada ao ser comparada com a figura 24 acima e a figura 58 do inventário da edificação, mas tiveram algumas mudanças para que continuasse dessa forma: a estrutura de uma parte do telhado foi substituída por outras do mesmo material, a porta de entrada foi trocada.

4.3.4.3 Mudanças de uso

Embora sempre tenha sido uma residência, como mencionado anteriormente, em determinado período a casa também abrigou um ponto de ensino ligado à rede municipal de Patu/RN. Assim, além de lar, o espaço assumiu função educativa, contribuindo com a formação de pessoas da região. As filhas de Mariquinha (Gercina, Josefa e Irene) atuaram como professoras e repassavam seus conhecimentos à comunidade local. Segundo o relato de R06-f-[Am], o ambiente era simples e os recursos, escassos: “Não tinha quadro, nem livros [...] era apenas palmatória, papel e lápis.”

4.3.4.4 Análise arquitetônica

A casa é voltada para o nascente, o que favorece a ventilação e a iluminação natural dos ambientes principais. Sua planta baixa se destaca por apresentar três salas com diversos armadores de rede e um pé-direito baixo em algumas áreas, característica típica

das construções em taipa. A sala construída na segunda reforma, por volta de 1922, possui altura mais elevada por ter sido executada em tijolo comum. A partir da segunda sala, no entanto, toda a estrutura é feita em taipa de mão, o que pode ser percebido pelas irregularidades nas paredes.

As salas assumiam múltiplas funções: durante o dia, eram utilizadas como espaços sociais; à noite, transformavam-se em dormitórios improvisados, com redes armadas em todos os cômodos. R06-f-[Am] relata que “até lá na despensa dormia gente”, reforçando o uso intensivo e flexível dos espaços internos.

O fogão a lenha, elemento essencial nas casas rurais da época, também esteve presente na edificação. Embora tenha sido removido ao longo dos anos, foi reinstalado no mesmo local em uma intervenção recente, preservando parte da identidade original da casa.

O banheiro não existia até o período em que Aprígio e Mariquinha começaram a morar na casa. Por isso, pode ter sido feito por volta de 1930. Um espaço com pé-direito baixo e cobertura bastante inclinada. Possui um tanque típico da época, utilizado para armazenar água, e não contava com chuveiro. Sua única abertura era a porta de acesso, evidenciando a simplicidade construtiva e a adaptação ao estilo de vida rural da época.

4.3.4.5 Materiais, técnicas e sistemas construtivos

A edificação apresenta um conjunto de quatro coberturas, sendo duas com duas águas e duas com uma água, o que evidencia as diferentes fases construtivas pelas quais a casa passou. Os beirais são simples, característicos das construções rurais modestas do início do século XX. Uma parte da estrutura do telhado ainda é original, destacando-se a presença de telhas assinadas por artesãos, elemento raro e de valor histórico (figura 62 - inventário da edificação).

As paredes da parte original da casa são de taipa, o que justifica a baixa altura da edificação, já que esse sistema construtivo tradicional impõe certas limitações estruturais. Em outras áreas, observa-se o uso de tijolo comum, especialmente no banheiro externo e na primeira sala. O anexo posterior, onde foi construída a suíte, foi executado com alvenaria de tijolo cerâmico, indicando intervenções mais recentes e o uso de técnicas construtivas distintas. Além disso, o anexo conseguiu respeitar o restante da casa no que diz respeito ao gabarito e materiais utilizados.

O piso interno é predominantemente de cimento queimado, alternando com piso morto na cozinha e despensa, o que reforça a simplicidade e funcionalidade dos ambientes. Já a calçada externa é feita com pedra, solução comum para garantir maior durabilidade e resistência às intempéries.

As esquadrias originais da casa são voltadas para o nascente e em sua maioria baixas, coerentes com a tipologia da construção. As janelas apresentam uma folha de giro com abertura total (100%), sendo, em sua maioria, ainda originais — com exceção da janela da sala frontal, que foi substituída. As portas preservam o sistema tradicional de duas bandas, comum em casas antigas e eficiente na ventilação cruzada.

Quanto aos tornos de rede, a casa possui dois tipos. Os mais antigos, presentes nas duas primeiras salas, são de madeira. Um aspecto particularmente interessante encontra-se na parte construída em taipa, onde os tornos mais antigos foram feitos aproveitando as próprias varas da parede de taipa, que se projetam para fora, funcionando como apoios rústicos para redes ou até mesmo para chapéus (figura 25). Esse recurso evidencia uma técnica espontânea e funcional, integrada ao próprio sistema construtivo.

Figura 25 - Torno em parede de taipa



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

4.3.4.6 Caritós

A casa no total tem dois caritós (figuras 79 e 81 – inventário da edificação) já que por se tratar de uma arquitetura austera, bem como um estilo de vida simples, a presença deles supria a escassez de mobiliário tradicional, funcionando como soluções práticas para armazenamento de objetos do cotidiano ou imagens religiosas.

4.3.4.7 Mobiliário

Era bastante comum o uso de armários embutidos, construídos em alvenaria e fechados com portas (figura 80 – inventário da edificação). Por isso, na cozinha existe um desses armários, que poderia funcionar como uma pequena despensa para armazenamento de alimentos. Além disso, existe um oratório até hoje (figura 26) e um crucifixo de madeira (figura 27) guardados pela filha de Aprígio e Mariquinha. Além disso, também foi encontrado um baú de madeira (figura 28) que era utilizado como um guarda roupa na época.

Figura 27 - Crucifixo de madeira



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Figura 26 - Oratório de madeira



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Figura 28 - Baú de madeira



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

4.3.5 Casa 05 – Rafael Jales - Sebastião Calista e Florentina

A casa foi construída por Rafael Jales no final do século XIX, por volta de 1875, período em que ele passou a residir no local até o seu falecimento, em 3 de abril de 1943. Posteriormente, a propriedade foi herdada para sua filha Florentina, após o casamento com Sebastião Teixeira Dantas (Calista), o qual, anos depois, a vendeu para Genuíno. Atualmente, a propriedade pertence a um de seus filhos, mantendo-se como bem de valor histórico e afetivo para a família.

Tendo em vista que a construção da casa foi realizada por Rafael Jales, é relevante compreender um pouco de sua trajetória e importância histórica. Nesse sentido, Diniz (2020, p. 66) destaca: “Falar de Salobro temos que falar de Rafael Fernandes Jales, que era filho de Manoel Fernandes Jales e Inácia Maria da Conceição. Esse eu creio que foi o patriarca do Salobro. [...] Casou-se três vezes. A segunda vez casou com Maria Inácia [...]”. Sob essa perspectiva, é importante reforçar o papel central de Rafael na formação da comunidade do Salobro, sendo considerado por muitos como seu patriarca.

Além disso, conforme relato de R11-m-[Am], que viveu no período em que Florentina (sua avó, carinhosamente chamada de Mãe Fulô) já era a dona da casa, a residência se configurava como uma casa tradicional, frequentada por muitas pessoas ao longo do tempo. A subsistência da família estava diretamente ligada à produção artesanal de queijo e ao cultivo de algodão, arroz e feijão - sendo estes dois últimos para garantir o alimento necessário ao sustento familiar durante todo o ano.

Outro costume marcante que R11-m-[Am] recorda, era a tradição de rezar o terço, da qual todos os membros da casa participavam. Todos os dias tinham que rezar o terço em frente a um oratório.

Por fim, R09-m-[Pro], que atualmente está reformando a casa, comenta com carinho sobre o imóvel: “Estou reformando a antiga casa [...] Como diz naquela música de Flávio José: ‘a casa que meu avô morou, que meu pai herdou e passou pra mim’.”

4.3.5.1 Paisagem do entorno

Não há muitas informações sobre a paisagem original ao redor da residência, sabe-se apenas que existia um curral anexado à casa, o que reforça a ligação com atividades rurais. Atualmente, observa-se a presença de vegetação baixa no entorno e uma árvore que não

é nativa, e a parte frontal da casa conta com um fechamento em cerca, delimitando o espaço e garantindo maior proteção e organização do acesso.

4.3.5.2 Estado de preservação

De maneira geral, a casa está modificada e foi reformada algumas vezes que resultou na adição do banheiro, na construção do quarto do algodão e na retirada dos sótãos e agora por último foi adicionados mais banheiros nos quartos e novas áreas de serviço. Ainda assim, as paredes originais permanecem conservadas.

4.3.5.3 Mudanças de uso

Sempre foi de uso residencial, no entanto, existia a produção do queijo no período em que Sebastião e Florentina moraram na casa. Além disso, o algodão, que era armazenado no quarto de fora, era vendido para ser fonte de renda da casa também.

4.3.5.4 Análise arquitetônica

Sua frente foi construída para o norte, que também recebe muita iluminação e ventilação natural por ter aberturas externas para o leste. Tendo uma planta baixa bem resolvida com duas salas que possuem muitos armadores indicando a sobreposição de usos, sendo de dia salas e de noite dormitórios, além disso, existiam originalmente dois quartos internos; um quarto externo que tem acesso pelo alpendre (figura 83 - inventário da edificação) foi construído para armazenar algodão, um dos principais produtos geradores de renda da família.

A cumeeira se destaca por ser alta com telhado bem inclinado. Essa solução arquitetônica facilita o conforto térmico que melhora a ventilação e temperatura interna.

Esta residência passou por algumas reformas que retiraram o quarto externo e adicionado outro com a mesma função e para fora; foram adicionados banheiros em todos os quartos, duas cozinhas, despensa e ultimo refeito todo o alpendre junto com a substituição de todo o telhado da residência (telha canal cerâmica) Somado a isso, originalmente, a casa possuía dois sótãos (retirados em reformas), que serviam para guardar os alimentos. Além disso, não existia banheiro.

4.3.5.5 Materiais, técnicas e sistemas construtivos

A edificação apresenta atualmente uma cobertura em duas águas (figura 82 - inventário da edificação), característica comum nas construções tradicionais da região. Embora toda a cobertura tenha sido substituída em reformas posteriores, optou-se por manter a linguagem original ao conservar a estrutura com telha colonial. Essa escolha, apesar da intervenção, demonstra uma preocupação em preservar a estética e a materialidade associadas à arquitetura tradicional local.

As paredes que compõem a parte original da edificação foram feitas em alvenaria de tijolo comum (figura 101 - inventário da edificação), técnica utilizada no período da construção. As paredes são rebocadas e possuem acabamento com pintura à base de cal, o que além de ser uma solução de fácil acesso, também permite a respiração das paredes, contribuindo para o conforto térmico e a conservação do material. Em contraposição, a área do anexo atualmente em construção utiliza alvenaria de tijolo cerâmico, que indicam uma atualização técnica.

O piso interno da residência é predominantemente de cimento queimado (figura 88 - inventário da edificação). No entanto, registros apontam que o revestimento original dos pisos era de ladrilhos de barro. A substituição do material, representa uma perda de autenticidade no que diz respeito à materialidade original do imóvel.

As esquadrias da edificação, como portas e janelas, apresentam hoje características que dificultam a identificação precisa do tipo de madeira originalmente utilizado (figuras 85 e 86 - inventário da edificação). A falta de documentação específica, impossibilitou uma análise mais minuciosa sobre a espécie de madeira empregada. Ainda assim, é perceptível que a intenção inicial foi utilizar materiais compatíveis com a estética da época.

Em relação aos tornos de rede, há evidências de que houve uma substituição significativa em sua composição material (figura 98 - inventário da edificação). Originalmente confeccionados em madeira, esses elementos parecem ter sido trocados por tornos de ferro, provavelmente como solução de maior durabilidade.

4.3.5.6 Caritós

Não há vestígios de que existiam caritós na casa.

4.3.5.7 Mobiliário

Não foi encontrado nenhum mobiliário na casa.

4.3.6 Casa 06 – Genuíno

A casa foi construída na metade do século XX, por volta de 1920-30 inicialmente uma morada simples para viverem o casal Genuíno Fernandes Jales e Basílica de Almeida Jales, atualmente pertence aos seus herdeiros que construíram anexos para quando chegaram na casa nos fins de semana, terem seus espaços de descanso.

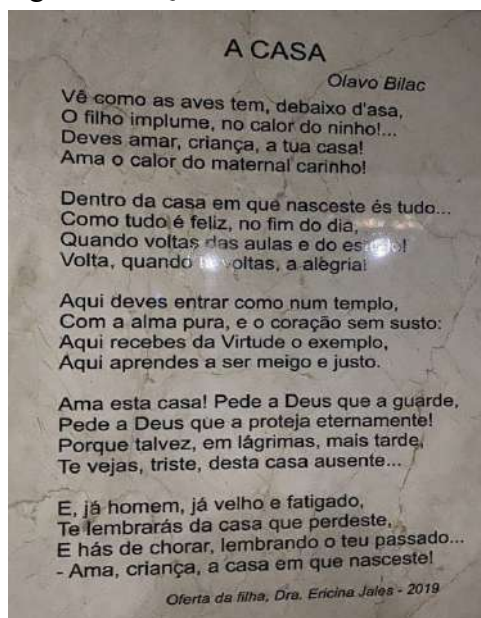
Genuíno era agropecuarista, e mesmo sem alto grau de instrução, conseguiu educar muito bem seus filhos. Era um homem religioso por isso seus filhos tinham que rezar todas as noites antes de dormir. Sua esposa Basílica era dona de casa, costurava para os seus filhos e cuidava-os em outros assuntos além da educação, já que nunca teve a oportunidade de ler e escrever.

Ao falar da casa de Genuíno, R10-f-[Pro] recorda que o principal meio de transporte da época era a carroça, enquanto aqueles que não tinham condições financeiras iam a pé. Os banhos de açude eram uma tradição, frequentemente acompanhados por brincadeiras típicas, como a corrida de argolinhas. Ela também relembra o uso da lamparina a querosene como fonte de iluminação e os momentos de estudo realizados na casa de Aprígio e Mariquinha.

Contribuindo para as memórias da casa, R09-m-[Pro] fala sobre a convivência no sítio, o trabalho na cultura do algodão, que foi um grande marco. Ainda ressalta: “Era muito bonito de colher o algodão [...] tudo branco.” Recorda que abastecia a casa com água vinda em um jumento, por não ter água encanada no período. Contribui que seu pai (Genuíno) conseguiu aplicar um sistema de luz a gás, que era uma tubulação toda feita de canaleta de cobre, mas foi utilizada por pouco tempo. Além do mais, Diniz (2008) relembra:

A casa de Genuíno Fernandes Jales e Basílica de Almeida Jales era outro desses centros [remetendo aos centros de acolhimento]. A família também muito grande e muito acolhedor. Ali o ambiente além de ser de trabalho era também de boa educação, pois quase todos os filhos se formaram. (Diniz 2008, p.294)

Figura 29 - Quadro na entrada na casa



Fonte: Arquivo pessoal (2025)..

Este quadro (figura 29), reflete o apego ao material, mas às memórias que existem nela. Contribuindo para isso, R09-m-[Pro] finaliza: “A gente preserva com muito interesse e amor. Qualquer sinal de deterioração, procuramos conservar e restaurar o quanto antes.” Esse pensamento faz com que as memórias coletivas continuem vivas no lugar em que cresceram.

4.3.6.1 Paisagem do entorno

Ao redor da casa há uma cerca de concreto pré-moldado, instalada recentemente. Na área externa, destaca-se a presença de um armazém com acesso direto ao curral, além de árvores de cajarana e caraibeira dão destaque e completam a paisagem da parte frontal da residência (figura 30). Além disso, também foi identificada uma capela de “Mãe Rainha”⁶ construída em 2024 (figura 31), confirmando a continuação da vida religiosa que sempre existiu na região.

⁶ Maria, mãe de Jesus, na igreja católica.

Figura 30 - Paisagem do entorno da casa



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Figura 31 - Vista aérea capela Mãe Rainha



Fonte: Joseane Medeiros (2025).

A capela possui um muro é baixo e feito com estrutura de pilares e gradis, para permitir uma vista além dele quem observa de fora da construção. Além disso, a capela possui uma única nave com o altar para parte principal. Sua fachada (figura 118 – inventário da edificação) possui características que relembram a imagem de mãe rainha no quadro de madeira com porta, ou seja, o arco central elevado e as duas aberturas laterais evocam visualmente as "portas" desse quadro.

4.3.6.2 Estado de preservação

Originalmente, a casa apresentava uma configuração mais simples, sem alpendre. Era composta apenas por uma segunda sala, um quarto e a cozinha, todos construídos em taipa de mão. Na fotografia (figura 32), é possível observar a existência da primeira sala, além de duas portas: a da esquerda, que permanece como acesso principal até os dias atuais, e a da direita, que dava acesso a um quarto construído posteriormente para servir

de espaço de trabalho ao pai de Basílica no chamado curtume, que era feito o tratamento do couro do animal para produzir, por exemplo, selas de cavalos ou sandálias.

Figura 33 - Casa de Genuíno antes



Fonte: Diniz (2020).

Foi construído um quarto que localizado à esquerda da única janela existente na figura 28. Aos poucos foram feitas reformas, adições e anexos para chegar como está hoje.

4.3.6.3 Mudanças de uso

Mesmo sempre sendo de uso residencial, nesta casa também funcionou o barracão (nome referente aos mercadinhos), Ali vendia os quilos de açúcar e feijão, por exemplo.

4.3.6.4 Análise arquitetônica

A fachada frontal da casa está orientada para o nascente, favorecendo diretamente o conforto térmico dos ambientes internos, especialmente durante as manhãs. Além disso, a planta baixa da edificação apresenta uma configuração diferente das demais, mas funcional. Um ponto que chama a atenção é a presença de duas salas de jantar, uma vez que foi feita uma adaptação a realidade da época.

A estrutura da segunda sala é marcada pela presença de um brabo, elemento estrutural tradicionalmente usado para sustentação da cobertura, que neste caso aparenta ser confeccionado em madeira de aroeira. A presença desse material reflete sua qualidade já que foi construído desde a concepção da casa.

Os anexos existentes na casa foram construídos respeitando a lógica e a estrutura do volume original, tanto em relação à implantação quanto à linguagem arquitetônica

adotada. Isso demonstra uma preocupação em manter a coerência visual e espacial do conjunto, evitando intervenções que destoem da composição original.

Na fachada frontal, destaca-se a presença de uma platibanda com detalhes em alto-relevo, elemento decorativo expressivo na estética do imóvel. Ainda assim, o alpendre, construído em 1974, é outro elemento relevante da edificação. Ele se projeta como uma área coberta que antecede os acessos principais, funcionando como espaço de transição entre o exterior e o interior da casa. Sua configuração permite três acessos distintos: o primeiro leva diretamente ao quarto 01, o segundo dá entrada à sala principal e o terceiro conduz a uma suíte. Essa distribuição de entradas indica uma setorização clara dos ambientes internos, além de facilitar a circulação e o uso independente de alguns cômodos.

As janelas, em sua maioria são do tipo de abrir, favorecem significativamente a ventilação cruzada e a entrada de luz natural nos ambientes internos. Essa escolha tipológica é coerente com as condições climáticas da região, uma vez que contribui para manter a casa mais arejada e iluminada durante o dia.

Outro aspecto importante da organização espacial da casa é a quantidade de acessos que interligam os ambientes internos com a área externa. Existem múltiplas portas e passagens que permitem essa comunicação entre os espaços, o que evidencia um projeto voltado para a fluidez na circulação e para a integração com o ambiente externo.

4.3.6.5 Materiais, técnicas e sistemas construtivos

A edificação apresenta muitas coberturas (figura 82 – inventário da edificação) que simbolizam diferentes épocas de construção e que possuem até duas águas, com destaque da cobertura da casa principal (figura 104 – inventário da edificação). Foi toda substituída, mas permanece uma estrutura de telha colonial. Somado a isso, todos os quartos e anexos apresentam forro de gesso além da cobertura identificada na vista aérea.

As paredes da parte original (figura 115 – inventário da edificação) são de taipa de mão, na sala da frente, sala de jantar e os quartos que estão dentro da casa já são de tijolo comum (figura 111 – inventário da edificação), e nos anexos recentes de alvenaria de tijolos cerâmicos.

O piso interno atualmente é todo de cimento queimado (figura 109 – inventário da edificação), mas, quando foi construída a sala de jantar, era de ladrilho de barro.

As esquadrias (figuras 107 e 108 - inventário da edificação) originais da casa são bem variadas visto às diferentes épocas de construção dos ambientes. Somado a isso, algumas aberturas de acesso, possuem a parte de cima em arco (figuras 120 - inventário da edificação).

No que diz respeito aos tornos de rede (figura 120 – inventário da edificação), originalmente feitos de madeira, estes foram substituídos por tornos de ferro ao longo do tempo. Contudo, na segunda sala, os tornos chegaram a ser instalados, mas posteriormente foram retirados.

4.3.6.6 Caritós

Alguns caritós originais ainda se encontram preservados na residência e, atualmente, são utilizados como suporte para imagens religiosas (figuras 123 e 124 - inventário da edificação). Esses elementos apresentam diversidade de formas, incluindo modelos retangulares e em formato de oratório.

4.3.6.7 Mobiliário

Foram encontrados muitos mobiliários originais como por exemplo cristaleira (figura 33), o oratório (figura 34) e armários (figura 35 e 36).

Figura 35 - Cristaleira



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Figura 37 - Oratório



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Figura 39 - Armário



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Figura 41 - Cômoda



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

4.3.7 Casa 07 – Antônio Diniz

Antes de tudo, esta casa não está dentro dos limites geográficos do Salobro, e sim, do Monte Alegre, área vizinha do Salobro. O motivo dela está incluída neste trabalho é a comparação e similaridade dela com outras casas deste trabalho. Logo, torna-se fundamental a inclusão desta casa para a busca de resultados comparativos de qualidade.

A casa foi construída no final do século XX, por volta de 1970, mas apesar de sua construção ter sido no final do século passado, ainda tem muita influência da comunidade de estudo, que serão observadas ao fazer a análise comparada posteriormente.

Antonio Dantas Diniz é casado com Helena Jácome de Lira Diniz, vive da agricultura, sempre criou animais e teve uma grande participação para o desenvolvimento de Messias Targino assumindo cargos importantes.

R12-m-[Pro] recorda das festas juninas e principalmente das reuniões de família. Essa abordagem permite rememorar os valores e resgates de uma época que foi muito importante para todos da comunidade, e que por um processo de êxodo rural não existem mais esses encontros.

hoje em dia existe uma grande mudança, porquê naquela época o pessoal era muito acomodado no setor rural, né [...] E hoje se deslocaram pro urbano. Eu lembro que a noite na casa do meu pai sempre juntavam umas 20 pessoas ou mais e hoje não tem mais isso, é tudo diferente, quando escurece na zona rural, fica pouca gente.

4.3.7.1 Paisagem do entorno

Ao redor da casa há uma cerca de concreto pré-moldado e dentro completa-se com muitas árvores, que fazem muita sombra (figura 126 – inventário da edificação), algumas não nativas, mas outras como a Algaroba - *Prosopis juliflora* (Sw.) DC- que é muito comum na região, se destacam na casa. A casa também fica próxima de serra baixas e a paisagem ao redor se mostra intensamente verde.

4.3.7.2 Estado de preservação

A residência está bem conservada.

4.3.7.3 Mudanças de uso

A casa sempre foi de uso residencial.

4.3.7.4 Análise arquitetônica

A fachada principal da residência está orientada para o nascente, o que proporciona melhores condições de conforto térmico ao longo do dia, especialmente nas primeiras horas da manhã, favorecendo a ventilação natural e o controle da insolação direta no interior que também é contido com presença do alpendre.

A organização espacial da casa reflete características típicas das moradias do final do século XX, apresentando uma configuração composta por duas salas de jantar e uma sala de entrada, o que evidencia uma preocupação com a recepção e convivência familiar, além de reforçar a tradição de compartimentalização dos espaços sociais.

O alpendre frontal permite o acesso por meio de duas portas: uma principal, que leva à sala de entrada, e uma secundária, que antes funcionava como um armazém e foi reformado para ser uma pequena casa.

Na segunda sala, destaca-se a presença de um brabo (peça estrutural em madeira usado geralmente para vencer um vão) feito pelo proprietário da residência, Antônio Diniz, utilizando madeira de angico, uma espécie nativa (figura 139 - Inventário da edificação). Além disso, parte da estrutura do telhado também utiliza essa madeira,

reforçando o uso de materiais locais e técnicas construtivas tradicionais (ver figura 128 - Inventário da edificação).

O primeiro banheiro da residência foi construído na parte posterior e externa à casa, seguindo o modelo de planta simples em forma quadrada.

4.3.7.5 Materiais, técnicas e sistemas construtivos

A edificação conta com muitas coberturas (figura 126 – inventário da edificação) que de acordo com o resgate fotográfico e entrevistas foram de épocas diferentes. Elas variam entre uma e duas águas, tendo beirais simples. A estrutura é composta pela trama de madeira e telha colonial do período da construção em 1970.

As paredes da parte original (figura 138 – inventário da edificação) são de tijolo comum. Além disso, algumas são algumas são não chegam até o teto (figura 140 - Inventário da edificação).

O piso interno atualmente é todo de cimento queimado (figuras 130 e 131 – inventário da edificação);

As esquadrias (figura 130 - inventário da edificação) originais da casa são de umburana feitas pelo proprietário e um amigo; os vãos e aberturas são retangulares. A porta de acesso a casa principal é de duas bandas.

No que diz respeito aos tornos de rede (figura 140 – inventário da edificação), são originalmente de ferro, por ser uma casa do final do século.

4.3.7.6 Caritós

Não foram identificados caritós na residência.

4.3.7.7 Mobiliário

Foram identificados muitos mobiliários da época são eles: mesa de jantar, armários, cristaleiras.

Figura 45 - Mesa da sala de jantar



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Figura 43 - Cristaleira na sala de jantar



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

5 ANÁLISE COMPARADA

De acordo com William Morris, “preservar os edifícios antigos significa conservá-los no mesmo estado em que os recebemos, reconhecíveis [...]” (Morris apud Choay, 2001, p. 157). Quando um bem está bem conservado, ele mantém sua essência e permanece próximo de sua configuração original. Nessa perspectiva, todas as casas inventariadas apresentam um bom estado de preservação; embora algumas tenham recebido anexos ao longo do tempo, a parte original foi mantida.

Durante as pesquisas, foi relatado que existiam outras casas de taipa na localidade, porém muitas delas foram derrubadas com o passar dos anos. Para aqueles que viveram nesses espaços, resta apenas a memória de um lugar que, embora fisicamente ausente, permanece vivo nas lembranças e afetos que carregam.

Figura 47 - Vista aérea das edificações



Fonte: Adaptado de Joseane Medeiros (2025).

Todas as edificações inventariadas são térreas. A maioria com cumeeira alta e apenas a de Rafael Jales com histórico de sótão (os dois retirados). Com uma queda d'água muito inclinada, a maioria das casas, com exceção de Genuíno, Hemetério e Antônio Diniz, possuem parede que no início da cumeeira começam em 5/6 metros e terminam em menos de 2 metros. A “Casa 05 - Rafael” também tinha essa característica, mas foi elevada posteriormente. Apenas uma casa foi identificada com telhas artesanais com assinaturas dos artesãos, a casa de Aprígio e Mariquinha. As coberturas (figura 39) são telha colonial de uma ou duas águas e beirais simples com empena lateral elevada. Além disso, as águas são irregulares, sendo uma maior que a outra nas “Casas 01 - Apolinária” e “05 - Rafael Jales”.

As paredes das residências analisadas são, em sua maioria, construídas em alvenaria de tijolo de barro cozido. No entanto, a “Casa 04 - Aprígio e Mariquinha” apresenta uma particularidade: sua primeira parte foi edificada em taipa de mão, sistema construtivo presente nas construções anteriores ao tijolo comum. Por essa razão, as paredes dessa parte da casa não atingem grande altura, o que torna esse setor visivelmente mais baixo em comparação ao restante da edificação.

O revestimento das paredes, de forma geral, é feito com pintura à base de cal, solução utilizada na região por sua simplicidade, baixo custo e função protetora. Em algumas casas, como as de Genuíno, Hemetério e Antônio Diniz, observa-se uma faixa de pintura na cor azul, aplicada na parte inferior das paredes externas, substituindo o rodapé. Essa característica, comum entre as três residências, pode indicar uma influência estética compartilhada.

Além disso, era comum a presença de paiol nas propriedades - pequenas estruturas térreas em alvenaria, com altura semelhante à de um armário, destinadas ao armazenamento de mantimentos ou sementes, reforçando a ligação entre a arquitetura doméstica e as práticas agrícolas da vida cotidiana.

As esquadrias, têm uma particularidade em comum, principalmente na porta de acesso a casa principal são do tipo duas bandas. Em um único caso foi encontrada na “Casa 03 - Hemetério”, onde na parte interna da casa uma porta dupla de giro um pouco estreita (figura 40).

Figura 49 - Aberturas de portas em diferentes casas



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Os vãos geralmente são retos, em arco e em formatos diagonais em cima (figura 41). Geralmente o vão retangular possui uma verga de madeira. As janelas, em sua maioria, possuem apenas uma única folha de giro e com abertura 100%, isso permite dizer que a ventilação interna era bem resolvida (figura 42).

Figura 51 - Vãos em diferentes casas



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Figura 53 - Janelas em diferentes casas



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Os pisos (figura 43) encontrados são de cimento queimado com algumas variações em Genuíno e Hemetério que são carimbados e em algumas áreas além da cor do piso comum, também tem o vermelho. Apenas na “Casa 01 – Apolinária” foi encontrado o piso de ladrilho de barro (parecido com tijolo comum), no entanto, a sala de jantar na “Casa 06 – Genuíno”, era de ladrilho de barro, assim como em Rafael Jales.

Figura 55 - Pisos em diferentes casas



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Figura 57 - Zoneamento das edificações



Fonte: Autoria própria (2025).

Ao observar o zoneamento nas plantas baixas (figura 44), nota-se que, em algumas residências, há a presença de banheiros externos. Já nas plantas em que esses banheiros não estão identificados, isso se deve, em muitos casos, ao fato de que foram sendo anexados outros ambientes ao longo do tempo ou, ainda, porque originalmente nem existiam, uma vez que, à época, era mais comum o uso de latrinas. Além disso, observa-se que em algumas casas há quartos externos, geralmente destinados ao armazenamento de materiais ou alimentos, ao uso como barracões, depósitos de algodão, alojamento de vaqueiros ou locais para curtume. Também foi identificado que, em sua concepção original, a maioria dessas construções foi orientada para o nascente, com exceção da “Casa 05 – Rafael Jales”, que foi edificada com a fachada voltada para o norte.

Além disso, não existia banheiro e quando, existia era na parte posterior e externa à casa. Nathália Diniz (2008) explica um pouco mais no ponto de vista seridoense que também se encaixa no local deste trabalho:

Os banheiros da época, após o uso do mato para fazer suas necessidades, eram chamados ‘cumoas’ ou ‘latrinas’, localizadas fora do corpo principal, na parte posterior. E as salas de banho onde era feita a higiene pessoal, consistia num pequeno espaço onde a água era armazenada em um ou dois tanques e com uma cuia misturava-se o banho. Com o século XX, foram instalados banheiros convencionais, tal qual conhecemos hoje. (Nathália Diniz 2008, p. 108).

Por ser uma arquitetura austera, na maioria das casas existiam um único quarto originalmente destinado ao casal da casa e os filhos geralmente ficavam nas salas que tinham funções sobrepostas: de dia era sala e de noite dormitórios.

Por este motivo existiam muitas salas para que todos pudessem dormir:

Há, em média, duas ou três salas nas casas rurais seridoenses. A primeira sala, chamada ‘sala da frente’ é a que segue ao alpendre (quando existente), ela pode ocupar toda a largura da edificação. Há também uma segunda sala que pode estar disposta ao lado da sala da frente ou contígua a ela. É comum essas duas salas estarem abertas ao exterior, e interligadas a diversos cômodos a edificação. E a terceira sala é a de refeição, chamada no Seridó de ‘sala de trás’ ou ‘sala de janta’ (Nathália Diniz, 2008, p. 107).

Os armadores (figura 45) de redes nas salas todos eram originalmente de madeira com algumas variações de modelos de acordo com a época. Alguns tornos de rede diferenciam-se por serem varas que fazem parte da estrutura da taipa na “Casa 04 - Aprígio e Mariquinha”.

Figura 59 - Tornos de rede em diferentes



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Os caritós (figura 46) estão presentes em todas as casas, com exceção da “Casa 05 - Rafael Jales”, onde é possível que tenham sido removidos durante reformas, e da casa de Antônio Diniz, que é mais recente, com aproximadamente 55 anos. Dessa forma,

observa-se a gradual descontinuidade do uso desse elemento nas construções do século XIX e início do século XX.

Figura 61 - Caritós em diferentes casas



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

As casas construídas no século XIX e início do século XX não tinham alpendres, assim como identificado anteriormente. Estabelecendo uma comparação entre elas e a “Casa 07 – Antônio Diniz, foi possível identificar que no final do século XX, as casas rurais já tinham alpendres em sua configuração inicial. Alpendre, segundo Nathália Diniz (2008, p. 107) “[...] é o acesso principal à casa, além de ter a função de recepção, ele é um cômodo de estar. Por ele se avista boa parte da fazenda e, nele também, proprietário e trabalhadores se reuniam.

Com base na análise comparada das edificações inventariadas, é possível concluir que, apesar das transformações sofridas ao longo do tempo, essas casas mantêm traços significativos de sua configuração original, evidenciando uma forte conexão com os modos de vida, as práticas construtivas e as necessidades funcionais de suas épocas. A conservação de elementos como os caritós, os armadores de redes, as salas multifuncionais e o uso de materiais tradicionais, como a taipa e o tijolo de barro cozido, revela o valor cultural e histórico dessas construções. As adaptações, como a inserção de banheiros internos e alpendres em períodos mais recentes, dialogam com a casa, sem comprometer a parte original. Por fim, essas casas preservam a memória e a identidade de um modo de habitar profundamente enraizado no interior norte-riograndense.

6 O SALOBRO GANHANDO VISIBILIDADE

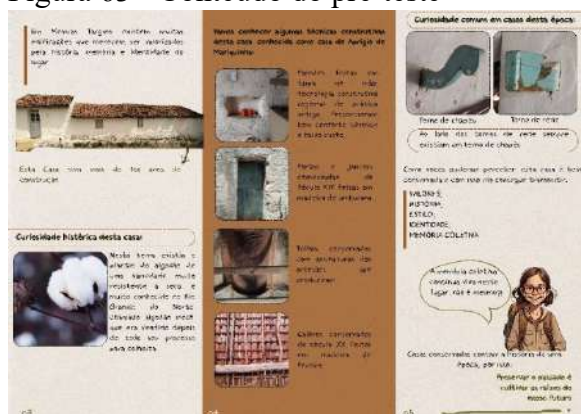
6.1 O processo de construção da cartilha

Antes da produção do guia ilustrativo, foi desenvolvido um pré-teste por meio do projeto de extensão coordenado pela professora Doutora Gabriela de Andrade Lira Mota Assunção, intitulado Cartilhas educativas e informativas acerca das atividades que o arquiteto/urbanista pode realizar e código PD006-2025.

Embora o projeto de extensão aborde temáticas voltadas para as diferentes áreas de atuação do arquiteto e urbanista, o pré-teste apresentado teve como foco a área do patrimônio cultural, uma vertente igualmente contemplada pela Lei nº 12.378/2010, de 31 de dezembro de 2010, que regulamenta o exercício da Arquitetura e Urbanismo no Brasil. Assim, mesmo com conteúdo limitado, a cartilha contribuiu para os objetivos gerais ao destacar sobre preservação da memória coletiva e valorização das construções rurais.

Com o intuito de tornar essas informações mais acessíveis, pensou-se em pontos estratégicos para distribuição, priorizando locais com áreas de recepção, onde o material possa ser consultado com mais atenção os temas abordados nas cartilhas que são: projetos arquitetônicos, obras, acessibilidade, paisagismo e educação.

Figura 63 - Conteúdo do pré-teste



Fonte: Adaptado do canva (2025).

O pré-teste (figura 47) foi elaborado em folha a4 e em formato de folder. Sua produção foi alinhada à mesma linha de pesquisa deste trabalho, porém com conteúdo limitado, embora já capaz de explorar a essência da proposta. Sua elaboração teve foco em uma única casa das sete inventariadas reunindo informações resumidas provenientes do inventário. Na introdução apresenta terminologias e suas importâncias sobre o que é o patrimônio cultural e a participação da zona rural no processo de desenvolvimento da

cidade. Já ao final, propõe uma reflexão acerca da importância de preservar um bem rico em memórias coletivas.

A seguir, apresenta-se o modelo de cartilha escolhido em formato de folder - escolhido por sua praticidade, facilidade de distribuição (figura 48), em consonância com as escolhas criativas do material, como paleta de cores, fontes e estilo de apresentação, todos pensados a fim de tornar o conteúdo mais atrativo para o público. Além do mais, a linguagem foi mantida de forma lúdica e objetiva, favorecendo a compreensão do tema sem perder o rigor conceitual.

Figura 65 - Pré-teste desenvolvido no projeto de extensão



Fonte: Adaptado do canva (2025).

O pré-teste foi posteriormente aprimorado com o apoio da inteligência artificial, Mídia Mágica (Canva, 2025), com estilo de “arte conceitual”⁷, que auxiliou na criação da personagem infantil Letícia (figura 49), a qual integra o produto final: a cartilha educativa. A presença de Letícia facilita a compreensão do conteúdo e torna a leitura mais leve e atrativa para o público direcionado.

Figura 67 - Personagem do pré-teste



Fonte: Adaptado do canva (2025).

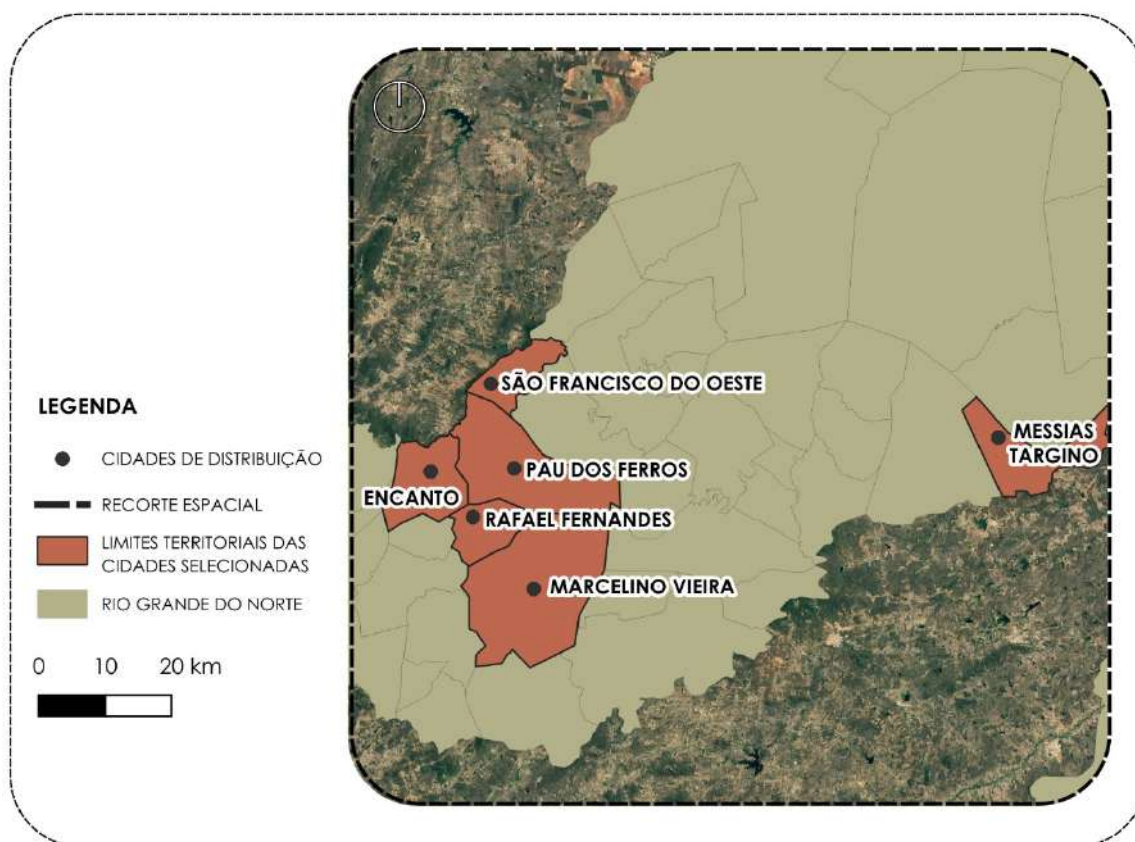
⁷ Prompt utilizado: Gere a imagem de uma menina de 9 anos, com aparência de jovem historiadora, cabelo castanho preso, óculos grandes de armação escura, expressão sorridente, vestindo camisa bege com colete de bolsos e mochila marrom nas costas.

O projeto de extensão contribuiu significativamente para avaliar a eficiência da linguagem, estrutura, conteúdo aplicado dentro da abordagem educativa. Funcionou como um experimento inicial que permitiu analisar se a proposta visual era capaz de despertar o interesse do público-alvo e facilitar a compreensão dos conceitos apresentados. Essa etapa preliminar foi fundamental para orientar ajustes no material e garantir maior qualidade e efetividade no produto final.

6.2 Ação informativa nos municípios do Alto Oeste e Sertão Apodi

Para finalizar a última etapa do projeto de extensão, foram distribuídos, em seis cidades (figura 50), todos os modelos de folders desenvolvidos ao longo do processo, com o objetivo de divulgar e apresentar à população as diversas áreas de atuação do arquiteto e urbanista.

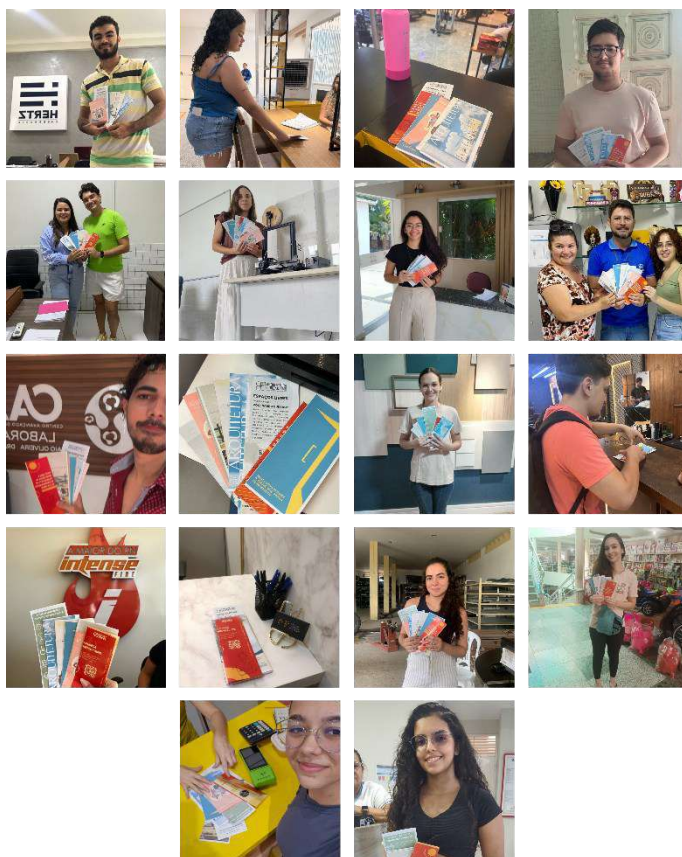
Figura 69 - Recorte espacial cidades de distribuição das cartilhas



Fonte: Adaptado de IBGE (2022).

Em Pau dos Ferros (Alto Oeste), os materiais foram disponibilizados em locais estratégicos (figura 51), como: Ideia, Presente e Modas, UBS São Benedito, Aço Pauferrense, academia Intense, Barbearia, Itálínea (loja de móveis planejados), supermercado Nosso Atacarejo, Mundo das Variedades, Hospital Centenário Nelson Maia, Escola Evolução, Laboratório da UFERSA, Prefeitura, Mundo das Variedades, MMF advocacia, academia Complexo Vida Saudável, Ótica Shopping, Hertz Engenharia e Casa de Cultura.

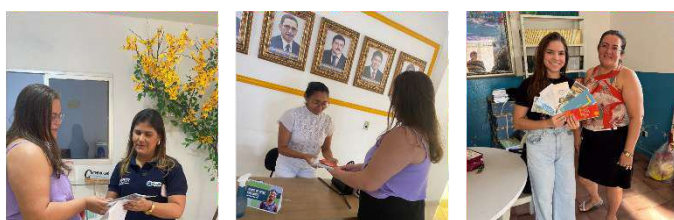
Figura 71 - Locais de distribuição em Pau dos Ferros



Fonte: Adaptado de projeto de extensão PD006-2025 (2025).

Na cidade de Encanto (Alto Oeste), a distribuição dos folders foi feita na Secretaria de Educação, onde podem alcançar professores e estudantes da rede municipal; na Secretaria de Ação Social e na Prefeitura Municipal, local com grande circulação de servidores e cidadãos (figura 52).

Figura 73 - Locais de distribuição em Encanto



Fonte: Adaptado de projeto de extensão PD006-2025 (2025).

Em Messias Targino (Sertão Apodi), os folders foram distribuídos no Centro Administrativo, que concentra setores da gestão pública e muita circulação de pessoas; no cartório, que é um ponto de atendimento recorrente da população; na clínica de fisioterapia e estética, que atende diferentes faixas etárias; na Prefeitura Municipal; e no laboratório de análises clínicas (figura 53).

Figura 75 - Locais de distribuição em Messias Targino



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Em São Francisco do Oeste (Alto Oeste), os folders ficaram disponíveis na academia Perfect Corpus, local bastante movimentado. Já em Rafael Fernandes (Alto Oeste), o ponto escolhido foi a Farmácia Biofarma, espaço de acesso frequente pelos moradores. Por fim, em Marcelino Vieira (Alto Oeste), os materiais foram entregues na Escola Estadual Mano Marcelino, onde professores, alunos e demais membros da comunidade escolar puderam conhecer o conteúdo distribuído que contribui para o contato dos alunos com diferentes culturas e conhecimentos gerais (figura 54).

Figura 77 - Locais de distribuição em Marcelino Vieira, São Francisco do Oeste e Rafael Fernandes



Fonte: Adaptado de projeto de extensão PD006-2025 (2025).

A distribuição das cartilhas nos diferentes municípios representou a etapa conclusiva de um trabalho que buscou não apenas divulgar o papel do arquiteto e urbanista, mas também promover o reconhecimento das realidades locais, fortalecendo o vínculo entre o conhecimento acadêmico e a comunidade. Ao ocupar espaços diversos, o projeto ampliou o alcance das informações de cada conteúdo produzido.

6.3 A cartilha educativa do Salobro

A cartilha, produto final deste trabalho, recebeu como tema “Conhecer para preservar”. Ela tem como objetivo mostrar para as crianças que preservar a história de cada pessoa, de cada família e de cada lugar também é cuidar dos bens materiais que contam essas histórias. Casas antigas, objetos do dia a dia e construções especiais fazem parte de quem são, e conhecer isso é o primeiro passo para proteger.

O conteúdo foi organizado de forma sequencial, especialmente desenvolvida para o público infantil. A introdução conta com uma breve apresentação da autora (figura 55), seguida da apresentação de uma personagem (figura 56) que acompanhará o leitor ao longo do material, criando uma conexão lúdica com o conteúdo.

Figura 79 - Sobre a autora



Fonte: Adaptado do canva (2025).

A personagem (figura 56) acompanha todos os momentos da cartilha educativa, sendo uma estratégia de mediação pedagógica voltada para facilitar a leitura e entendimento do conteúdo. Assim como a personagem do pré-teste, Letícia foi criada por uma inteligência artificial (Microsoft Copilot, versão gratuita, 1.25063.108.0) com

características de uma menina curiosa e aventureira, inspirada em uma jovem historiadora entusiasmada em explorar o passado.

Figura 81 - Personagem da cartilha



Fonte: Adaptado do canva (2025).

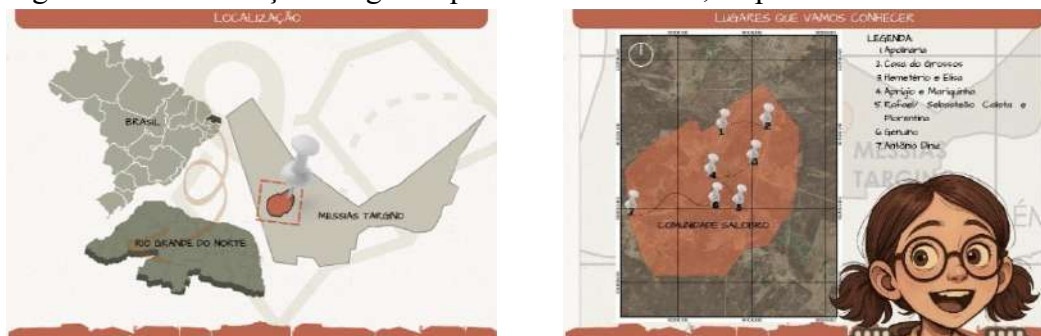
Na sequência, os objetivos da proposta são apresentados no capítulo “O que vamos fazer?” (figura 57), que convida o leitor a embarcar em um passeio pelo Salobro, explorando sua história e refletindo sobre a importância da preservação dos bens culturais. A seguir, a cartilha contextualiza geograficamente o território nas seções “Localização” e “Lugares que vamos conhecer” (figura 58), utilizando uma linguagem lúdica para despertar a curiosidade das crianças.

Figura 83 - O que vamos fazer



Fonte: Adaptado do canva (2025).

Figura 85 - Localização e lugares que vamos conhecer, respectivamente



Fonte: Adaptado do canva (2025).

A parte central do material aborda conceitos fundamentais, como “O que é o patrimônio cultural?” e “História do Salobro” (figura 59), preparando o leitor para a etapa seguinte: a visita guiada pelas edificações inventariadas. Cada casa, da Casa 01 à Casa 07, é apresentada de forma padronizada (figura 60), abordando o período de construção, os materiais utilizados e aspectos relevantes de sua história e arquitetura.

Figura 87 - Sobre o salobro e o que é patrimônio cultural



Fonte: Adaptado do canva (2025).

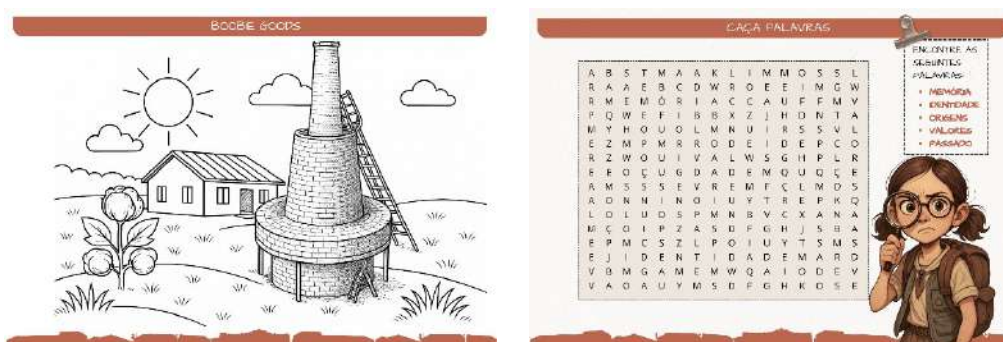
Figura 89 - Casa 01 - Apolinária



Fonte: Adaptado do canva (2025).

Na etapa final, há um momento dedicado ao aprendizado, com atividades (figura 61) como caça-palavras e pintura (popularmente chamada de *boobie goods*), que estimulam a fixação dos conteúdos de forma divertida.

Figura 91 - Atividades de fixação



Fonte: Adaptado do canva (2025).

A cartilha é encerrada com o tópico “O que aprendemos?” (figura 62), um resumo geral apresentado, facilitando a visualização e a compreensão do que foi estudado.

Figura 93 - O que aprendemos



Fonte: Adaptado do canva (2025).

Dessa forma, a cartilha atinge seu objetivo principal ao apresentar, de maneira acessível, informações sobre o patrimônio cultural do Salobro. Ao seguir a proposta de primeiro conhecer para depois entender a importância de preservar, a personagem Letícia conclui a atividade reforçando a mensagem central do material: só se cuida de algo quando se entende seu valor.

6.4 Considerações referentes à ação com a comunidade

Diante da Cartilha Educativa desenvolvida, surgem possibilidades de desdobramentos significativos por meio da distribuição e apresentação da cartilha nas escolas da região do ensino fundamental, que corresponde a alunos do 1º ao 5º ano e 6º ao 9º anos. O conteúdo dialoga diretamente com temas previstos na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), como Cultura, Rural e Patrimônio, o que o torna um recurso pedagógico relevante para o desenvolvimento de competências ligadas à valorização da diversidade cultural, à identidade local e ao reconhecimento do território como espaço de aprendizagem.

Por isso, a BNCC (2018, p. 58) cita que nos anos iniciais (1º ao 5º ano) discute a necessidade de ampliar “as experiências das crianças em seu contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo”. Além disso, ainda cita:

[...] é imprescindível que os alunos identifiquem a presença e a sociodiversidade de culturas indígenas, afro-brasileiras, quilombolas, ciganas e dos demais povos e comunidades tradicionais para compreender suas características socioculturais e suas territorialidades. Do mesmo modo, é necessário que eles diferenciem os lugares de vivência e compreendam a produção das paisagens e a inter-relação entre elas, como o campo/cidade e o

urbano/rural, no que tange aos aspectos políticos, sociais, culturais, étnico-raciais e econômicos. (BNCC, 2018, p. 368)

Somado a isso, a mesma fonte destaca objetivos de conhecimento relacionados às formas de registrar e narrar a história, valorizando marcos de memória material e imaterial. Nesse sentido, a cartilha se configura como um recurso pedagógico apresentado por meio de narrativas, aspectos da história e da cultura de uma comunidade da zona rural.

Nos anos finais a BNCC (2018, p.156) aponta que é preciso um melhor contato com as produções culturais em geral, oferecendo condições para que eles possam compreendê-las e fruí-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. É preciso ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, que resumem a diversidade cultural.

Mesmo sem a aplicação formal da cartilha até o momento, a expectativa direciona-se sobre seu potencial como instrumento de diálogo entre gerações e como ferramenta de incentivo à valorização dos espaços históricos. A comunidade, ao reconhecer seu papel na preservação desses bens, tende a se engajar mais ativamente nas ações voltadas à educação patrimonial.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As maneiras de viver na zona rural se caracterizam pela simplicidade e funcionalidade, aspectos que se refletem diretamente na arquitetura das moradias estudadas. A relação entre o modo de vida e a arquitetura evidencia como a cultura local molda os espaços, que são adaptados às necessidades, como a sobreposição de usos em ambientes e o uso de caritós para apoiar objetos, dada a quase inexistência de mobiliário nas residências. Essas características tornam-se específicas de regiões semelhantes, como observado neste estudo ao comparar a arquitetura rural seridoense com a do Sertão do Apodi.

O presente estudo buscou propor uma cartilha educativa intitulada *Conhecer para Preservar*, como uma forma não só de contribuir para a educação patrimonial da comunidade, como também salvaguardar a história de uma época. O produto foi desenvolvido tendo como público alvo os anos iniciais e finais do ensino fundamental para poder ser aplicado nas escolas futuramente. O pré-teste melhorou a entrega do trabalho final da cartilha, uma vez que foi possível identificar a impressão, sobreposição de cores, letras, conteúdo e formato de entrega. O conteúdo desenvolvido em cada grupo que participou do projeto (cada grupo com uma área de atuação diferente) foi distribuído por alguns municípios do Alto Oeste (Rafael Fernandes, Marcelino Vieira, Pau dos Ferros, São Francisco do Oeste e Encanto) e no Sertão Apodi (Messias Targino).

Para a cartilha ser iniciada, foram realizadas pesquisas (*in loco* e bibliográficas) para produção dos inventários de cada edificação selecionada e por fim ser feita uma análise comparativa entre a comunidade Salobro que está situada no Sertão Apodi com a arquitetura rural seridoense a partir da análise de Diniz (2008), onde foi perceptível grande semelhança de elementos arquitetônicos entre as duas regiões geograficamente próximas.

Diante da realização desta pesquisa, foi possível refletir desdobramentos futuros no estudo da caeira, no que diz respeito à sua valorização patrimonial, para usos educativos e potenciais turísticos. A preservação desse saber tradicional pode impulsionar iniciativas voltadas à educação patrimonial, fortalecer a identidade e economia local, além de estimular práticas sustentáveis no meio rural. Somado a isso, seu reconhecimento como patrimônio cultural poderia fomentar políticas públicas de proteção e gerar oportunidades de desenvolvimento por meio do turismo, ampliando o diálogo entre memória, território e cultura.

Em síntese, este trabalho desenvolvido na comunidade Salobro, em Messias Targino/RN, possibilitou o aprofundamento em uma área pouco estudada, que pode contribuir para o aumento da visibilidade local e regional. A partir desta pesquisa as memórias do Salobro continuarão vivas, servindo de incentivo para resgatar algumas e continuar ecoando outras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Efraim Martins. *Cisternas: uma tecnologia para armazenagem de água no Semiárido*. Iguatu: IFRN, 2020.

ARAÚJO, Fernanda Santos Gentil; MIGUEL, Jair Diniz. *Arquitetura rural e cultura sertaneja no Rio Grande do Norte*. In: IV ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 2008, Campinas: IFCH / UNICAMP, 2008.

ASSUNÇÃO, Gabriela de Andrade Lira Mota. *Percepção ambiental do patrimônio cultural: estudo de caso na Cidade Alta e Ribeira em Natal-RN*. 2014. 192f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

BEZERRA, Maria do Carmo de Lima. *A casa de fazenda: construção e declínio*. In: Notas sobre as casas de fazenda dos Inhamuns, 2012. Brasília: Ed. do Senado Federal, 2012. p. 57-72.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CARDOSO, Daniel R. *Desenho de uma poiesis: comunicação de um processo coletivo de criação na arquitetura*. 2008. 109 f. Tese (Doutorado) - Universidade Pontifícia Católica de São Paulo, 2008.

CARTA DE ATENAS. Atenas: Serviço Internacional de Museus, 1931.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2 ed. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 9. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2018. 575 p. Tradução de: Klauss Brandini Gerhardt. Disponível em: <https://tonaniblog.files.wordpress.com/2019/05/o-poder-da-identidade.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/Ed.UNESP, 2001.

COLIN, Silvio. *Técnicas construtivas no período colonial*. Imphic – Instituto Histórico, 2010.

CORDEIRO, Eliábi Antas Marques; CÁRDENAS CELIS, Anneli Maricielo. *Os alpendres como abrigo: sua função cultural na arquitetura vernacular rural sertaneja e amazônica brasileira a partir de uma revisão sistemática de literatura*. In: SEMINÁRIO ARQUITETURA VERNÁCULA/POPULAR, 3., 2021, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 2021.

COSTA, Írio Barbosa; MESQUITA, Helena Maria. *Tipos de habitação rural no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

CRUZ, Luana Honório. *Os caminhos do açúcar no Rio Grande do Norte: o papel dos engenhos na formação território potiguar*. 2015. 312f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

DEWAILLY, J.-M. *Images of heritage in rural regions*. In: BUTLER, R. et al. (Ed.). *Tourism and recreation in rural areas*, 1998. Chichester: John Wiley & Sons, 1998, p. 123-139.

DIMENSTEIN, Dora. *Educação patrimonial, memória e cidadania: a experiência dos professores de história da Rede Municipal de Jaboatão dos Guararapes-PE*. 2017.

Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/22224/1/Dora%20Dimenstein.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2025.

DINIZ, Edimar Teixeira. *Messias Targino: Origens*. Mossoró: GL Gráfica e Editora, 2008.

DINIZ, Nathália Maria Montenegro. *Velhas fazendas da Ribeira do Seridó*. 2008. 207 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-04032010-143402/>. Acesso em: 19 maio 2025.

FERREIRA, Anna Cristina Andrade. *O descuido de se tombar: a importância da paisagem cultural dos engenhos de cachaça e rapadura como patrimônio do município de Areia*. 2010. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

FREITAS, Karine Ellen Almeida de. *No rastro das memórias: um estudo sobre a preservação do patrimônio histórico rural na microrregião de Catolé do Rocha-PB*. 2023. 194 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Pau dos Ferros, 2023.

GASTAL, Suzana. *Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio: tempo, espaço e visualidade na pós-modernidade*. Campinas: Papirus Editora, 2006.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

GONÇALVES FILHO, Aldo Batista. *Arquitetura e afeto: cartilha de educação patrimonial na preservação da memória em Fernando*. 2024. 212 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Pau dos Ferros, 2024.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 211-228, jan./jun. 2015.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e patrimônio. Brasília: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 34, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HARTOG, François. *Tempo e patrimônio*. Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.261-273, Jul/Dez 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

ICOMOS. *Carta de Washington*. Carta Internacional sobre a Salvaguarda das Cidades Históricas. Washington: ICOMOS, 1986.

ICOMOS. *Conferência de Nara*. Nara (Japão), 1994.

ICOMOS. *Declaração de Quebec sobre a preservação do "Spiritu loci"*. Quebec: ICOMOS, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Cidades e Estados: Messias Targino (RN)*. Censo Demográfico 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/messias-targino>. Acesso em: 30 nov. 2024.

IPHAN. *Patrimônio Material*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>. Acesso em: 10 jan. 2025.

JOHN, Nara Marlei. *Identificação, valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural*. In: XI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 2012. Universidade Federal do Rio Grande, 2012.

JUNIOR, Dinando Antonio Soares; LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. *Desenvolvimento local: o Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) em Tupanatinga, PE*. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil, 2016.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEMOS, Carlos A. C. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

LIRA, Margarida Barbosa. *Messias Targino: das raízes do junco surge uma linda história*. Natal: Editora Offset, 2020.

NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos (Org.). *Patrimônio, memória e historiografia*. Sobral, CE: Sertão Cult, 2020.

OEA. *Normas de Quito*. Quito: Organização dos Estados Americanos, 1967.

SILVA, Elizangela Maria da. *Práticas de apropriação e produção do espaço em São Paulo: a conceção de terras municipais através das cartas de Datas (1850-1890)*. 2012. 271 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

TEIXEIRA, Rubenilson Brasão. *Tão longe, tão perto: a casa vernacular e as dinâmicas da tradição*. Recife: UFPE, 2024.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. *História do Rio Grande do Norte*. Natal: Editora do IFRN, 2010.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

APENDICES



Conhecer
para
preservar

FONTES

Todas as ilustrações em desenho incluindo a personagem Leticia foram geradas com o auxílio da inteligência artificial;

Todas as fotos das casas são de autoria própria, 2025, com exceção das fotos referenciadas.

SOBRE A AUTORA



Oii! Meu nome é Lara Almeida Jales. Tenho 22 anos e estou quase concluindo o curso de Arquitetura e Urbanismo, na UFRSA - Pau dos Ferros.

Desde pequena, adoro desenhar, sonhar e criar lugares incríveis com papel, lápis e muita imaginação!

APRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM

Olá, sou Letícia!
e vou te acompanhar
nessa jornada pelo
passado!



O QUE VAMOS FAZER?

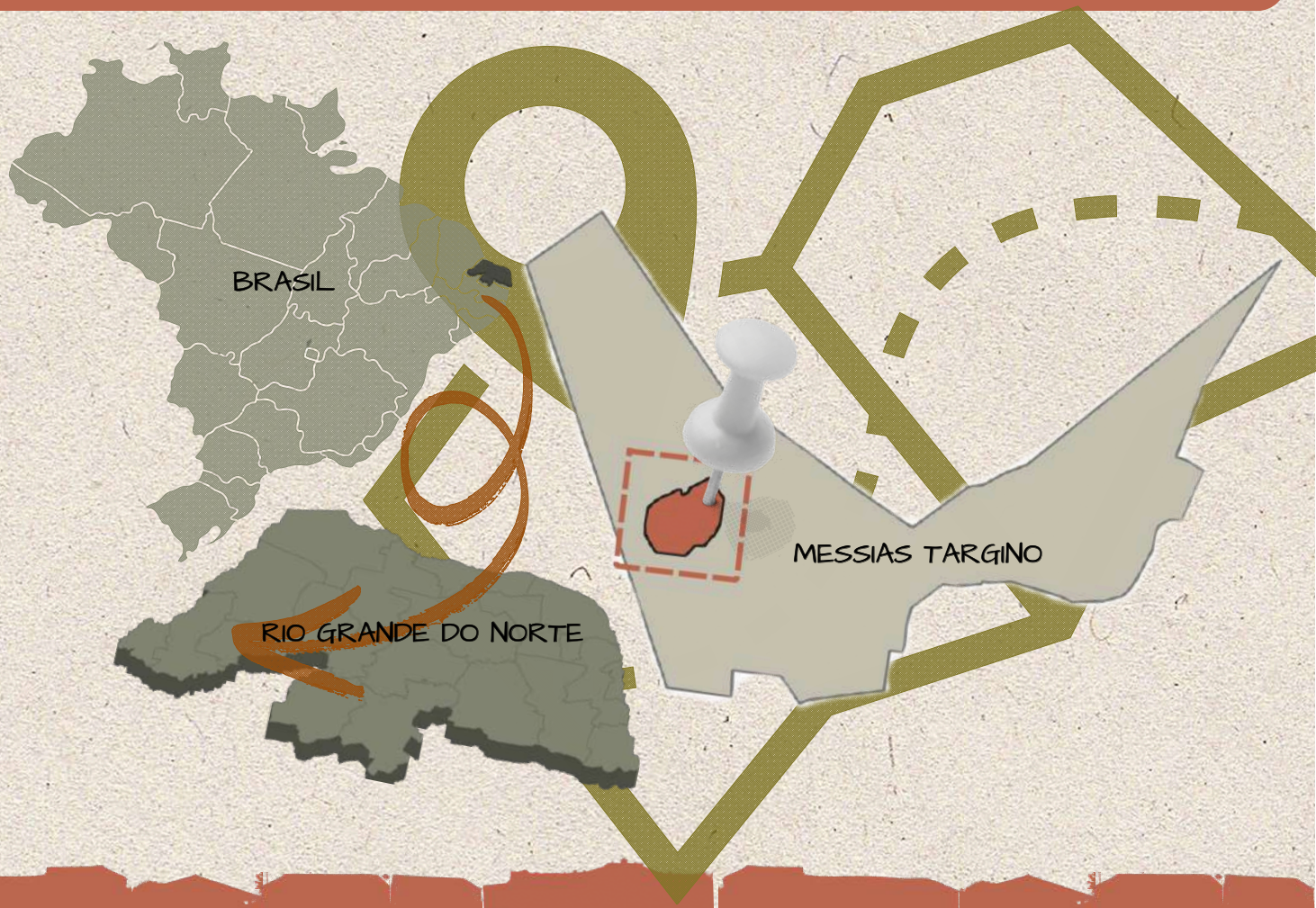
Hoje, quero te apresentar o Salobro, um cantinho muito especial.

No final, você vai entender como é importante conhecer e cuidar dos lugares onde vivemos!

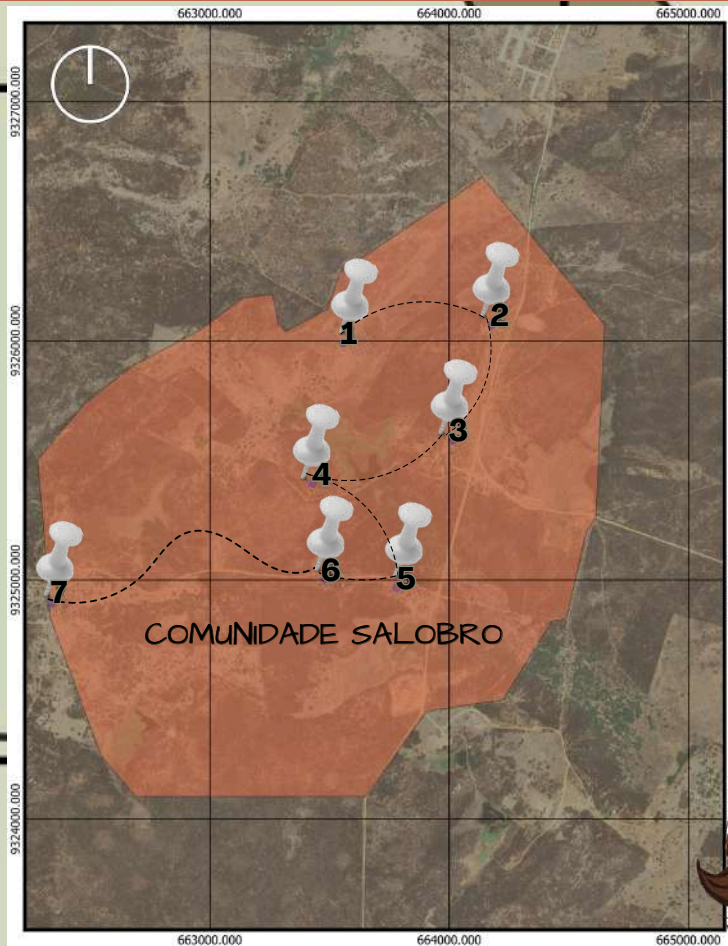
Vamos embarcar juntos
nessa descoberta?



LOCALIZAÇÃO



LUGARES QUE VAMOS CONHECER



LEGENDA:

1. Apolinária
2. Casa do Grossos
3. Hemetério e Elisa
4. Aprígio e Mariquinha
5. Rafael/ Sebastião Caista e Florentina
6. Genuíno
7. Antônio Diniz

MESSIAS
TARGINO



O QUE É PATRIMÔNIO CULTURAL?

Sabia que alguns lugares contam histórias do passado?

Como a casa da vovó, a escola antiga e a igreja!

Em Messias Targino, muitas famílias moravam no sítio e algumas ainda moram lá.

Elas plantavam, criavam bichinhos e cuidavam da terra.

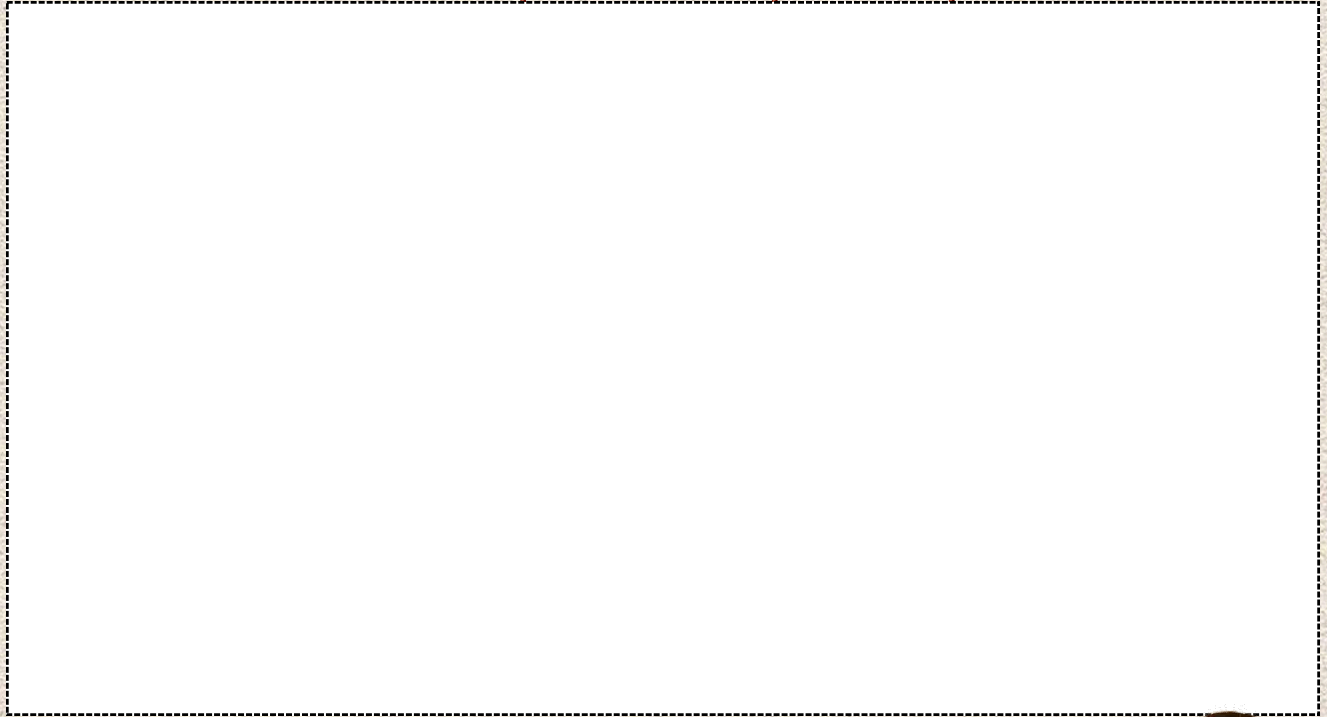
Quando a gente cuida desses lugares, a gente guarda a memória da nossa cidade e lembra de onde viemos.

Que legal! Em Messias Targino tem muitas casas com histórias importantes para cuidar.



SUA VEZ DE DESENHAR!

Desenhe abaixo uma casa que é muito importante para você.



A casa dos meus avós
é tão linda! Vou
desenhar ela.



HISTÓRIA DO SALOBRO

Antigamente, muitas famílias moravam no Salobro. As casas eram simples, com tijolos, taipa e janelas de madeira.

Algumas faziam queijo, outras redes. Tinha até escola na casa dos professores! Era uma vida cheia de trabalho e carinho.



Queijo



Redes de dormir



Escolas



Milho feijão

Além dos barracões nas propriedades maiores, muitas famílias que tinham pedaços de terras menores, plantavam para armazenar o ano todo o alimento.



CASA 01 - APOLINÁRIA



Nossa primeira parada é nesta casa que foi feita por volta de 1920 e ainda está bem conservada!

Os moradores faziam redes para vender e guardar comida no caritô, um tipo de armário antigo.



Não existia banheiro, mas esse foi improvisado muitos anos depois.



figura 01: torno de rede



figura 02: Caritô

Olha só esse caritô! Ele servia como armário para guardar comida.



CASA 02 - CASA DOS GROSSOS



Esta casa já foi uma escola. E me disseram ainda era uma escola ao mesmo tempo que morava uma família grande aí. As escolas eram mesmo muito diferentes antigamente!

A casa foi construída por volta de 1927 e vocês acreditam que ela não tinha banheiro? Ele foi construído muitos anos depois.



Ainda tem fogão a lenha



figura 03



figura 04

As janelas eram bem naturais, como na figura 03; e os tornos de redes eram todos de madeira, como na figura 04, mas eu vi que foram substituídos por tornos de ferro.



CASA 03 - HEMETÉRIO E ELISA



Essa casa era duas e virou uma só. No começo, ela era menor e sem alpendre. A parte mais antiga foi feita por volta de 1920. O mais legal é que ela ainda tem a parte original e só foram feitas algumas mudanças. A dona contou que o banheiro ficava atrás da casa, um pouco afastado.

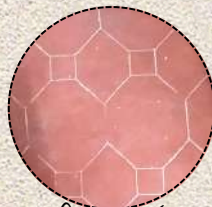


figura 05



figura 06

Esta casa tem vários pisos diferentes como na figura 05 mostra um piso de cimento queimado vermelho. Aqui também tem um caritô que eu tinha falado na primeira casa que visitamos. A maioria das casas tinham esse elemento.



CASA 04 - APRÍGIO E MARIQUINHA



Essa casa é uma das mais antigas, feita de taipa e construída por volta de 1890. Está bem conservada, mesmo com tantos anos! Deve ter muitas histórias e lembranças. Na figura 07, dá pra ver um armário de taipa com portas, que servia para guardar alimentos.



figura 07



figura 08



figura 09



Ainda não tinha visto nenhuma casa com telhas feitas por artesãos e assinadas por eles, como na figura 09. Isso é muito legal, mas devia dar um trabalho fazer isso. Olhem esse torno de rede na figura 08 que diferente.



CASA 05 - RAFAEL/SEBASTEÃO CALISTA E FLORENTINA



Antes da reforma de 2025. Fonte: Solange Jales, 2025.



Durante a reforma em 2025



Antes da reforma de 2025.
Fonte: Solange Jales, 2025.



Essa casa aqui é a mais antiga. Foi construída por volta de 1875, com quase 150 anos, essa casa é a mais antiga! Ela tinha dois sótãos e um quarto só pra guardar algodão.



figura 10



figura 11

Algumas casas que estamos vendo ainda tem aberturas em arco. Isso é bem diferente, porque poucas pessoas faziam assim naquela época e quase ninguém faz assim hoje em dia.



CASA 06 - GENUÍNO

Nossa próxima parada é aqui. Esta casa foi do ano de 1920/1930 também com mais de 100 anos. Foi reformada e ganhou alpendre e platibanda. Tem vários caritós e um brabo de madeira que chama atenção na sala.



Desenho da platibanda



Antes do alpendre.
Fonte: Edimar, 2020.



figura 12



figura 13

Essa casa tem muitos caritós. Na figura 12, a gente vê um dos primeiros caritós da casa, que é bem antigo. Já na figura 13, aparece o 'brabo', que é de madeira e usado para vencer o vão de um ambiente. Ele chama atenção na sala!



CASA 07 - ANTÔNIO DINIZ E HELENA



Nossa ultima parada é nesta casa que foi construida mais recente (de 1970) parece muito com as antigas. O banheiro era fora da casa e tem um brabo na sala também!

Ela também tem o brabo que destaca a sala.



figura 14

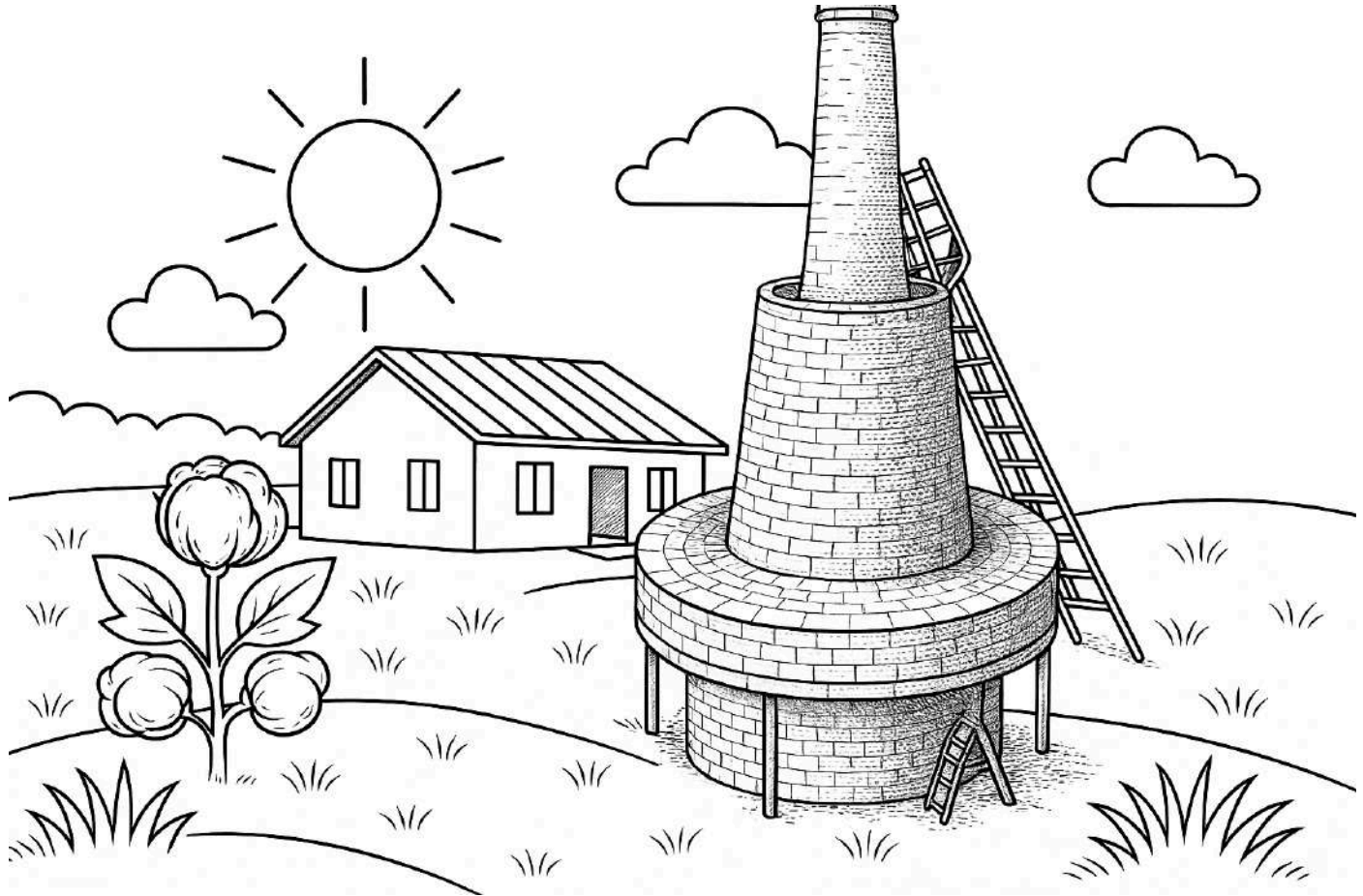


figura 15

Legal ver como, mesmo depois de muitos anos, as casas antigas que a gente viu continuam servindo de exemplo para outras construções parecidas, né?



BOOBIE GOODS



CAÇA PALAVRAS



ENCONTRE AS
SEGUINTE
PALAVRAS:

- MEMÓRIA
- IDENTIDADE
- ORIGENS
- VALORES
- PASSADO

A	B	S	T	M	A	A	K	L	I	M	M	O	S	S	L
R	A	A	E	B	C	D	W	R	O	E	E	I	M	G	W
R	M	E	M	Ó	R	I	A	C	C	A	U	F	F	M	V
P	Q	W	E	F	I	B	B	X	Z	J	H	D	N	T	A
M	Y	H	O	U	O	L	M	N	U	I	R	S	S	V	L
E	Z	M	P	M	R	R	O	D	E	I	D	E	P	C	O
R	Z	W	O	U	I	V	A	L	W	S	G	H	P	L	R
E	E	O	Ç	U	G	D	A	D	E	M	Q	U	Q	Ç	E
A	M	S	S	S	E	V	R	E	M	F	Ç	L	M	O	S
A	O	N	N	I	N	O	I	U	Y	T	R	E	P	K	Q
L	O	L	U	D	S	P	M	N	B	V	C	X	A	N	A
M	Ç	O	I	P	Z	A	S	D	F	G	H	J	S	B	A
E	P	M	C	S	Z	L	P	O	I	U	Y	T	S	M	S
E	J	I	D	E	N	T	I	D	A	D	E	M	A	R	D
V	B	M	G	A	M	E	M	W	Q	A	I	O	D	E	V
V	A	O	A	U	Y	M	S	D	F	G	H	K	O	S	E



O QUE APRENDEMOS?

Preservar o passado é manter vivas as raízes do nosso futuro; Precisamos guardar com cuidado as casinhas dos nossos pais, avós e daqueles que nos criaram, para que, no futuro, o cheiro do café, o sabor do queijo da vovó e o riso solto das brincadeiras ainda nos aqueçam a alma. Que essas lembranças não se percam com o tempo, mas floresçam nos corações das próximas gerações.

Que incrível!

Eu vou cuidar e preservar a casinha que meus avós moravam pra sempre me lembrar deles.



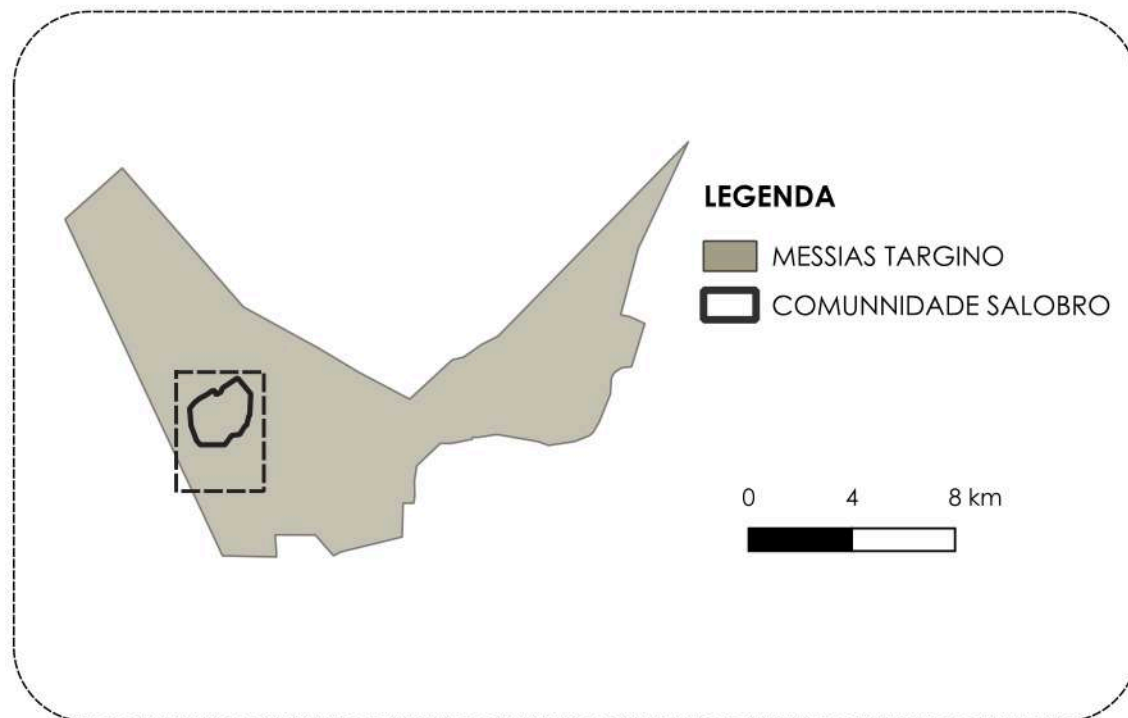
ATÉ A PRÓXIMA
AVENTURA!



EDIFICAÇÕES RURAIS

REPRESENTATIVAS DA COMUNIDADE SALOBRO EM
MESSIAS TARGINO/RN

SALOBRO

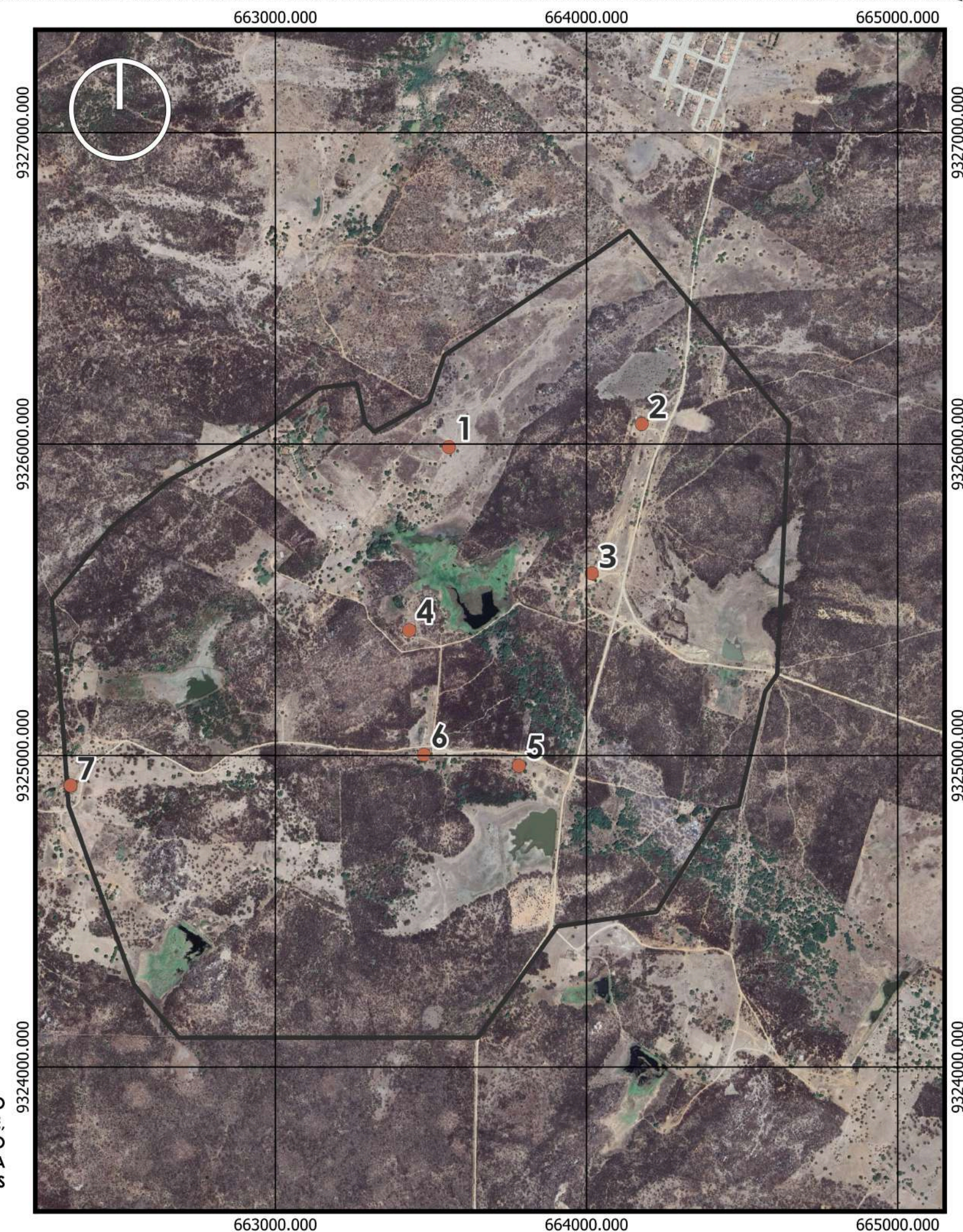


LEGENDA

- COMUNNIDADE SALOBRO
- 1. APOLINÁRIA
- 2. CASA DOS GROSSOS
- 3. HEMETÉRIOE ELISA
- 4. APRÍGIO E MARIQUINHA
- 5. RAFAEL JALES/ SEBASTEÃO CALISTA E FLORENTINA
- 6. GENUÍNO JALES
- 7. ANTONIO DINIZ

0 0,2 0,4 km

* O LIMITE TERRITORIAL NÃO É DE TODA A COMUNIDADE, UMA VEZ QUE FOI DEFINIDO PARA ESTA PESQUISA APENAS PARA LIMITAR AS CASAS INVENTARIADAS





CASA

01- APOLINÁRIA

INVENTÁRIO DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: F01	ID: CASA 01	DATA DA VISITA: 08/05/2025
Nome da propriedade: Sítio Salobro	Histórico de demolições: sim () não (x)	Proprietário atual: Herdeiros de José Dantas Jales
Uso atual: desocupada	Histórico de adições: sim () não (x)	Possível primeiro morador: Manoel Rodrigues Jales e Apolinária Jales
Histórico de usos da edificação: Sempre foi de uso residencial.	Tipologia: residencial	Ano/período de construção: por volta de 1920/século XX
COORDENADAS GEORREFERENCIADAS		
Latitude: 663565.6	Longitude: 9325947.6	Altitude: 188m

CROQUI PLANTA BAIXA - SEM ESCALA

ACESSO PRINCIPAL

LEGENDA:

- Planta baixa mantida desde sua construção em 1920.
- Bwc antes era uma despensa. Não existia banheiro na residência.

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

Figura 01. Vista frontal. **Fonte:** Joseane Medeiros, 2025.

COBERTURA - IMAGEM AÉREA

LEGENDA:

- 1. Cobertura de duas águas, substituída para manutenção.

Figura 02. Vista superior. **Fonte:** Joseane Medeiros, 2025.

DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA						
TIPOLOGIA EDIFICADA		ESTADO DE CONSERVAÇÃO		ESTADO DE PRESERVAÇÃO		Nº DE PAVIMENTOS
Casa de morada		Bom		Preservada		Térrea
Observações arquitetônicas: A casa foi construída para o lado do nascente. Possui uma cumeeira alta, fazendo com que a parte menor do telhado seja mais baixa que o comum, quando se fala de pé direito. O banheiro não existia, no entanto substituíam uma despensa por um banheiro. Possui Caritós (nome dado para nichos ou prateleira) na segunda sala e no quarto. Presença de um fogão a lenha. Toda a casa tem janelas de abrir, permitindo 100% de ventilação.						
Observações da propriedade: Possui 3 residências, a mais antiga em termos de construção é a presente casa que está em análise. Esta propriedade pertencia a Manoel Jales e sua esposa Apolinária Jales. Atualmente pertence aos herdeiros deles. Existia muito plantio principalmente de algodão mocó, onde era feita a colheita uma vez no ano.						
MATERIAIS, TÉCNICAS E SISTEMAS CONSTRUTIVOS						
COBERTURA						
Estado de preservação	Estrutura	Água	Empena	Descrição		
Modificada	Trama de madeira com telha cerâmica canal	Duas águas	Lateral	Estrutura do telhado foi trocada		
PAREDES						
Estado de preservação	Material	Revestimento		Descrição		
Preservado	Tijolo de barro maciço, mais conhecido como tijolo comum	Pintura de cal		-		
PISOS						
Estado de preservação	Material			Descrição		
Preservado	Bloco de ladrilho de barro			-		
ESQUADRIAS						
Estado de preservação	Material			Descrição		
Preservadas	Cajueiro			A cor avermelhada da porta é uma cor natural da própria árvore do cajueiro. As esquadrias externas foram substituídas, mas as esquadrias internas são originais		



Figura 03: Cobertura nova, mas do mesmo material; paredes de tijolo comum; portas de cajueiro. **Fonte:** Joseane Medeiros, 2025.



Figura 04: Paredes identificadas em tijolo comum. **Fonte:** Autoria própria, 2025



Figura 05: Piso em ladrilho de barro quadrado. **Fonte:** Autoria própria, 2025



Figura 06: Esquadrias originais feitas da madeira do cajueiro. **Fonte:** Autoria própria, 2025

VISTAS EXTERNAS E INTERNAS



Figura 07: Vista lateral. Elementos: altura da cumeeira; Menor altura do telhado. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 08: Vista lateral. Elementos: altura da cumeeira. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 09: Sala de estar. Elementos: armadores de madeira; Telha modificada. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 10: Sala de estar. Elementos: armadores de madeira. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 11: Cozinha. Elementos: pé direito baixo. Fogão a lenha. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 12: Banheiro. Antes era uma despensa. **Fonte:** Autoria própria, 2025.

DETALHES ARQUITETÔNICOS



Figura 13: Caritó na sala. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 14: Caritó no quarto. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 15: Primeiros tornos de rede. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 16: Tornos de redes da época, mas mais novos. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



CASA

02- DOS GROSSOS

INVENTÁRIO DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: F02	ID: CASA 02	DATA DA VISITA: 20/05/2025
Nome da propriedade: Sítio Salobro	Histórico de demolições: sim () não (x)	Proprietário atual: Hemetério Fernandes Jales e sua esposa Eliza Jales
Uso atual: casa de morador	Histórico de adições: sim (x) não ()	Possível primeiro morador: Etelvina Jales e Antônio Jales
Histórico de usos da edificação: Já teve uso residencial e institucional (escola).	Tipologia: residencial	Ano/período de construção: por volta de 1927-28 / século XX
COORDENADAS GEORREFERENCIADAS		
Latitude: 664198.3	Longitude: 9326057.0	Altitude: 192 m

CROQUI PLANTA BAIXA - SEM ESCALA

LEGENDA:

Planta baixa mantida desde sua construção em 1927.

Banheiro construído depois no século XX.

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

Figura 17. Vista aérea.

Fonte: Joseane Medeiros, 2025.

COBERTURA - IMAGEM AÉREA

LEGENDA:

1.Cobertura de duas águas, substituída para manutenção.

2.Cobertura de um água, adicionada do banheiro

Figura 18. Vista superior.

Fonte: Joseane Medeiros, 2025.

DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA					
TIPOLOGIA EDIFICADA		ESTADO DE CONSERVAÇÃO		ESTADO DE PRESERVAÇÃO	Nº DE PAVIMENTOS
Casa de morada		Bom		Preservada	Térrea
Observações arquitetônicas: A casa foi construída para o lado do nascente. Possui a mesma estrutura na planta baixa antiga, sendo adicionada depois um banheiro, porquê não existia na casa. A cumeeira é alta fazendo com que a parede menor seja mais baixa que o considerado normal, no que diz respeito ao pé direito. Existia um fogão a lenha, mas foi deslocado para fora por questões de saúde da família atual. Toda a casa tem janelas de abrir, permitindo 100% de ventilação.					
Observações da propriedade: Quem construiu foi Etelvina Jales e Antônio Jales, donos anteriores a Hemetério. Quem morou nesta casa foi Aderson Fernandes Jales (filho de Antônio e Etelvina) e sua esposa Eudete de Almeida Jales, nesta época era chamada casa dos grossos (perdeu esse nome com o tempo). A moradora dos últimos 40 anos até o presente desta pesquisa é Salvandira.					
MATERIAIS, TÉCNICAS E SISTEMAS CONSTRUTIVOS					
COBERTURA					
Estado de preservação	Estrutura	Água	Empena	Descrição	
Modificada	Trama de madeira com telha colonial	Duas águas	Lateral	Estrutura do telhado foi trocada	
PAREDES					
Estado de preservação	Material	Revestimento		Descrição	
Preservado	Tijolo de barro maciço, mais conhecido como tijolo comum	Pintura de cal		-	
PISOS					
Estado de preservação	Material			Descrição	
Preservado	Cimento queimado			Antes do cimento queimado era o ladrilho de barro	
ESQUADRIAS					
Estado de preservação	Material			Descrição	
Modificadas	Possivelmente de Umburana.			Material local.	



Figura 19: Cobertura substituída; portas externas substituídas.
Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 20: Paredes identificadas em tijolo comum. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 21: Piso cimento queimado. Elementos: soleira na abertura. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 22: Esquadrias originais. **Fonte:** Autoria própria, 2025.

VISTAS EXTERNAS E INTERNAS



Figura 23: Vista lateral. Elementos: altura da cumeeira. Menor altura do telhado na parte da cozinha. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 24: Vista lateral. Elementos: altura da parede e da janela. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 25: Cerca de pedra. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 26: Telhado. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 27: Cozinha. Elementos: pé direito baixo. Fogão a lenha. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 28: Sala de jantar. Elementos: Vergas de madeira; armadores de ferro. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 29: Banheiro. Elementos: tanque de água. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 30: porta de duas bandas. **Fonte:** Autoria própria, 2025.

DETALHES ARQUITETÔNICOS



Figura 31: Vista aérea. Presença de um único contraforte. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 32: Armador de madeira. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 33: Armador de madeira. A maioria já foi substituído. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 34: Caibros originais feitos de pereiro. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 35: Esquadrias com vergas de madeira. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



CASA

03- HEMETÉRIO

INVENTÁRIO DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: F03	ID: CASA 03	DATA DA VISITA: 08/05/2025
Nome da propriedade: Sítio Salobro	Histórico de demolições: sim () não (x)	Proprietário atual: . H. Jales
Uso atual: proprietários	Histórico de adições: sim (x) não ()	Possível primeiro morador: Antônio Jales e sua esposa Etelvina
Histórico de usos da edificação: Sempre foi de uso residencial.	Tipologia: residencial	Ano/período de construção: por volta de 1920 a primeira casa e a segunda por volta de 1930. Ano de ampliação e união de duas casas - 1957/século XX
COORDENADAS GEORREFERENCIADAS		
Latitude: 664015.77	Longitude: 9325585.21	Altitude: 192 m
CROQUI PLANTA BAIXA - SEM ESCALA		LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO
 LEGENDA: - Primeira construção de antes de 1957, já modificada. - Construção de outros ambientes e de banheiros internos que não existiam na casa, feitos de tijolo comum. - Áreas de serviço construídas no século XXI, feitas de alvenaria de tijolos - Suíte e banheiros construídos no século XXI, de alvenaria de tijolo cerâmico		 Figura 36. Vista aérea. Fonte: Joseane Medeiros, 2025. COBERTURA - IMAGEM AÉREA  LEGENDA: 1.Primeiras cobertura de duas águas, mas já modificada; 2.Cobertura de uma água, que une a casa 1 e 3, que foram unidas em 1957 pelo proprietário atual. 3.Segunda cobertura de duas águas, mas já modificada 4.Cobertura de duas águas, construída no século XXI 5.Cobertura de duas águas, construída no século XXI, depois da cobertura 4 6.Cobertura trocada, mas construída antes da 4 e 5; 7.Ultima cobertura construída, sendo de duas águas. Figura 37. Vista superior. Fonte: Joseane Medeiros, 2025.

DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA			
TIPOLOGIA EDIFICADA	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	Nº DE PAVIMENTOS
Casa de morada	Bom	Preservada	Térrea
Observações arquitetônicas: A casa foi construída para o lado do nascente. Possui várias águas na composição de sua cobertura, contando várias reformas ao longo dos anos. Existiam duas casas na construção original, que foram unidas por volta de 1957, por isso existem duas portas de acesso. Existem caritós e diferentes tipos de pisos de cimento queimado. Só existia um banheiro, foi construído na parte externa e era um pouco longe da casa. O alpendre só foi adicionado depois da primeira reforma. Observações da propriedade: Existiam duas casas construídas em épocas diferentes. A mais velha que se dá pelo acesso externo da suíte 4, pertencia a Florentina e a segunda ao proprietário e sua esposa: Antônio Jales e Etelvina Jales.			

MATERIAIS, TÉCNICAS E SISTEMAS CONSTRUTIVOS				
COBERTURA				
Estado de preservação	Estrutura	Água	Empena	Descrição
Modificada	Trama de madeira com telha colonial	Duas águas	Lateral	Estrutura do telhado foi trocada
PAREDES				
Estado de preservação	Material	Revestimento		Descrição
Preservado	Tijolo de barro maciço, mais conhecido como tijolo comum. Alvenaria de tijolo cerâmico	Pintura de cal, tinta azul, revestimento cerâmico		O rodapé é destacado com pintura de tinta azul.
PISOS				
Estado de preservação	Material			Descrição
Preservado	Cimento queimado com carimbo nas cores cinza e vermelho e ladrilho hidráulico			-
ESQUADRIAS				
Estado de preservação	Material			Descrição
Preservadas	Provavelmente umburana			Os materiais são locais



Figura 38: Platibanda existente. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 39: Piso de cimento queimado. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 40: Ladrilho hidráulico. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 41: Piso de cimento queimado carimbado. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 42: Piso na cor vermelha de cimento queimado carimbado. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 43: Porta dupla de giro. Fonte: Autoria própria, 2025.

VISTAS EXTERNAS E INTERNAS



Figura 44: Vista frontal. Elementos: platibanda com formas geométricas em alto relevo. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 45: Vista lateral. Elementos: volume da casa. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 46: Sala de estar. Elementos: esquadrias preservadas; muitos armadores de ferro; Rodapé destacado com tinta azul. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 47: Sala de jantar. Elementos: o brabo; porta de duas folhas sobrepostas; aberturas com cantos chanfrados/trapezoidais. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 48: Primeiro banheiro feito na parte externa. **Fonte:** Autoria própria, 2025.

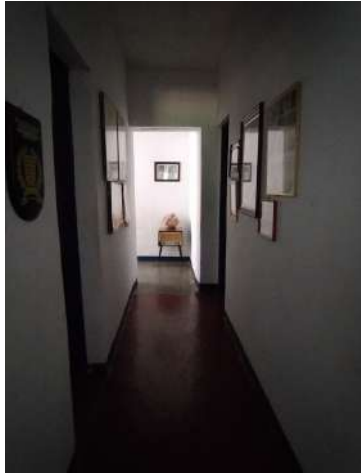


Figura 49: Corredor de acesso aos quartos. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 50: Alpendre lateral. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 51: Cozinha. Elementos: azulejo; piso de ladrilho hidráulico; bancada de alvenaria de tijolo cerâmico. **Fonte:** Autoria própria, 2025.

DETALHES ARQUITETÔNICOS



Figura 52: Torno de rede feito de madeira. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 53: Caritó no quarto. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 54: Aberturas com cantos de cima chanfrados. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 55: Esquadrias pintadas na cor azul. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 56: Telha colonial. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 57: Portas de duas folhas sobrepostas; azulejo amarelo; piso de ladrilho hidráulico. **Fonte:** Autoria própria, 2025.

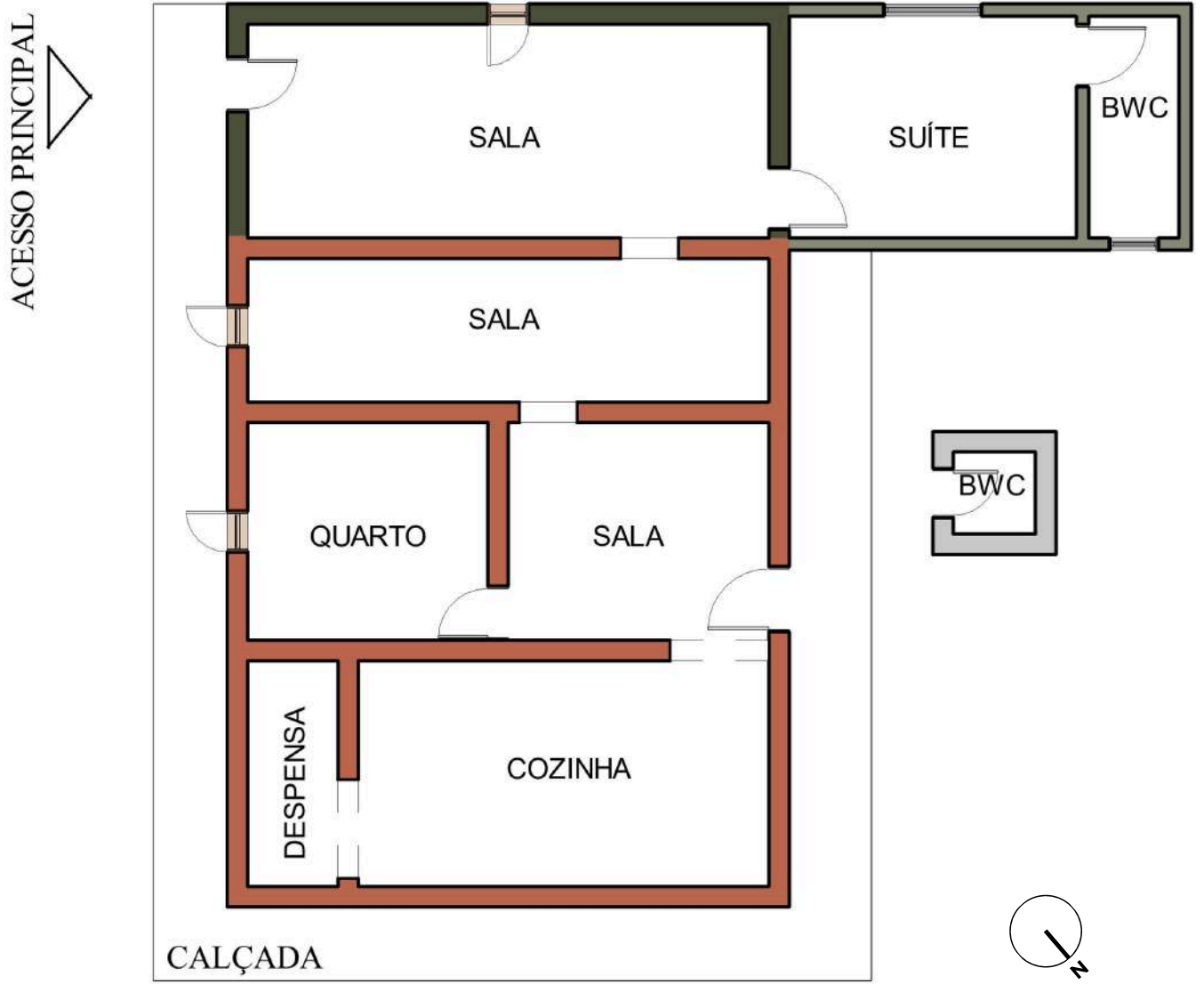


CASA

04- APRÍGIO E MARIQUINHA

INVENTÁRIO DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: F04	ID: CASA 04	DATA DA VISITA: 07/04/2025
Nome da propriedade: Sítio Salobro	Histórico de demolições: sim () não (x)	Proprietário atual: A. Jales
Uso atual: desocupada	Histórico de adições: sim (x) não ()	Possível primeiro morador: João Fernandes Jales e Teodelina Maria da Conceição
Histórico de usos da edificação: Sempre foi de uso residencial.	Tipologia: residencial	Ano/período de construção: 1890/século XIX
COORDENADAS GEORREFERENCIADAS		
Latitude: 663447.5	Longitude: 9325373.1	Altitude: 188 m

CROQUI PLANTA BAIXA - SEM ESCALA		LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO
		 Figura 58. Vista aérea. Fonte: Joseane Medeiros, 2025.
LEGENDA:  Primeira parte construída da casa  Segunda cobertura construída (sala), construída por volta de 1922.  Bwc externo construído depois da sala de entrada.  Suíte construída por volta de 2006.		COBERTURA - IMAGEM AÉREA  LEGENDA: 1.Primeira cobertura constuída de duas águas, por volta de 1890; Uma parte ainda permanece original; 2.Segunda cobertura com duas águas (sala de entrada) construída por volta volta de 1922; Precisou ser trocada para manutenção da casa; 3.Bwc externo construído anos depois da sala de entrada, com um água; 4.Cobertura de uma água, construída por volta de 2006, com laje impermeabilizada no banheiro. Figura 59. Vista superior. Fonte: Joseane Medeiros, 2025.

DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA				
TIPOLOGIA EDIFICADA	ESTADO DE CONSERVAÇÃO		ESTADO DE PRESERVAÇÃO	Nº DE PAVIMENTOS
Casa de morada	Bom		Preservada	Térrea
Observações arquitetônicas: A casa de maneira geral tem o pé direito baixo por motivos financeiros dos primeiros proprietários. Sofreu adição de uma suíte na parte posterior feita de alvenaria. Na sala da entrada principal, as telhas precisaram ser modificadas por outras mais novas, mas uma parte estrutura de madeira do telhado foi conservada. Além do banheiro da suíte, há um outro banheiro que está situado na parte externa da casa, construído em meados de 1980 pelo herdeiro Aprigio Rodrigues Jales e sua esposa Maria Teixeira Jales.				
Observações da propriedade: Possui apenas uma casa. Seus primeiros donos foram João Fernandes Jales e Teodelina Maria da Conceição, passando para seu filho Aprigio Rodrigues Jales e sua esposa Maria Teixeira Jales. Quem herdou a propriedade foi Francisco Teixeira Jales ou Chiquinho de Aprígio e nos dias atuais a terra foi vendida para um sobrinho de Chiquinho, A. R. Jales				
MATERIAIS, TÉCNICAS E SISTEMAS CONSTRUTIVOS				
COBERTURA				
Estado de preservação	Estrutura	Água	Empena	Descrição
Preservado	Trama de madeira com linhas de Pereiro	Duas águas	Lateral	Telhas cerâmicas feitas por artesãos. Estrutura e telhas trocadas nas salas e cozinha. Nova cobertura adicionada na suíte (conferir planta baixa e de cobertura).
PAREDES				
Estado de preservação	Material	Revestimento		Descrição
Preservado	Taipa de mão, tijolo de barro maciço ou tijolo comum e Alvenaria	Pintura de cal, mosaico cerâmico		Cada material representa uma época de construção diferente
PISOS				
Estado de preservação	Material			Descrição
Preservado	Cimento queimado, alvenaria de pedra e piso morto			A calçada em formato de “L” é feita alvnaria de pedra.
ESQUADRIAS				
Estado de preservação	Material			Descrição
Modificada	Umburana			A porta da entrada principal foi alterada. Os materiais são locais.



Figura 60: Cobertura, paredes de taipa de mão e piso de cimento queimado. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 61: Telha assinada. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 62: Paredes irregulares da taipa de mão. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 63: Calçada de pedra. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 64: Cozinha com piso morto. **Fonte:** Autoria própria, 2025.

VISTAS EXTERNAS E INTERNAS



Figura 65: Vista frontal. Elementos: porta de entrada modificada; Pé direito baixo. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 66: Vista lateral. Elementos: suíte adicionada em alvenaria. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 67: Vista lateral em perspectiva. Elementos: Banheiro externo na lateral; ccontraste de telhas cerâmicas novas e antigas; Altura das esquadrias. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 68: Vista posterior. Elementos: contraste do pé direito da casa com a parte adicionada em alvenaria. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 69: Banheiro externo. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 70: Sala de entrada. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 71: Segunda sala. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 72: Quarto 01. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 73: Suíte. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 74: Bwc com tanque. **Fonte:** Autoria própria, 2025.

DETALHES ARQUITETÔNICOS



Figura 75: Torno de rede feito de madeira. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 76: Torno de rede feito de madeira, mais antigo. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 77: Porta de madeira umburana. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 78: Caritô para apoio na cozinha. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 79: Armários de alvenaria. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 80: Caritô. **Fonte:** Autoria própria, 2025.

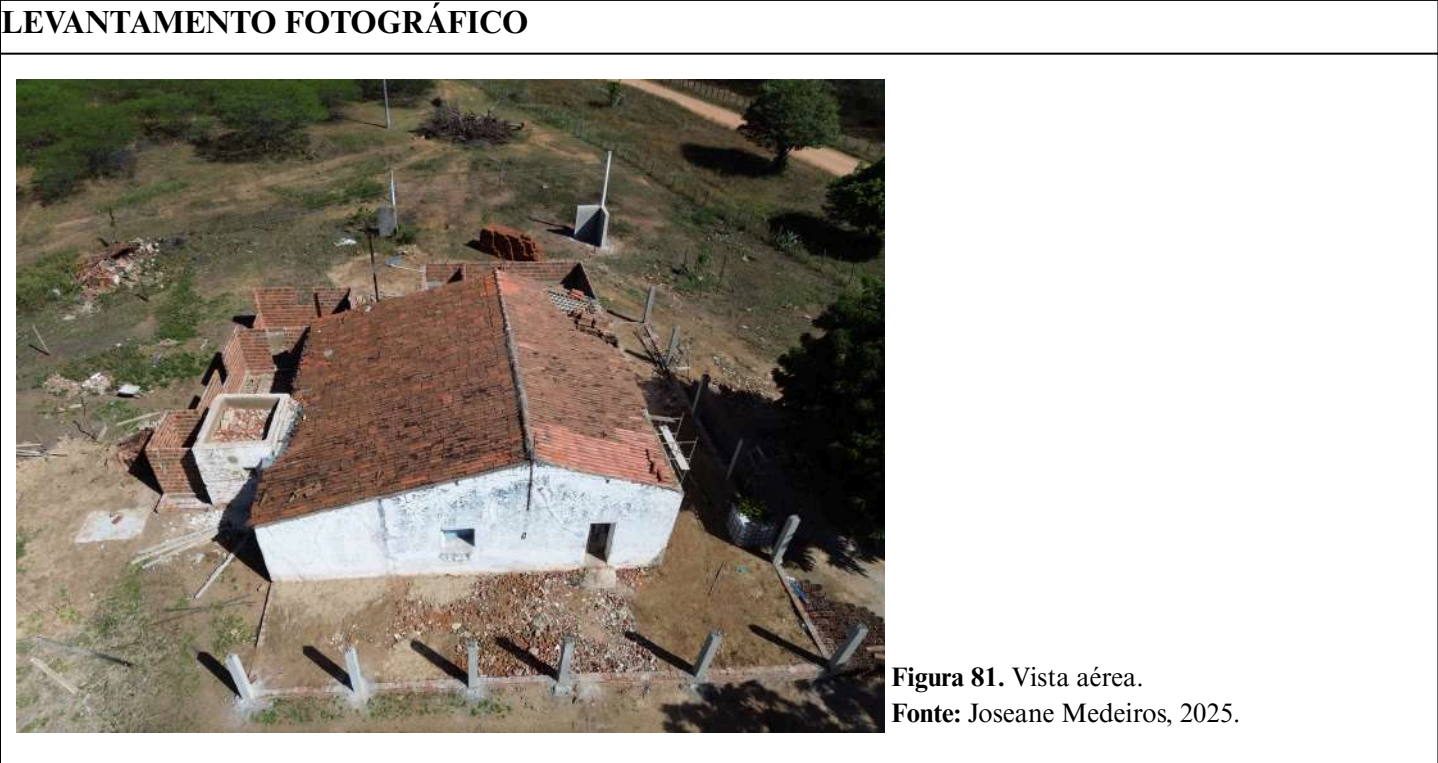
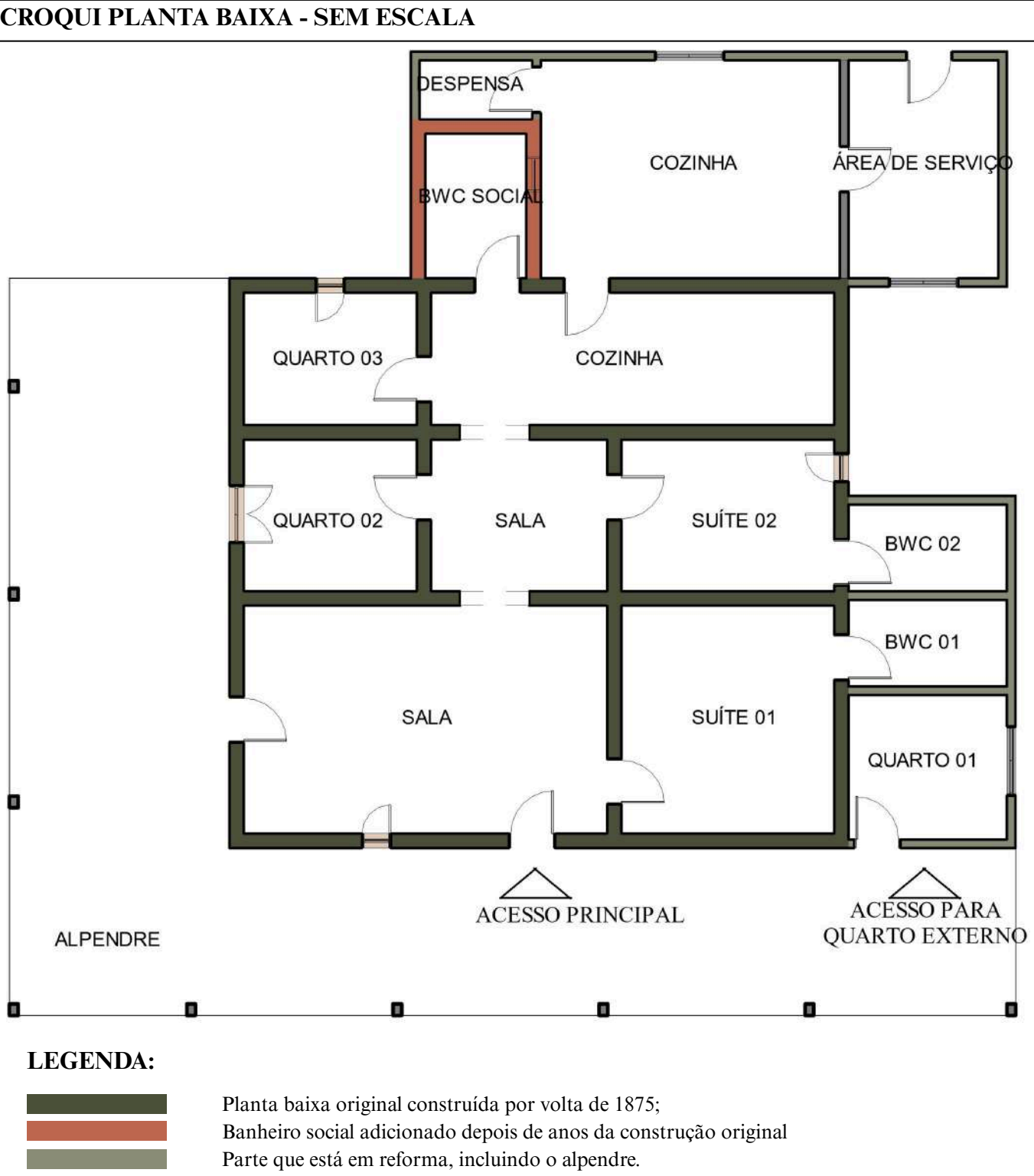


CASA

05- RAFAEL JALES

INVENTÁRIO DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: F05	ID: CASA 05	DATA DA VISITA: 20/05/2025
Nome da propriedade: Sítio Salobro	Histórico de demolições: sim (x) não ()	Proprietário atual: E. Jales de Almeida
Uso atual: desocupada	Histórico de adições: sim (x) não ()	Possível primeiro morador: Rafael Fernandes Jales
Histórico de usos da edificação: Sempre foi de uso residencial.	Tipologia: residencial	Ano/período de construção: por volta de 1875/século XIX
COORDENADAS GEORREFERENCIADAS		
Latitude: 663787.32	Longitude: 9324971.69	Altitude: 183 m



DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA			
TIPOLOGIA EDIFICADA	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	Nº DE PAVIMENTOS
Casa de morada	Bom	Preservada	Térrea
Observações arquitetônicas: A casa atualmente tem uma cumeeira alta o que permite uma boa ventilação internamente. Um detalhe interessante são as aberturas com este tipo de arco são únicas das proximidades. Observações da propriedade: A casa foi construída por volta de 1875 por Rafael Fernandes Jales, depois foi herdada para sua filha Florentina que se casou com Sebateão Teixeira Dantas (Calista) que depois vendeu para Genuíno e, hoje, pertence a um de seus filhos.			

MATERIAIS, TÉCNICAS E SISTEMAS CONSTRUTIVOS				
COBERTURA				
Estado de preservação	Estrutura	Água	Empena	Descrição
Modificada	Trama de madeira	Duas águas	Lateral	-
PAREDES				
Estado de preservação	Material	Revestimento		Descrição
Preservado	Tijolo de barro maciço ou tijolo comum e Alvenaria de tijolos cerâmicos	Pintura de cal		-
PISOS				
Estado de preservação	Material			Descrição
Preservado	Cimento queimado			Por ser uma casa do século XIX, o piso pode ter sido trocado sendo antes de ladrilho de barro.
ESQUADRIAS				
Estado de preservação	Material			Descrição
Modificada	Possivelmente umburana			-



Figura 83: Imagem de antes da reforma. Elementos: cobertura, quarto no alpendre. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 84: Paredes de tijolo comum. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 85: Portas de duas bandas. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 86: Janelas de uma folha e de giro. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 87: Piso de cimento queimado. **Fonte:** Autoria própria, 2025.

VISTAS EXTERNAS E INTERNAS



Figura 88: Vista frontal. Elementos: porta de entrada modificada; Pé direito baixo. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 89: Vista lateral. Elementos: cobertura, unidade do telhado até o alpendre. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 90: Vista lateral. Altura da cumeeira. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 91: Sala de entrada. Tornos de rede; uma linha que antes poderia ser um brabo no lugar. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 92: Segunda sala. Tornos de rede, abertura em arco; pé direito alto. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 93: Segunda sala. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 94: Sala de entrada. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 95: Banheiro de tijolo comum. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 96: Quarto com entrada na segunda sala. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 97: Cobertura nova. **Fonte:** Autoria própria, 2025.

DETALHES ARQUITETÔNICOS



Figura 98: Torno de rede de ferro, podem ter substituído os de madeira. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 99: Abertura em arco com vista para primeira sala. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 100: Abertura em arco com vista para segunda sala. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 101: Espessura da parede. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



Figura 102: Abertura com porta para o quarto da segunda sala. **Fonte:** Autoria própria, 2025.



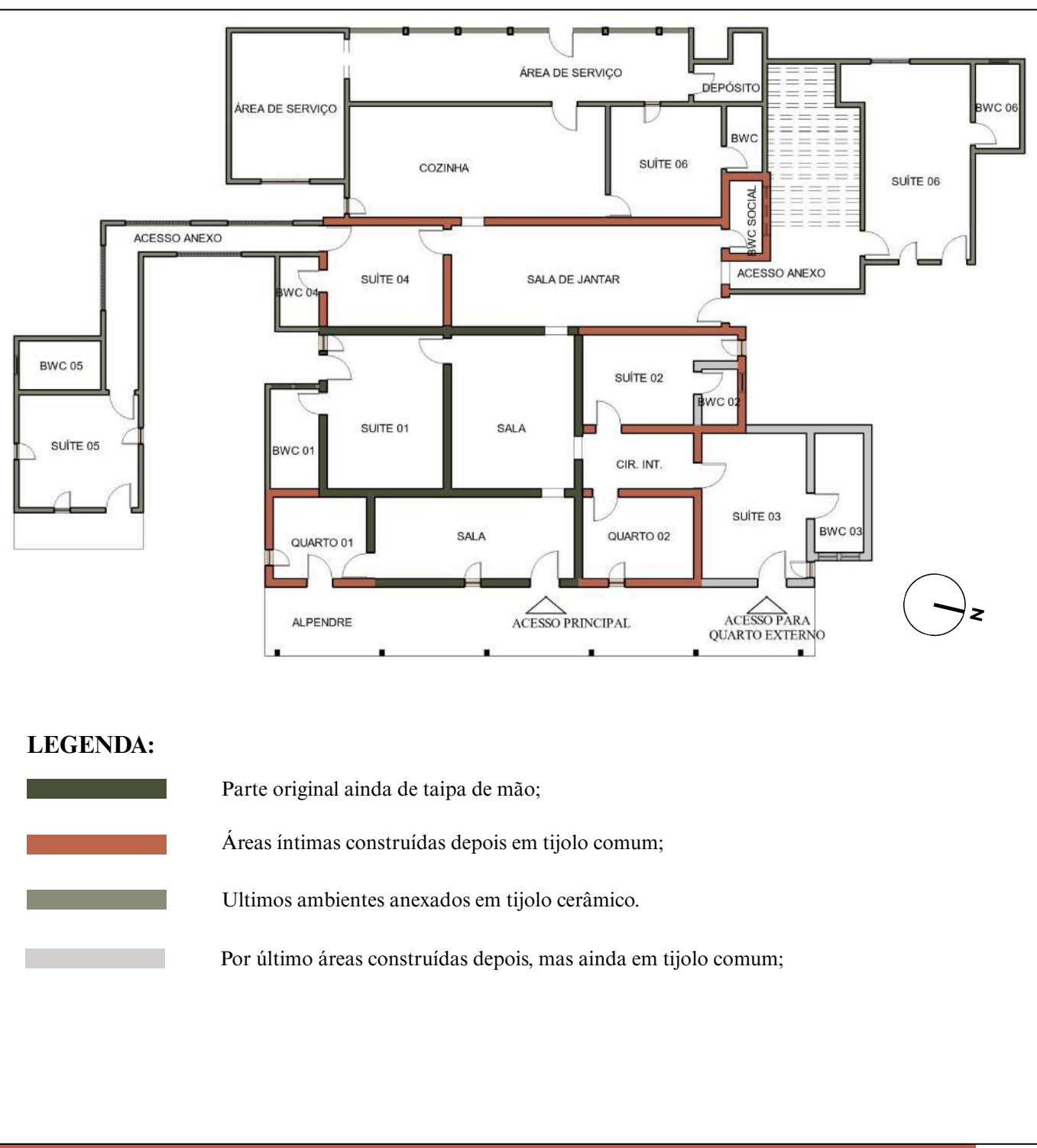
CASA

06- GENUÍNO

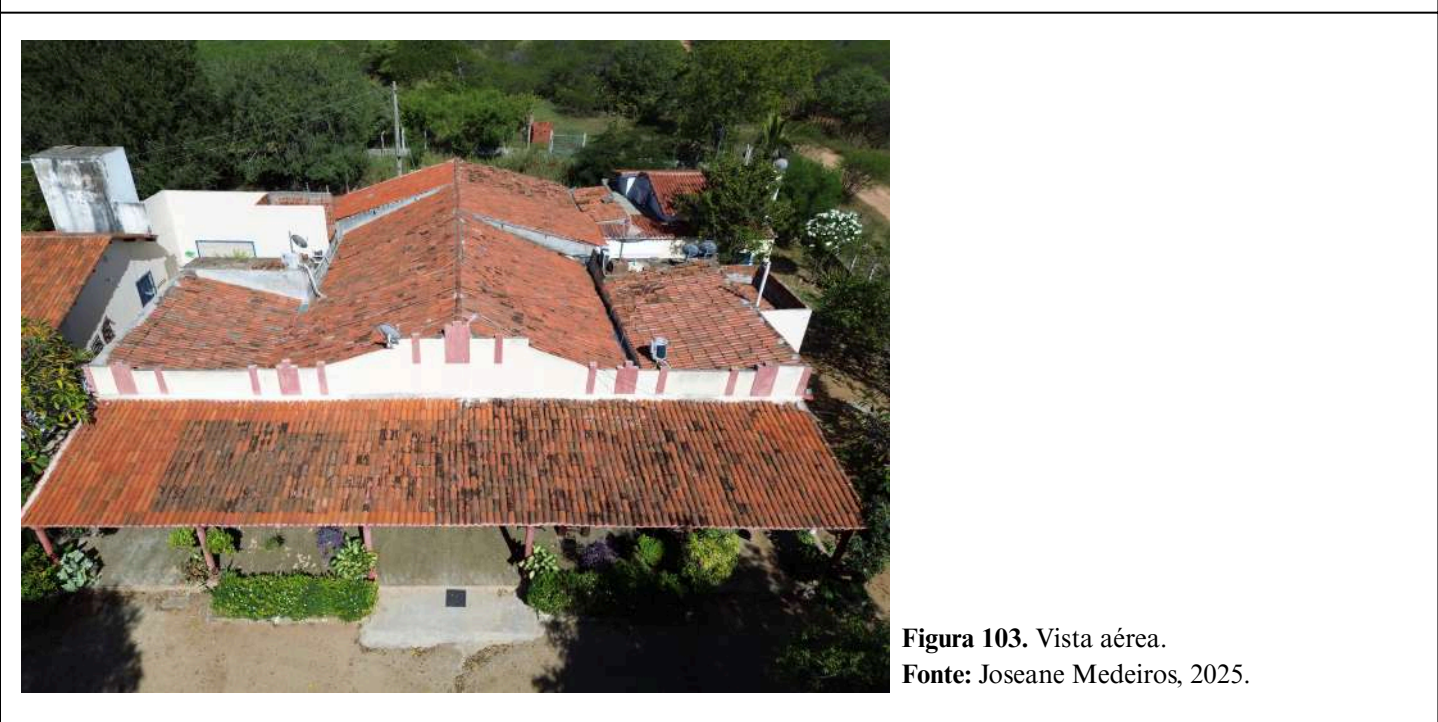
INVENTÁRIO DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: F06	ID: CASA 05	DATA DA VISITA: 20/05/2025
Nome da propriedade: Sítio Salobro	Histórico de demolições: sim (x) não ()	Proprietário atual: Herdeiros de Genuíno e Basílica
Uso atual: desocupada	Histórico de adições: sim (x) não ()	Possível primeiro morador: Genuíno Fernandes Jales e Basílica de Almeida Jales
Histórico de usos da edificação: Sempre foi de uso residencial.	Tipologia: residencial	Ano/período de construção: 1920-30/século XX
COORDENADAS GEORREFERENCIADAS		
Latitude: 663479.83	Longitude: 9325013.25	Altitude: 186 m

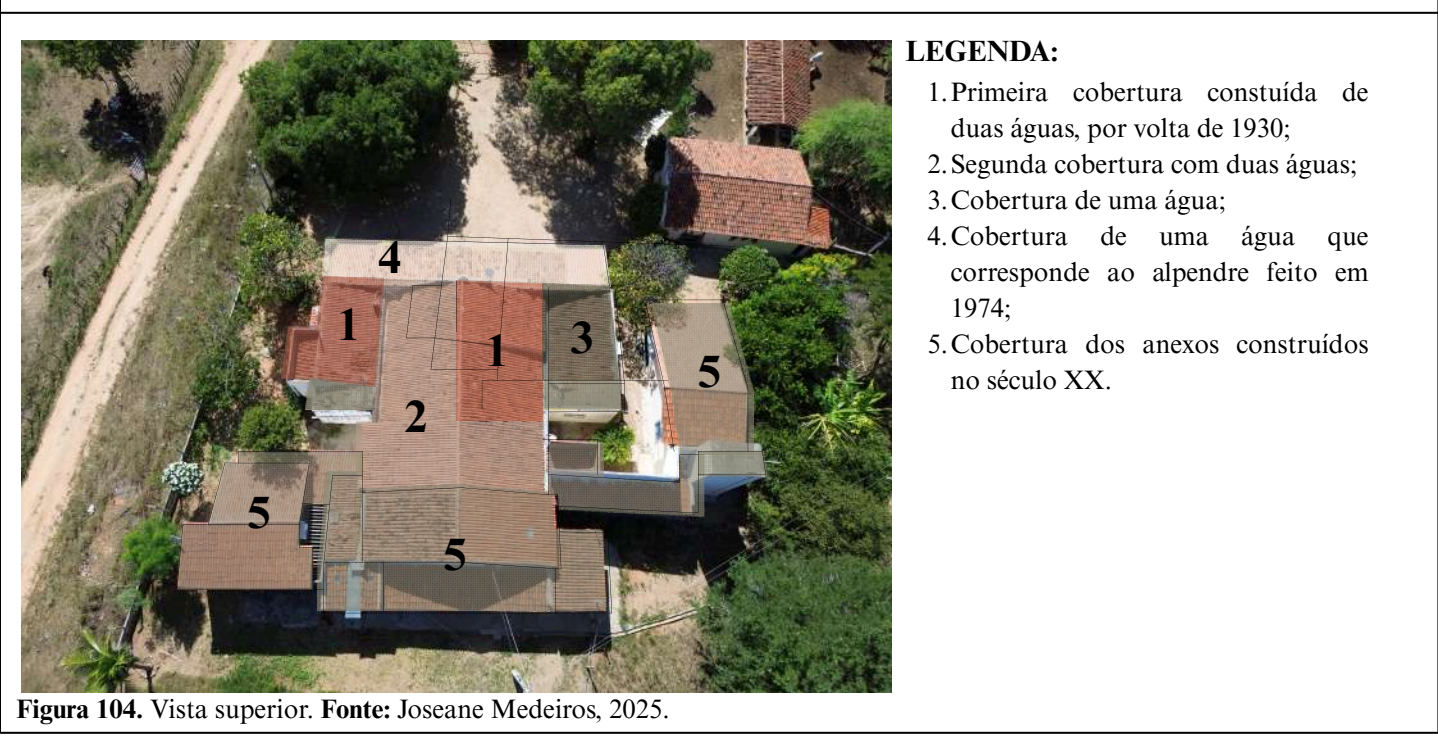
CROQUI PLANTA BAIXA - SEM ESCALA



LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



COBERTURA - IMAGEM AÉREA



DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA			
TIPOLOGIA EDIFICADA	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	Nº DE PAVIMENTOS
Casa de morada	Bom	Preservada	Térrea
Observações arquitetônicas: A casa possui duas salas: a segunda se destaca com um brabo. Assim como outras casas da região o banheiro é externo e posterior à casa. Possui um alpendre construído em 1974; Alguns caritós se destacam nos quartos; os vãos são diferentes de outras casas sendo em arco um pouco irregular.			
Observações da propriedade: Seus primeiros donos e que construíram foram Genuíno Fernandes Jales e Basílica de Almeida Jales. Atualmente pertence a seus herdeiros. Perto da casa de morada foi construída uma capela de Mãe Rainha em 2024.			

MATERIAIS, TÉCNICAS E SISTEMAS CONSTRUTIVOS				
COBERTURA				
Estado de preservação	Estrutura	Água	Empena	Descrição
Preservado	Trama de madeira	Duas águas	Lateral	Estrutura do telhado trocada pelo mesmomaterial
PAREDES				
Estado de preservação	Material	Revestimento		Descrição
Preservado	Taipa de mão, tijolo de barro maciço ou tijolo comum e Alvenaria	Pintura de cal, mosaico cerâmico		Cada material representa uma época de construção diferente
PISOS				
Estado de preservação	Material			Descrição
Preservado	Cimento queimado e cimento queimado carimbado			Quando a sala de jantar foi construída o piso era ladrilho de barro.
ESQUADRIAS				
Estado de preservação	Material			Descrição
Modificada	Provavelmente umburana			Algumas portas são de materiais mais recente. Os materiais são locais.



Figura 105: Vista forntal. Elementos: cobertura, quarto no alpendre, platibanda com alto relevo. **Fonte:** Aatoria própria, 2025.



Figura 106: Telha colonial. **Fonte:** Aatoria própria, 2025.



Figura 107: Porta. **Fonte:** Aatoria própria, 2025.



Figura 108: Janelas de uma folha e de giro. **Fonte:** Aatoria própria, 2025.



Figura 109: Piso de cimento queimado. **Fonte:** Aatoria própria, 2025.

VISTAS EXTERNAS E INTERNAS



Figura 110: Vista frontal. Elementos: porta de entrada modificada; Pé direito baixo. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 111: Vista da segunda sala para a primeira. Elementos: vãos em arco; cimento queimado no piso e rodapé com pintura azul. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 112: Circulação para dormitórios. Fonte: Autoria própria, 2025.

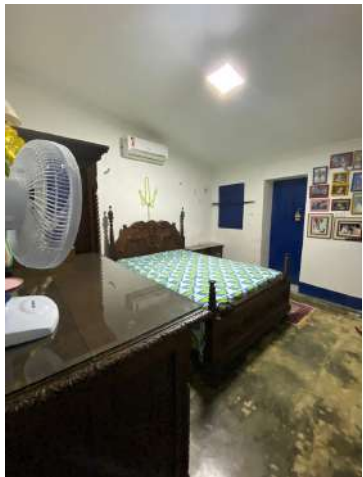


Figura 113: Suíte. Elementos: porta e janela; Forro de gesso. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 114: Sala de entrada. Tornos de rede. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 115: Segunda sala. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 116: Sala de jantar. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 117: Acesso interno para anexo. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 118: Capela de Mãe Rainha. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 119: Janela da parte interna da capela. Fonte: Autoria própria, 2025.

DETALHES ARQUITETÔNICOS



Figura 120: Torno de rede feito de madeira. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 121: Brabo presente na segunda sala. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 122: Abertura em arco com vista para sala de jantar. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 123: Caritó. Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 124: Caritó. Fonte: Autoria própria, 2025.



CASA

07- ANTÔNIO DINIZ

INVENTÁRIO DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: F06	ID: CASA 05	DATA DA VISITA: 20/05/2025
Nome da propriedade: Sítio Salobro	Histórico de demolições: sim () não (x)	Proprietário atual: Antônio Dantas Diniz e sua esposa Helena Jácome de Lira Diniz
Uso atual: Residência do proprietário	Histórico de adições: sim (x) não ()	Possível primeiro morador: Antônio Dantas Diniz e sua esposa Helena Jácome de Lira Diniz
Histórico de usos da edificação: Sempre foi de uso residencial.	Tipologia: residencial	Ano/período de construção: 1970/século XX
COORDENADAS GEORREFERENCIADAS		
Latitude: 662345.38	Longitude: 9324893.79	Altitude: 196 m

CROQUI PLANTA BAIXA - SEM ESCALA

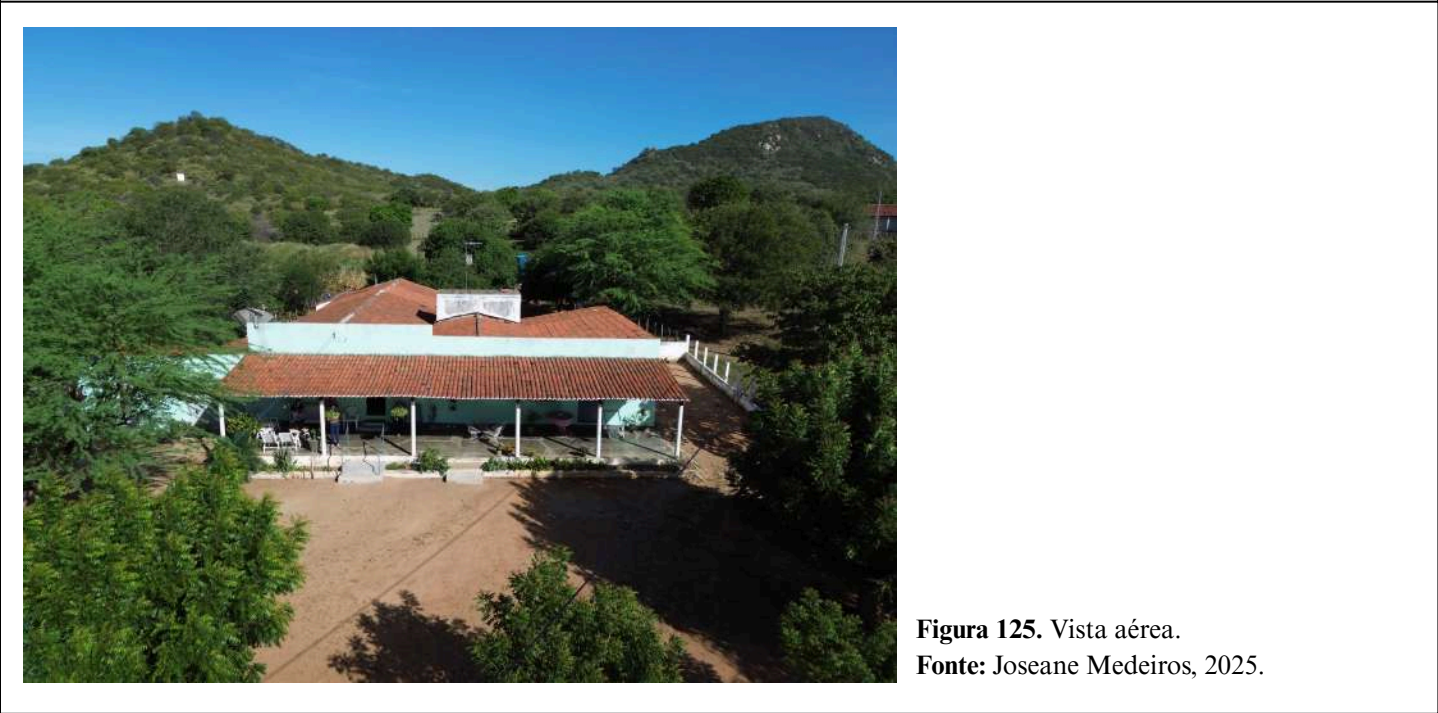
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



The floor plan shows a rectangular building layout. At the top left is an external toilet (BWC EXTERNO). Below it is a kitchen (COZINHA) and a pantry (DESPENSA). To the left of the kitchen is a social toilet (BWC SOCIAL). The central part of the plan contains two dining areas (SALA DE JANTAR) and two bedrooms (QUARTO 01 and QUARTO 02). To the right of the central area is a bathroom (BWC 01) and a storage room (ARMAZÉM). At the bottom left is a living room (SALA) and an alcove (ALPENDRE). At the bottom right is a suite (SUÍTE 01). The main entrance (ACESSO PRINCIPAL) is at the bottom center, and there is an access point for an external room (ACESSO PARA QUARTO EXTERNO) at the bottom right. A north arrow is located at the bottom left of the plan.

LEGENDA:

- Primeira parte construída em 1970;
- Segunda de construiu um banheiro no quarto, outro banheiro social e uma cozinha com despensa.



COBERTURA - IMAGEM AÉREA



An aerial photograph focusing on the roof of Casa 05. The roof is divided into two distinct sections. Section 1 is a red-tiled roof, and Section 2 is a grey, flat roof. The numbers 1 and 2 are placed on the respective roof sections to indicate the different construction phases.

LEGENDA:

- 1.Primeiras coberturas construídas com uma e duas águas em 1970;
- 2.Segunda cobertura construída recentemente, já em alvenaria de tijolo cerâmico e na parte superior corresponde a uma cobertura de laje impermeabilizada.

Figura 126. Vista superior. **Fonte:** Joseane Medeiros, 2025.

DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA			
TIPOLOGIA EDIFICADA	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	Nº DE PAVIMENTOS
Casa de morada	Bom	Preservada	Térrea
Observações arquitetônicas: O primeiro banheiro foi construído fora da casa na parte posterior; O armazém identificado na planta baixa corresponde a um pequena casa construída depois, com cozinha, quarto e banheiro. Muitas paredes são “meia parede”; a casa possui duas salas de jantar. A primeira se destaca com um brabo de angico feito pelo proprietário e um amigo. Observações da propriedade: Antônio Dantas Diniz e sua esposa Helena Jácome de Lira Diniz constuíram esta casa, portando foram os primeiros a morar neste lugar.			

MATERIAIS, TÉCNICAS E SISTEMAS CONSTRUTIVOS				
COBERTURA				
Estado de preservação	Estrutura	Água	Empena	Descrição
Preservado	Trama de madeira com algumas linhas de Angico.	Duas águas	Lateral	As telhas existentes ainda são as primeiras desde a construção.
PAREDES				
Estado de preservação	Material	Revestimento		Descrição
Preservado	Tijolo de barro maciço ou tijolo comum e Alvenaria de tijolo cerâmico.	Pintura de cal, pintura na cor azul		A pintura azul é utilizada no rodapé.
PISOS				
Estado de preservação	Material			Descrição
Preservado	Cimento queimado.			-
ESQUADRIAS				
Estado de preservação	Material			Descrição
Preservada	Umburana			-



Figura 127: Alpendre. Fonte: Autoria própria, 2025



Figura 128: Telhado. Fonte: Autoria própria, 2025



Figura 129: Piso de cimento queimado. Fonte: Autoria própria, 2025



Figura 130: Janela. Fonte: Autoria própria, 2025

VISTAS EXTERNAS E INTERNAS

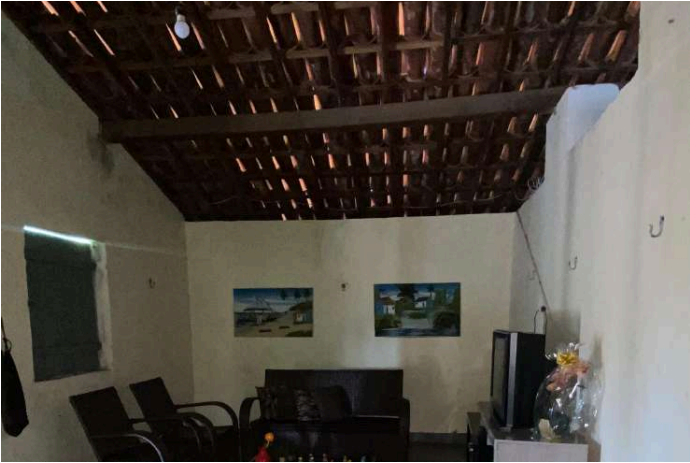


Figura 131: Vista frontal. Elementos: Armadores de ferros; janela de giro; meia parede. **Fonte:** Autoria própria, 2025



Figura 132: Sala de jantar. **Fonte:** Autoria própria, 2025



Figura 133: Sala de jantar. Elementos: meia parede. **Fonte:** Autoria própria, 2025



Figura 134: Cozinha. Elementos: altura da cumeeira. **Fonte:** Autoria própria, 2025



Figura 135: Suíte. Elementos: cobertura, janela venesiana. **Fonte:** Autoria própria, 2025



Figura 136: Quarto 01. Elementos: janela de giro. **Fonte:** Autoria própria, 2025



Figura 137: Banheiro externo de tijolo comum. **Fonte:** Autoria própria, 2025



Figura 138: Vista interna banheiro. **Fonte:** Autoria própria, 2025

DETALHES ARQUITETÔNICOS



Figura 139: Brabo de Angico na sala de jantar. **Fonte:** Autoria própria, 2025



Figura 140: Torno de rede feito de ferro. **Fonte:** Autoria própria, 2025



Figura 141: Fogão a lenha. **Fonte:** Autoria própria, 2025



Figura 142: Meia parede. **Fonte:** Autoria própria, 2025.

O patrimônio cultural é um conceito amplo que abrange elementos fundamentais para a preservação da memória e da identidade de uma sociedade

BELÉM DO BREJO DO CRUZ

MESSIAS TARGINO



A participação da zona rural na cultura de Messias Targino/RN teve grande protagonismo uma vez que muitas pessoas moravam nas terras dos grandes fazendeiros ou possuíam pequenas áreas de terra

MEMÓRIA VIVA:

Um olhar sobre o patrimônio cultural rural de Messias Targino/RN

Olá, sou Letícia e vou te acompanhar nessa jornada pelo passado!



Conheça mais sobre meu trabalho



Cartilha desenvolvida para projeto de extensão

Docente: Prof. Dra. Gabriela de Andrade Lira Mota Assunção

Discente: Lara Almeida Jales

Em Messias Targino existem muitas edificações que merecem ser valorizados pela história memória e identidade do lugar



Esta Casa tem mais de 100 anos de construção

Vamos conhecer algumas técnicas construtivas desta casa conhecida como casa de Aprígio de Mariquinha:



Paredes feitas em taipa de mão, tecnologia construtiva regional de prática antiga. Proporcionam bom conforto térmico e baixo custo.



Portas e janelas conservadas do Século XIX feitas em madeira de umburana.



Telhas conservadas com assinaturas dos artesãos que produziram.



Caibros conservados do século XX feitos em madeira de Pereiro

Curiosidade comum em casas desta época:



Torno de chapéu



Torno de rede

Ao lado dos tornos de rede sempre existiam um torno de chapéu

Como vocês puderam perceber esta casa é bem conservada e com isso ela consegue transmitir:

VALORES;
HISTÓRIA;
ESTILO;
IDENTIDADE;
MEMÓRIA COLETIVA

A memória coletiva continua viva neste lugar, não é mesmo?!



Casas conservadas contam a história de uma época, por isso:

Preservar o passado é cultivar as raízes do nosso futuro

Curiosidade histórica desta casa:



Nesta terra existia o plantio do algodão de uma variedade muito resistente à seca e muito conhecido no Rio Grande do Norte chamado algodão mocó que era vendido depois de todo seu processo para colheita

MEMÓRIA VIVA



Literatura de cordel por:
Pedro César Pêreira de Almeida
2025

Lugar de simplicidade
De muita recordação
Pra muitos sem um valor
Pra outros vale milhão
Recordo cada catinho
Sala, quarto e porão

Foi com dor no coração
Que sai desse lugar
Viajei de mundo a fora
Só pensava em voltar
Muitas noites estreladas
Eu ficara a recordar

Quando nós ia deitar
Aquele belo repouso
Nosso pai contava histórias
Do formato de trancoso
Falava sobre butija
Mesmo sendo assombroso



Diagramação e design da capa por:
Lara Almeida Jales

Ele todo caprichoso
Cantava também canção
Com o seu chapéu de couro
Usava o mesmo gibão
Só tirava pra dormir
Deixando ele no chão

Esse lugar meu torrão
Foi casa de muito amor
Tudo era repartido
Com as bênçãos do senhor
Oração e devoção
Nosso santo protetor

O respeito sinsenhor
A bênção do dia a dia
Todo café da manhã
Tinha muita alegria
Nossa mesa com fartura
Tinha tudo e não sabia

Lembro do que mais comia.
Batata com mancanzar
Qualhada com rapadura
De noite para jantar
Mesmo nas dificuldades
Não tinha o que reclamar

Nossa casa foi lugar
De bastantes emoções
Não trocava a dormida
Por quaisquer outras mansões
Mais o tempo foi passando
Só resta recordações

Me lembro das reuniões
Que papai sempre fazia
Sempre ao lado de mamãe
Com aquela calmaria
No final era sagrado
Pai nosso e Ave Maria

Me recordo todo dia
Da casa onde morava
Não sai da minha memória
Do tempo que eu brincava
Foram muitas travesuras
Quase sempre apanhava

Quando distante ficava
Era lá meu pensamento
Tive muitas alegrias
Bastante divertimento
Tivemos dificuldades
Porém pouco sofrimento

Quero ir nesse momento
Pra fazer recordação
Visitar este lugar
Que deixei meu coração
Retornar ao meu passado
Que pra mim ficou marcado
Nosso antigo casarão.



Este trabalho tem como **objetivo principal** propor uma cartilha educativa do patrimônio material das propriedades da comunidade salobro, situada no município de Messias Targino/RN, como uma forma não só de contribuir para a educação patrimonial da comunidade, como também para salvaguarda da história de uma época.

Cartilha memória viva: Um resgate do patrimônio cultural rural na comunidade Salobro em Messias Targino RN; Lara Almeida Jales.

ENTREVISTA:

Nome: _____

Idade: _____

1. Há quanto tempo mora/morou na propriedade?
2. Tem conhecimento de quem já morou nessa propriedade?
3. Por qual/quais nomes são conhecidos a propriedade?
4. Há lembranças que foram importantes e que se passaram aqui?
5. Acha que os proprietários da região conseguem preservar esses bens materiais?
6. Existia alguma tradição que fazia parte de uma memória coletiva?
7. Você tem conhecimento se nessa propriedade já teve outras mudanças de usos?
8. Se essa casa fosse contada em um livro ou documentário, que parte da história, que você acha inesquecível, não poderia faltar?